



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA CAMILA GABRIELE MOURA

**NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA
NO *INSTAGRAM*: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

FORTALEZA

2018

MARIA CAMILA GABRIELE MOURA

NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA NO
INSTAGRAM: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Prof. Dra. Idilva Germano

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M888n Moura, Maria Camila Gabriele.
NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA NO
INSTAGRAM : UM ESTUDO EXPLORATÓRIO / Maria Camila Gabriele Moura. – 2018.
154 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profª. Dra. Maria Idilva Pires Germano.

1. Câncer de mama. 2. Narrativas. 3. Instagram. 4. Sociedade do Hiperespetáculo. I. Título.

CDD 150

MARIA CAMILA GABRIELE MOURA

NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA NO
INSTAGRAM: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Prof. Dra. Idilva Germano

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Idilva Maria Pires Germano (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Selene Regina Mazza
Centro Universitário Estácio do Ceará – Estácio FIC

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vieira Severiano
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Raimunda Magalhães da Silva
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Às Marias em minha vida.

À Maria, mãe de Deus, que tem passado à frente em minha vida.

À Idilva Maria, minha orientadora.

À Maria Ângela, minha amada mãe.

À Ângela Maria, minha amada sogra.

A Anatole, filho de Maria, genro de Maria e casado com Maria.

AGRADECIMENTOS

Apesar de compreender como dever constitucional do Estado prover e incentivar a educação em todos os níveis de formação, em razão de cumprimento de exigência formal institucional, agradeço à bolsa de mestrado a mim concedida pela CAPES.

RESUMO

Esta pesquisa intenta analisar, sob o viés crítico, de que modo se apresentam as narrativas acerca do adoecimento de câncer de mama na rede social *Instagram*. O atual contexto sócio-histórico, em que tais narrativas se inserem, denominado de Era Digital ou Era Web, é profundamente marcado pela lógica do consumo, evocando um esforço performático e estético, de cunho primordialmente imagético, visando à adequação a um imperativo de felicidade e superação pessoal. Imersas em tal contexto, as redes sociais, dentre elas o *Instagram*, permitem constatar como a estética ocupa lugar de destaque na estrutura social e econômica vigente, revelando a faceta do que Lipovetsky e Serroy (2015) denominaram de sociedade do hiperespetáculo, na qual o *Homo Aestheticus*, sempre em busca do “parecer” em detrimento do “ser”, atua. Portanto, considerando a ausência, até onde alcança nosso conhecimento, de pesquisas que contemplem narrativas de adoecimento de câncer de mama no *Instagram*, reputamos ser de grande relevância estudar o tema aqui proposto. Foram analisadas publicações de dez mulheres diagnosticadas com câncer de mama que narraram acerca de seus adoecimentos no *Instagram*. Problematicou-se os repertórios e posicionamentos por elas apresentados, visando a compreensão da natureza destas narrativas diante da atual conjuntura social. A título de objetivos específicos, analisamos as postagens (compostas por imagens, suas respectivas legendas e comentários de internautas) e as “bios” das participantes— isto é, a autodescrição de cada uma delas. Esta pesquisa tomou por base metodológica a Análise de Conteúdo Temática preconizada por Laurence Bardin. Foram analisadas oitenta e sete publicações das participantes, a partir das quais, mediante a identificação de repertórios semelhantes, verificamos a existência de um padrão narrativo acerca do adoecimento do câncer de mama no *Instagram*. Agrupamos as publicações, a partir das referidas semelhanças encontradas, em duas grandes áreas temáticas: 1) Trajetória de tratamento, revelando o percurso clínico da paciente, contemplando publicações acerca da revelação do diagnóstico, tratamentos usuais (quimioterapia, radioterapia, mastectomia) e remissão da doença; 2) Trajetória do corpo, agrupando publicações em que o corpo da paciente oncológica recebe destaque, seja por meio das transformações corporais advindas do tratamento ou pelos cuidados dedicados à saúde e beleza. Após a sistematização e análise dos dados coletados, identificamos que as participantes tendem a esconder seu sofrimento, narrando histórias mais “felizes” e de superação pessoal, recebendo a validação de internautas, por meio de comentários que reforçam o estereótipo de “guerreiras”. Entendemos, assim, que o *Instagram* fomenta a disseminação de um discurso em que resta presente um imperativo de felicidade, de modo que as participantes, mesmo sob as condições adversas provenientes da enfermidade, se comportam como seres estéticos, performáticos, se apresentando embelezadas e maquiadas, inserindo-se, assim, na mesma lógica consumerista pautada pelo capitalismo artista e reafirmando as normas sociais de gênero, mantendo o padrão do papel heteronormativo. Por fim, observamos, entre as participantes, a reprodução do discurso biomédico no que tange ao conceito de saúde.

Palavras-chaves: câncer de mama, narrativas, *Instagram*, Sociedade do Hiperespetáculo

ABSTRACT

This research tries to analyze, under the critical bias, how the narratives about the sickening of breast cancer are presented on the social network Instagram. The current socio-historical context, in which such narratives are inserted, called the Digital Era or Web Era, is deeply marked by the logic of consumption, evoking a performative and aesthetic effort, of a primordially imaginative nature, aiming at the adaptation to an imperative of happiness and personal overcoming. Immersed in such a context, social networks, among them Instagram, allow us to see how aesthetics occupies a prominent place in the current social and economic structure, revealing the facet of what Lipovetsky and Serroy called the society of the hyperspectacle, in which Homo Aestheticus, always in search of "appearance" to the detriment of "being", acts.

Therefore, considering the absence, to the best of our knowledge, of researches that contemplate breast cancer narratives on Instagram, we believe that it is of great relevance studying the theme proposed here. We have analyzed publications of ten women diagnosed with breast cancer who reported on their illnesses on Instagram. The repertoires and positions presented by them were problematized, seeking to understand the nature of these narratives in the current social context. As for specific purposes, we have analyzed the posts (composed of images, their respective captions and comments of Internet users) and the participants' Instagram bios - that is, the self-description of each one of them on that social network. This research was based on methodological analysis of the Thematic Content advocated by Laurence Bardin. Eighty-seven publications of the participants have been analyzed, from which, through the identification of similar repertoires, we verified the existence of a narrative pattern about the sickening of breast cancer on Instagram.

We have grouped the publications, based on these similarities, into two main thematic areas: 1) Trajectory of treatment, revealing the clinical course of the patient, including publications about diagnosis, usual treatments (chemotherapy, radiotherapy, mastectomy) and remission of the disease; 2) Trajectory of the body, grouping publications in which the body of the cancer patient is highlighted, either through the corporal transformations coming from the treatment or by the care dedicated to health and beauty. After systematizing and analyzing the collected data, we identified that the participants tended to hide their suffering, narrating "happier" stories and personal overcoming, receiving the validation of Internet users, through comments that reinforced the stereotype of "warriors".

We thus understand that Instagram promotes the dissemination of a discourse in which remains an imperative of happiness, so that participants, even under the adverse conditions coming from the disease, behave as aesthetic beings, performing, embellished and in make up, thus inserting themselves into the same consumerist logic guided by artist capitalism and reaffirming social norms of gender, maintaining the pattern of the heteronormative role. Finally, we observed, among the participants, the reproduction of the biomedical discourse with regard to the concept of health.

Key-words: breast cancer, narratives, Instagram, Hyperespectacle Society

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bio <i>Instagram</i> 9	53
Figura 2 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 7	59
Figura 3 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 8	59
Figura 4 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 1	59
Figura 5 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 2	59
Figura 6 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 4	59
Figura 7 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 6	59
Figura 8 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 5	59
Figura 9 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 10	59
Figura 10 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 3	60
Figura 11 – Revelação do diagnóstico <i>Instagram</i> 9	60
Figura 12 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 1	67
Figura 13 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 3	67
Figura 14 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 5	67
Figura 15 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 4	67
Figura 16 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 7	67
Figura 17 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 8	67
Figura 18 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 9	68
Figura 19 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 10	68
Figura 20 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 2	68
Figura 21 – Quimioterapia de <i>Instagram</i> 6	68
Figura 22 – Radioterapia <i>Instagram</i> 10	74
Figura 23 – Radioterapia <i>Instagram</i> 1	74
Figura 24 – Radioterapia <i>Instagram</i> 5	74
Figura 25 – Radioterapia <i>Instagram</i> 4	75
Figura 26 – Radioterapia <i>Instagram</i> 6	75
Figura 27 – Radioterapia <i>Instagram</i> 3	75
Figura 28 – Radioterapia <i>Instagram</i> 9	76
Figura 29 – Radioterapia <i>Instagram</i> 4	76
Figura 30 – Radioterapia <i>Instagram</i> 5	76
Figura 31 – Anúncio mastectomia <i>Instagram</i> 6	80
Figura 32 – Anúncio mastectomia <i>Instagram</i> 5	80

Figura 33 – Anúncio mastectomia <i>Instagram</i> 3	80
Figura 34 – Anúncio mastectomia <i>Instagram</i> 9	80
Figura 35 – Anúncio mastectomia <i>Instagram</i> 4	80
Figura 36 – Mastectomia <i>Instagram</i> 4.....	83
Figura 37 – Mastectomia <i>Instagram</i> 6.....	83
Figura 38 – Mastectomia <i>Instagram</i> 10.....	83
Figura 39 – Mastectomia <i>Instagram</i> 3.....	84
Figura 40 – Mastectomia <i>Instagram</i> 5.....	84
Figura 41 – Mastectomia <i>Instagram</i> 9.....	84
Figura 42 – Mastectomia <i>Instagram</i> 8.....	84
Figura 43 – Remissão <i>Instagram</i> 1.....	95
Figura 44 – Remissão <i>Instagram</i> 4.....	95
Figura 45 – Remissão <i>Instagram</i> 5.....	96
Figura 46 – Remissão <i>Instagram</i> 9.....	96
Figura 47 – Remissão <i>Instagram</i> 7.....	96
Figura 48 – Remissão <i>Instagram</i> 10.....	96
Figura 49 – Remissão <i>Instagram</i> 3.....	97
Figura 50 – Alopecia <i>Instagram</i> 2.....	103
Figura 51 – Alopecia <i>Instagram</i> 9.....	103
Figura 52 – Alopecia <i>Instagram</i> 3.....	103
Figura 53 – Alopecia <i>Instagram</i> 1.....	104
Figura 54 – Alopecia <i>Instagram</i> 2.....	104
Figura 55 – Alopecia <i>Instagram</i> 4.....	104
Figura 56 – Alopecia <i>Instagram</i> 6.....	104
Figura 57 – Alopecia <i>Instagram</i> 7.....	104
Figura 58 – Alopecia <i>Instagram</i> 8.....	104
Figura 59 – Alopecia <i>Instagram</i> 9.....	105
Figura 60 – Alopecia <i>Instagram</i> 10.....	105
Figura 61 – Mastectomizada <i>Instagram</i> 3	112
Figura 62 – Mastectomizada <i>Instagram</i> 9	112
Figura 63 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 1	117
Figura 64 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 8.....	117
Figura 65 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 9.....	117
Figura 66 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 2.....	118

Figura 67 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 4.....	118
Figura 68 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 3.....	118
Figura 69 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 7.....	118
Figura 70 – Efeitos no corpo <i>Instagram</i> 10.....	118
Figura 71 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 10.....	124
Figura 72 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 6.....	125
Figura 73 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 7.....	125
Figura 74 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 9.....	125
Figura 75 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 9.....	125
Figura 76 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 3.....	126
Figura 77 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 6.....	126
Figura 78 – Cuidados com o corpo <i>Instagram</i> 7.....	126
Figura 79 – Beleza e <i>Instagram</i> 1.....	130
Figura 80 – Beleza e <i>Instagram</i> 8.....	130
Figura 81 – Beleza e <i>Instagram</i> 10.....	130
Figura 82 – Beleza e <i>Instagram</i> 5.....	131
Figura 83 – Beleza e <i>Instagram</i> 7.....	131
Figura 84 – Beleza e <i>Instagram</i> 4.....	131
Figura 85 – Beleza e <i>Instagram</i> 6.....	131
Figura 86 – Beleza e <i>Instagram</i> 9.....	131
Figura 87 – Beleza e <i>Instagram</i> 2.....	131
Figura 88 – Beleza e <i>Instagram</i> 3.....	132
Figura 89 – Beleza Americana.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das participantes.....	52
Quadro 2 – Número de postagens por participantes.....	52
Quadro 3 – Temas de autoapresentação na Bio.....	54
Quadro 4 – Menção ao câncer na Bio.....	56
Quadro 5 – Menção à cura.....	61
Quadro 6 – Menção à fé e espiritualidade	61
Quadro 7 – Menção ao início de uma nova fase.....	61
Quadro 8 – Metáforas bélicas e menções a lutas.....	62
Quadro 9 – Revelação do diagnóstico e possíveis paradoxos	63
Quadro 10 – Revelação de diagnóstico e comentários recebidos.....	65
Quadro 11 – Nomes atribuídos à quimioterapia.....	68
Quadro 12 – Postura de confiança.....	69
Quadro 13 – Atualização acerca do estágio do tratamento	69
Quadro 14 – Mal-estar e quimioterapia.....	70
Quadro 15 – Quimioterapia e espiritualidade.....	70
Quadro 16 – Quimioterapia e comentários com repertórios semelhantes	71
Quadro 17 – Quimioterapia e comentários.....	71
Quadro 18 – Radioterapia e tatuagem	76
Quadro 19 – Radioterapia e celebração de seu fim	76
Quadro 20 – Radioterapia e postura confiante	77
Quadro 21 – Radioterapia e comentários	77
Quadro 22 – Mastectomia e participantes	79
Quadro 23 – Mastectomia e estrutura postagem	81
Quadro 24 – Mastectomia e uso de metáforas.....	82
Quadro 25 – Mastectomia e comentários pré-cirurgia	83
Quadro 26 – Feedback após mastectomia	85
Quadro 27 – Após mastectomia e estrutura de postagem.....	86
Quadro 28 – Mastectomia e manifestação de gratidão.....	88
Quadro 29 – Mastectomia e espiritualidade	88
Quadro 30 – Mastectomia e adversidades	89
Quadro 31 – Mastectomia e discursos semelhantes	91
Quadro 32 – Mastectomia e comentários cirurgia.....	91

Quadro 33 – Mastectomia e relatos de prejuízos físicos e emocionais	92
Quadro 34 – Mastectomia e representação corporal	93
Quadro 35 – Remissão da doença	94
Quadro 36 – Remissão da doença e estrutura de postagem.....	97
Quadro 37 – Menção ao meio médico e/ou espiritualidade	99
Quadro 38 – Remissão da doença e comentários	100
Quadro 39 – Remissão da doença e quantitativo de comentários	101
Quadro 40 – Alopecia e humor.....	105
Quadro 41 – Alopecia e empoderamento	106
Quadro 42 – Alopecia e estranhamento.....	107
Quadro 43 – Alopecia e beleza.....	108
Quadro 44 – Alopecia e comentários	109
Quadro 45 – Mastectomizada e temas contemplados.....	113
Quadro 46 – Mastectomizada e temática de comentários	116
Quadro 47 – Demais efeitos corporais relatados	119
Quadro 48 – Demais efeitos corporais e estranhamento	121
Quadro 49 – Demais efeitos corporais e postura confiante	121
Quadro 50 – Demais efeitos corporais e comentários	122
Quadro 51 – Cuidados com o corpo e seus benefícios	126
Quadro 52 – Recurso de embelezamento e efeito relatado	132
Quadro 53 – Estratégias de adaptação.....	133
Quadro 54 – Temporalidade	133
Quadro 55 – Beleza e dicas	134
Quadro 56 – Beleza e Hashtags.....	134
Quadro 57 – Beleza e comentários	135

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O ADVENTO DE UMA NOVA VIVÊNCIA DO ADOECER: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE O CÂNCER DE MAMA NA ERA DIGITAL	19
2.1 Câncer ontem e hoje	20
2.2 Era Web: a ficcionalização do real	24
2.3 Sociedade imagética: narrando por imagens	39
3 PERCURSO METODOLÓGICO	43
3.1 Fundamentação metodológica: pesquisando o novo	43
3.2 Iniciando a pesquisa	46
3.2.1 <i>Escolha das participantes</i>	47
3.2.2 <i>Escolha das publicações</i>	49
4 O CÂNCER DE MAMA NO INSTAGRAM: resultados e discussão das análises das narrativas de adoecimento de dez mulheres diagnosticadas com câncer de mama	51
4.1 Conhecendo as participantes	51
4.2 Análise das “Bios”	53
4.3 Trajetória de Tratamento	58
4.3.1 <i>Início das Narrativas: revelação do diagnóstico</i>	58
4.3.2 <i>Quimioterapia</i>	66
4.3.4 <i>Mastectomia</i>	78
4.3.5 <i>Remissão da Doença</i>	94
4.4 Trajetória do corpo	101
4.4.1 <i>Transformações corporais</i>	102
4.4.1.1 <i>Alopecia</i>	102
4.4.1.2 <i>Mastectomia</i>	111
4.4.1.3 <i>Outros efeitos sentidos no corpo</i>	117
4.4.2 <i>Cuidados com o corpo</i>	123
4.4.2.1 <i>Saúde do corpo</i>	124
4.4.2.2 <i>Beleza do corpo</i>	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	151
APÊNDICE B - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO	153
APÊNDICE C - FORMULÁRIO DIGITAL COM DADOS PESSOAIS DAS PARTICIPANTES	154
APÊNDICE D - RESPOSTA DAS PARTICIPANTES	154

1 INTRODUÇÃO

A tomada de consciência de nossa condição histórica é um dos mais preciosos instrumentos para uma compreensão mais acurada da sociedade contemporânea e dos fenômenos aí locados. A Sociologia, a Psicologia, assim como outras áreas de conhecimento não cessam em apontar que nós não existimos enquanto essência imutável, mas somos constituídos no devir das relações com os nossos semelhantes e com o mundo em nosso entorno. A maneira do ser humano de se portar e pensar é enraizada e constituída em estreita relação com o corpo social que integra. Nós somos o que somos a partir de uma “negociação” com a sociedade, sociedade esta que “não só patrocina os elementos identitários como controla e vigia com rigor o uso que fazemos deles.” (BARROS FILHO; KARNAL, 2016, p.51).

Assim sendo, o pesquisador que se propõe a trabalhar com Psicologia Social sabe, por estudo e experiência, que estamos sob incessante influência do meio - ao passo que concomitantemente também o influenciemos - e, portanto, não ignora que nossos comportamentos e escolhas, pessoais e profissionais, não são à toa nem arbitrárias, mas sempre dizem algo de nós, de nossa vivência, de onde estivemos ou estamos. Acreditamos, assim, que o vínculo entre objeto de estudo e o pesquisador, embora algumas vezes seja difícil de decifrar, diz respeito ao contexto sócio histórico no qual está inserido, estando, também, intrinsecamente ligado a motivações pessoais que mobilizam o pesquisador. No presente caso, o tema de pesquisa e a vida pessoal da pesquisadora se (con)fundem. Entretanto, buscamos ser cautelosos na identificação das nuances do que pode ser levado adiante e analisado com rigor metodológico, e o que merece, apenas, ser reservado à análise pessoal.

A presente pesquisa, com efeito, nasceu da minha experiência pessoal após o diagnóstico de um tipo raro, e agressivo, de câncer de mama – carcinoma metaplásico de células fusiformes – há cerca de três anos.

Outrossim, na ocasião, já era usuária do aplicativo *Instagram* e registrava, na rede social, trivialidades cotidianas: fotos com amigos, no trabalho e as sintomáticas *selfies* de nossa geração. Após o diagnóstico, me pareceu natural compartilhar o novo cotidiano. Publiquei, então, em minha conta pessoal do aplicativo, para amigos e desconhecidos, que estava iniciando uma nova etapa em minha vida: o tratamento contra o câncer. Durante um ano registrei todas as etapas do tratamento, que incluiu: 16 quimioterapias, 28 radioterapias, mastectomia radical bilateral, cirurgias de reconstrução, cuidados alternativos, cuidados com aparência, entre outros, sempre compartilhando, na rede social em questão, fotos e legendas de cunho majoritariamente explicativo.

Passei, então, a ser acompanhada virtualmente por quase dez mil pessoas, os denominados “seguidores”. Dei diversas palestras, inúmeras entrevistas para jornais locais, e até nacionais, chegando a figurar na capa de um caderno de jornal. Em tais ocasiões, o tema do compartilhamento virtual de minha situação “peculiar” sempre se destacava como a abordagem principal das discussões e das matérias jornalísticas. De todo modo, a repercussão das postagens e os *feedbacks* me intrigavam, haja vista os diversos comentários nas redes sociais e nos meios de comunicação. A experiência marcante de enfrentamento de um diagnóstico grave, seguida de tratamento bastante invasivo, aliadas à publicização no *Instagram*, me suscitou diversas questões, algumas de cunho pessoal, trabalhadas internamente, e outras tantas que considero de interesse social e acadêmico, que busquei abordar nesta pesquisa.

O uso constante e prolongado do aplicativo me possibilitou conhecer outras mulheres com realidades semelhantes: diagnosticadas com câncer de mama e que publicavam suas vivências no *Instagram*. A escolha da referida rede social para compartilhar o tratamento é emblemática, pois se trata de uma mídia que, como será discutido posteriormente, é sobretudo imagética, na qual prevalecem postagens de momentos felizes e de sucesso, o que vai de encontro à exposição do adoecimento. É curioso, ainda, que, até poucos anos atrás, o adoecer de câncer era vivido na experiência do privado. Neste contexto, me despertou atenção sobre o que haveria possibilitado que eu, e inúmeras outras mulheres, passassem a viver uma doença grave publicamente e postar, por vezes, com certo orgulho e alegria, uma realidade tão dura.

Surgia, então, a questão: o que nós, mulheres diagnosticadas com câncer de mama, estávamos publicando na *web*? Por qual motivo o perfil público do *Instagram* de uma mulher adoecida, que enfrenta rotinas especiais de cuidado, sintomas severos e drásticas mudanças no corpo, exhibe fotografias felizes e evidenciando sucesso pessoal? Essas foram as perguntas de partida que me motivaram à pesquisa.

Por meio do compartilhamento virtual de fotos, encontram-se pistas de como a experiência do adoecimento e o autoposicionamento do enfermo vem se (re)construindo: a vergonha e a privacidade acerca da doença vão perdendo espaço e a publicização vem tomando seu lugar; a doença, que muitos sequer pronunciavam o nome, tem detalhes minuciosos expostos (como sala de quimioterapia, medicações e cuidados); a sentença de morte que o estigma do câncer trazia é substituída pelo sorriso no rosto das enfermas registrados em *selfies*. Parece-nos, sobretudo, que o imperativo de felicidade surge como valor maior e questões relativas ao corpo, seja ele saudável ou adoecido, recebem destaque, de modo que, mesmo sob condições adversas, nos representamos enquanto seres estéticos.

Sabe-se que o uso em massa das novas tecnologias de comunicação nos aponta que a sociedade se encontra em plena via de transição para um novo período histórico, o da chamada Era Digital, onde se evidenciam o compartilhamento de narrativas de si e um regime de visibilidade. Juntamente com esse novo momento da sociedade, surgem novos comportamentos, configurações de vida, saberes e práticas, inclusive sobre o adoecer, nos apontando que, atualmente, também se transmutam o modo como se vê e se posiciona a pessoa enferma e o modo como é vista e posicionada por outros.

Partindo, então, de minha experiência pessoal e das perguntas a partir daí suscitadas, emergiram algumas questões a serem estudadas. A primeira refere-se aos vários pontos em comum nas postagens de mulheres não enfermas e enfermas que compartilham suas realidades no *Instagram*: a constante exposição do eu a um público muitas vezes desconhecido e o atravessamento pelo imperativo da felicidade, em que mulheres sadias e doentes aparecem, na maior parte das vezes, sorridentes em suas fotografias. Outra questão que nos intrigava inicialmente se referia a um possível itinerário terapêutico apresentado virtualmente, no qual, por meio de postagens, pudéssemos acompanhar a trajetória de tratamento das participantes. Assim, dado o atual contexto e as questões aqui colocadas, consideramos pertinente pesquisar narrativas autobiográficas de mulheres com câncer de mama.

Por estarmos locados numa sociedade cada vez mais imagética e por pretendermos abordar nesta pesquisa a narrativa desse adoecer, nos pareceu adequado a escolha do *Instagram*, criado em 2010, como ferramenta de pesquisa, uma vez que se trata de uma rede social em ascensão em que as imagens são seu foco principal, propiciando terreno fértil para a produção de narrativas. Em seu site, o aplicativo é definido como um lugar “autêntico e seguro para inspiração e expressão”, sendo assim, “um reflexo da nossa comunidade de culturas, idades e crenças diversificadas.” (INSTAGRAM, 2017).

Destarte, consideramos que o objeto da pesquisa poderia ser analisado por meio das postagens produzidas por mulheres, diagnosticadas com câncer de mama, que narraram, por meio do *Instagram*, sua história de adoecimento. Para tanto, analisamos o perfil no *Instagram* de dez mulheres diagnosticadas com câncer de mama, e que publicizavam, por meio de postagens, o vivenciar da doença e seu tratamento. Optamos, então, por analisar a produção de conteúdo postado por essas mulheres pelo ponto de vista de internautas, que chegam a esses perfis, muitas vezes, ao acaso, e testemunham o modo como o adoecer vem sendo narrado no contexto da rede social *Instagram*.

Esta pesquisa, é norteada pela Psicologia Social Crítica, e por um olhar construcionista, adotando, então, uma “postura crítica, de constante questionamento daquilo que é considerado

como óbvio ou natural ou que se estabilizou tornando-se uma verdade cristalizada.” (MÉLLO et al., 2007, p. 27). Estamos consonantes com tal postura pois entendemos o adoecer como algo histórico e culturalmente configurado, e não como uma condição estática.

Intencionamos, portanto, abordar a natureza das narrativas produzidas por mulheres adoecidas com câncer de mama, que tomam a iniciativa de compartilharem seus adoecimentos com (des)conhecidos no *Instagram*, e que conclusões podemos extrair do modo que tais mulheres se retratam perante seus seguidores, isto é, suas audiências.

Deste modo, à guisa de objetivo geral, buscamos, neste estudo exploratório, identificar os elementos que compõem as narrativas de adoecimento de câncer de mama no *Instagram*. De tal modo, procederemos à análise das publicações de mulheres com câncer de mama que compartilham seu adoecer na rede social virtual *Instagram*, possibilitando, assim, por meio de um viés crítico, analisar em que conjuntura social se inserem tais publicações. À guisa de objetivos específicos, intentaremos analisar os perfis no *Instagram* de mulheres diagnosticadas com câncer de mama, incluindo imagens e suas respectivas legendas, comentários de internautas, as “bios” – isto é, a descrição de cada perfil – identificando natureza das narrativas produzidas por tais mulheres. Problematizou-se, ainda, mediante uma postura crítica, os repertórios e posicionamentos por elas apresentados na referida rede social, possibilitando a compreensão da natureza destas narrativas diante da atual conjuntura social.

Assim, a partir de nossas perguntas iniciais, da formulação de hipótese e dos objetivos traçados, se iniciou nossa pesquisa. É preciso levar em conta, ainda, que a compreensão da temática escolhida em nosso projeto apenas se torna possível após um mínimo de conhecimento acerca do contexto sócio histórico em que as participantes da pesquisa estão inseridas, uma vez que justamente tal panorama viabilizou a emergência do problema de pesquisa, destacando, assim, que os diversos modos de ser existentes – inclusive do enfermo hoje – são construções sociais, possuindo relação direta com o período histórico e a configuração cultural em que se encontram.

Deste modo, no capítulo seguinte realizaremos uma contextualização histórica acerca do adoecer de câncer, destacando, ainda, em que cenário histórico social a pesquisa se situa, evidenciando, neste intuito, a evolução recente da sociedade até o que se denomina Era Digital ou Era Web, expondo de que modo uma nova perspectiva de narrar a si surge com as redes sociais, dentre elas o *Instagram*. Igualmente, abordaremos a evolução da fotografia como recurso imagético tendente à construção de discursos e narrativas.

No terceiro capítulo, será exposta a fundamentação metodológica que ancorou nosso estudo e propiciou o instrumento para análise do conteúdo extraído do campo de pesquisa. Será exposto, ainda, o percurso metodológico que adotamos ao longo da coleta do material de estudo.

No quarto capítulo, realizaremos a sistematização e discussão dos resultados, mediante a análise do material coletado. Foram analisadas oitenta e sete publicações das participantes, a partir das quais, mediante a identificação de repertórios semelhantes, verificamos a existência de um padrão narrativo acerca do adoecimento do câncer de mama no *Instagram*.

Por fim, no quinto e último capítulo, traremos nossas considerações finais, expondo as conclusões extraídas a partir da análise do material coletado e do viés crítico que orienta o presente trabalho.

2 O ADVENTO DE UMA NOVA VIVÊNCIA DO ADOECER: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE O CÂNCER DE MAMA NA ERA DIGITAL

Iniciamos nossa discussão destacando que o adoecer de câncer, tal como tem se apresentado hoje nos sites de redes sociais, deriva de uma construção histórica recente posto que há não muito tempo seria impensável vincular adoecimento e redes sociais virtuais. “O câncer possui uma história repleta de ‘imagens da vergonha’.” (SANT’ANNA, 1997, p.43), o que fez com que ele fosse, durante séculos, vivenciado na esfera do privado, sendo pouco discutido e exposto. No entanto, esta privacidade do adoecer e a vergonha a ele atrelada parecem estar esmaecendo nos dias atuais. O silêncio e a discrição com os quais a doença era experienciada vão de encontro às mais de 8 milhões e 600 mil publicações com a *hashtag* #cancer no aplicativo *Instagram* encontradas hoje (05 de fevereiro de 2018) – *hashtag* é um tipo de ferramenta utilizada no aplicativo em questão; elas agregam, como em um álbum virtual, publicações que a utilizaram. É inegável, então, que algo tem mudado e que estamos diante de um novo fenômeno social: o adoecer na era do compartilhamento virtual.

O que aconteceu nesse ínterim histórico que levou o câncer, vivido prioritariamente na esfera do privado, a ser veiculado em larga escala? O que possibilitou o registro fotográfico de sessões de quimioterapia e seu compartilhamento em redes sociais virtuais? É evidente que em meio a este fenômeno, que suscita tantos questionamentos, encontra-se o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação.

Evidências, como as milhões de publicações sobre o próprio adoecer de câncer em contas pessoais do *Instagram*, nos apontam que hoje se vive o câncer de uma maneira diferente de outrora. Somos, então, convidados a refletir brevemente sobre outras formas de vivenciá-lo anteriormente, a fim de melhor compreender o que se tem modificado. Há diversos estudos,

como os de Sant'Anna (1997), Holland e Weiss (2010), Barbosa e Francisco (2007), Silva (2008), entre outros, que apontam que o contexto cultural e as representações do câncer se modificaram ao longo de nossa história e cultura, assim, as representações sociais sobre o câncer sofreram significativas mudanças ao longo dos últimos séculos.

2.1 Câncer ontem e hoje

Os registros históricos acerca do câncer de mama nos remetem ao Egito Antigo e datam do ano 2.500 a.C. Hipócrates, denominado pai da medicina, também debruçou parte de sua obra ao câncer de mama. (GOMES et al., 2002). Não nos cabe traçar todo o percurso histórico desta doença, no entanto, “não falar sobre câncer no passado implica em dificuldades para abordar o assunto no presente” (SANT'ANNA, 1997, p.53), por isso, consideramos relevante nos remetermos à historicidade do câncer a fim de possibilitar uma melhor compreensão de sua apresentação hoje.

Desde os primórdios de sua descoberta, o câncer de mama tem sido considerado uma doença “maldita”, estigmatizada e, durante séculos, foi considerado incurável, dado que a maior parte dos tratamentos falhava e a doente era levada a óbito (SCHULZE, 1993). Foi Galeno, médico e filósofo grego do século II d.C, que primeiramente afirmou que se tratava de uma doença curável, mas somente se suas “raízes” fossem extirpadas. O câncer começou, então, a ser comparado a um caranguejo que se movimentava para todos os lados, sendo suas pernas as raízes que penetravam em todas as direções (SABBI, 1999).

Até as primeiras décadas do século XX muitas ideias errôneas eram formuladas acerca do câncer. Por muito tempo, ele foi considerado contagioso e associado à falta de limpeza e à sujeira: tanto física como moral. Isso contribuía para a solidificação do estigma negativo da doença e “tal como a sífilis, o câncer parecia um castigo” (SANT'ANNA, 1997, p.47). A pessoa adoecida de câncer enfrentava, então, não somente o seu adoecimento como o preconceito e o isolamento social.

À medida que os avanços tecnológicos possibilitaram melhoria nos métodos de diagnóstico e de tratamento, o câncer passou a ganhar mais espaço na mídia e a ser abordado como uma doença que, se descoberta em seu início, poderia ser curada. A partir da década de 1950 houve um aumento de sobrevivência de pacientes e de sobreviventes à doença. Dada, então, a maior expectativa de vida de pacientes oncológicos, foi possível que novos estudos fossem realizados. Surgiu, assim, a preocupação em estudar a adaptação psicossocial dos pacientes, assim como de suas famílias (SANT'ANNA, 1997).

Já nas décadas de 60 e 70 a autora supracitada nos mostra que foi intensificada a atenção

a fatores relacionando a esfera psíquica à doença. Alguns comportamentos e afetos facilitariam o surgimento do câncer, como comportamentos passivos e depressivos. Neste contexto, insere-se ao tratamento a importância do autoconhecimento e do conhecimento do próprio corpo. Neste período, o enfermo “ganha voz” para falar de suas dificuldades emocionais e é impelido a buscar meios que o possam fortalecer emocionalmente. É, então, a partir da década de 1970, que as experiências de mulheres com câncer de mama passam a ser disseminadas, embora de maneira bastante diferente da que presenciamos hoje.

O câncer de mama passou a ser efetivamente mais exposto e debatido a partir da década de 1990, quando várias campanhas relacionadas ao câncer, tanto educativas como para arrecadação de recursos, foram iniciadas. Empresas privadas passaram a investir em hospitais e campanhas contra o câncer. Algumas dessas campanhas mobilizavam somas milionárias e contavam com a aderência de famosos, como a do *slogan* “O câncer de mama no alvo da moda”, que revertia os recursos arrecadados para o Instituto Brasileiro de Controle do Câncer (IBCC) (GOMES et al., 2002).

Também na década de 1990 iniciou-se em Nova York o movimento Outubro Rosa, mundialmente celebrado como símbolo da “luta” ao câncer de mama, e sendo considerado hoje o maior movimento com objetivo à conscientização e combate às mazelas físicas e psicológicas ocasionadas pelo câncer de mama. O movimento tornou-se mundial e desde 2002 o Brasil aderiu à campanha por meio de organizações não-estatais e pelo próprio poder público. Isto contribuiu para que a doença fosse mais conhecida e desmistificada, o que ajudou a diminuir diversas barreiras sociais que impediam o conhecimento e a identificação de vários contornos relativos à doença, tornando-a, de certa forma, mais aceita e reconhecida pela sociedade. Ademais, o movimento tende a fomentar a discussão e o relato de experiência, sempre apresentando pessoas que enfrentaram, ou enfrentam, a doença, o que promove o empoderamento das mulheres enfermas e a desconstrução da visão apenada que usualmente – e quase que involuntariamente – se desfere às pacientes (OUTUBRO ROSA, 2017).

Atualmente, o câncer de mama se insere no patamar estatístico de segundo tipo de neoplasia mais comum entre as mulheres, restando atrás, somente, do câncer de pele não melanoma. Não por acaso, desponta como uma das principais enfermidades objeto de campanhas públicas destinadas à conscientização e à identificação de possíveis sintomas. Em face de tal abrangência, e, principalmente, diante de seu grave quadro clínico – que exige, não raro, longos tratamentos – vêm se tornando uma grande questão de saúde pública (INCA, 2017).

Segundo análise realizada pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), somente para o biênio de 2016/2017 são esperados mais 57.960 novos casos de câncer de mama no Brasil. No

biênio anterior, de 2014/2015, fora apresentado, pelo mesmo Instituto, uma estimativa de 57.120 novos casos. Tais dados revelam que a enfermidade está longe de ser debelada ou atenuada, com a tendência, ao contrário, de leve crescimento estatístico. Ademais, o câncer de mama representa 28% de todos os tipos de neoplasia que acometem as mulheres, tendo sido responsável, em 2013, pela morte de 14.206 pacientes do sexo feminino (INCA, 2017). Neste cenário, de constante evolução de surgimento de novos casos, é fato notório a importância da enfermidade como objeto de políticas de saúde pública, ante os dados alarmantes que se apresentam nos dias atuais. Assim, o câncer de mama tem ganhado espaço em nossa sociedade e mais atenção e investimento de nosso governo. “O controle do câncer de mama tornou-se prioritário na Política Nacional de Atenção Oncológica, firmada em 2005, e no Pacto pela Saúde, em 2006 – estabelecido entre a União, Estados e municípios e no qual são elencadas as prioridades para a construção de políticas públicas de saúde” (CUNHA, 2013, p.51).

É notório que o câncer não é mais a doença unicamente da vergonha e do silêncio, sendo cada vez mais exposta ao debate e recebendo maciços investimentos governamentais. No entanto, acreditamos que o mau estigma da doença ainda se faz presente e merece ser problematizado e desconstruído. Infelizmente, ainda hoje não é raro nos depararmos com pessoas que não pronunciam o nome “câncer”, como se esta palavra fosse amaldiçoada, e se referem a ele somente como “C.A”. Também se faz evidente o mau estigma do câncer quando a grande mídia, ao tratar de violência, corrupção, uso de drogas, entre outros desvios de conduta, nos fala de “cânceres sociais”. A linguagem militar utilizada para falar da doença, em face da qual “a radioterapia é o bombardeamento com raios tóxicos e a quimioterapia objetiva matar as células cancerosas” (GOMES et al., 2002, p.201) e suas enfermas são tidas como “guerreiras”, nos demonstra que ainda há um longo percurso a trilhar para a desmistificação a doença.

Neste contexto, receber a notícia do diagnóstico de câncer de mama se configura como tarefa difícil, uma vez que “a má reputação do câncer, em particular do câncer de mama, atravessa as décadas e as culturas” (SANT’ANNA, 1997, p.50). O mau estigma histórico atrelado a ele favorece com que este permaneça sendo visto por muitos como uma irrefutável sentença de morte, o que pode provocar sérios transtornos aos recém-diagnosticados. O câncer de mama envolve ainda outros estigmas, além dos já abordados aqui - como da morte – pois, há outras questões próprias da feminilidade envolvidas, como a perda da mama na mastectomia e a perda do cabelo.

O diagnóstico deste tipo de câncer, assim como o tratamento, envolvendo quimioterapia, radioterapia e mastectomia ou quadrantectomia, é bastante desgastante física e emocionalmente. Cada paciente diagnosticada enfrentará os percalços da doença e do

tratamento de uma maneira singular, desenvolvendo mecanismos de defesa peculiares a cada uma. Sentimentos depressivos ou de desespero são comuns durante o tratamento (MENEZES et al, 2012). Estratégias pessoais são, então, traçadas para lidar com a situação da melhor maneira possível. O paciente oncológico utilizará estratégias de enfrentamento, contando com sua conduta pessoal frente ao diagnóstico e com o apoio social, que afeta seu modo de agir, para melhor dispor de recursos para lidar com a doença. A importância do fator social e sua influência na conduta da paciente é inegável no transcorrer do tratamento. “A forma como o grupo social percebe o surgimento de uma doença e a evolução do tratamento do câncer influenciam a escolha dos recursos de enfrentamento que o paciente utilizará (SANTANA et al., 2008, p.372).

As expressões “estratégias de enfrentamento” e “apoio social” possuem amplo significados e vasta literatura a respeito. No entanto, como nos mostra Gimenes (1997), há na Psicologia certa falta de clareza quanto à definição, função e mensuração do termo enfrentamento. Originalmente, a palavra enfrentamento é tradução do termo *coping*, de origem inglesa, utilizada para “expressar qualquer tipo de ações ou comportamentos apresentados para lidar com um perigo ou um inimigo, situações ameaçadoras ou problemáticas, etc” (GIMENES, 1997, p. 111). Estamos alinhados com Lazarus e Launier (1978), haja vista que consideramos que o enfrentamento não se trata de uma ação isolada, mas de um conjunto de respostas onde a pessoa e o ambiente se influenciam mutuamente. Gimenes (1997, p.116) fez uma análise global de várias definições de enfrentamento e chegou a algumas conclusões:

- A maioria das definições compartilham a ideia de que as pessoas ativamente respondem às exigências impostas a elas.
- Todas compartilham a noção de que o enfrentamento corresponde à ação ou aos comportamentos que as pessoas apresentam para lidar com situações difíceis e estressantes.
- A maioria das definições entendem o enfrentamento como inseparável tanto do estresse experienciado pela pessoa no seu contexto de vida, ou seja, demanda externa, quanto dos estados emocionais relacionados à sua vida emocional, ou seja, demandas internas.
- Todas as definições implicam na compreensão da natureza do enfrentamento, ou seja, do referencial teórico que oferece subsídio para a sua compreensão.

São inúmeros os tipos de estratégias de enfrentamento utilizadas pelas pessoas. No entanto, não cabe no escopo desta pesquisa elucidar as várias definições e nuances para o termo. Adotaremos, então, uma perspectiva mais geral do conceito, referindo-se a ele como adaptação sob condição difícil e levando em consideração as conclusões acima de Gimenes (1997). Voltaremos a abordar este termo em nossa análise de dados, uma vez que questionamos sobre a possibilidade de novas estratégias de enfrentamento a partir da utilização do *Instagram* por pacientes oncológicas.

Sabemos que o suporte social pode ajudar a diminuir os efeitos negativos de algumas experiências vivenciadas por pacientes oncológicos. Patrão e Leal (2004) nos mostram que vários estudos apontam o efeito direto e moderador do suporte social associado a mais baixos níveis de ansiedade e depressão e a um melhor ajustamento emocional. Pesquisas apontam, ainda, que mulheres com câncer de mama, que possuem um bom suporte social, demonstram um menor impacto da doença, proporcionando assim bem-estar e aumento da qualidade de vida. O apoio social se configura, na maior parte das vezes, como um suporte social advindo de familiares e amigos. Existem ainda relevantes redes de apoio social, onde não somente o doente, mas também sua família, encontram suporte para vivenciar com mais leveza a enfermidade. Tais redes proporcionam grupos de encontros presenciais em diversas associações aos doentes e suas famílias. Estes espaços são encarados como lócus de compartilhamento de realidades, onde dúvidas podem ser tiradas e angústias escutadas. A eficácia do apoio social por meio de grupos terapêuticos já vem sendo constatado em diversos estudos, como nos apontam (MENEZES et al., 2012, p.235).

Durante décadas, muitas pacientes procuravam manter segredo sobre suas doenças, fato que as redes de apoio social a pacientes com câncer de mama tentam modificar e que só recentemente começaram a ter sua relevância reconhecida (RAMOS; LUSTOSA, 2009). Hoje, sabe-se da importância do apoio social para o tratamento, no entanto, por ser uma doença permeada de vergonha, “os modos de enfrentamento do câncer permanecem, em grande medida, confinados ao silêncio, principalmente quando se trata de câncer de mama” (SANT’ANNA, 1997, p. 43). Segundo a autora, os modos de enfrentamento do câncer de mama abordam a história de um segredo difícil de ser partilhado.

2.2 Era Web: a ficcionalização do real

Paralelamente ao contexto de reconhecimento e valorização do apoio social a pacientes com câncer, um novo contexto emerge: o de compartilhamento das experiências de vida dos pacientes oncológicos não somente em grupos temáticos destinados aos mesmos e suas famílias, mas por meio das redes sociais virtuais. Encontra-se cada vez mais pacientes oncológicos compartilhando seus diagnósticos e tratamentos nas redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, e recebendo *feedbacks* positivos de outros doentes em condições similares. Percebe-se, assim, um novo caminho que está sendo trilhado para a desmitificação da doença e a construção de uma nova etapa na história do câncer. Sabemos que “os diversos tipos de suporte social têm uma influência importante na vivência do cancro da mama como uma experiência positiva” (PATRÃO, 2007, p.70), no entanto, não encontramos nenhuma literatura

que vinculasse esse novo tipo de apoio, o “apoio virtual” na plataforma *Instagram*, enquanto apoio social para mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Assim sendo, voltaremos a esse assunto em nossa análise de dados.

Sant’Anna (1997, p.66) nos aponta que, apesar dos avanços, ainda há significativas zonas de silêncio quando se fala de enfrentamento ao câncer de mama. A história do câncer não terminou, portanto,

resta aos pesquisadores a necessidade de penetrar em suas zonas de silêncio, não apenas nas épocas em que a solidão remetia à imagem da doente isolada em seu quarto sombrio, calada e avessa ao exame médico, mas, também, em nossos dias, quando se desenvolve uma forma peculiar de solidão que, diferentemente do passado, é povoada pelo suceder desgastante dos exames, pelas recomendações prolixas sobre os medicamentos e pela proliferação exaustiva de tratamentos científicos, paracientíficos, místicos, etc.

A pretensão de compreender qualquer grupo social específico, no presente caso o de mulheres diagnosticadas com câncer de mama que compartilham seus cotidianos no *Instagram*, implica no entendimento do contexto em que tal grupo está inserido. O comportamento de compartilhar informações pessoais, até mesmo sobre o adoecer, somente se tornou possível a partir do surgimento das novas tecnologias de comunicação na contemporaneidade. É preciso, portanto, compreender que lugar tais tecnologias ocupam em nossa sociedade, assim como conhecer o que possibilitou sua adesão em massa.

O uso disseminado das novas tecnologias de comunicação nos aponta que a sociedade se encontra em plenas vias de transição para um novo período histórico, o da chamada *Web 3.0*. Juntamente com esta nova etapa da sociedade, surgem outros comportamentos e configurações de vida. Salientar, portanto, que os diversos modos de ser são construções sociais e possuem relação direta com o período histórico em que se encontram é crucial para nossos escritos, uma vez que esta pesquisa se propõe a estudar uma nova maneira de vivenciar o adoecer de câncer de mama, através do compartilhamento de tal diagnóstico oncológico na rede social virtual *Instagram*, o que só foi possibilitado dadas às mudanças estruturais na sociedade.

Estas questões indicam que se faz imprescindível a contextualização sócio- histórica do período atual a fim de possibilitar um melhor entendimento do fenômeno a ser pesquisado. Ademais, como nos convida Spink (2015) a proceder, também será necessária para a compreensão do fenômeno, a incorporação da realidade vivida por essas mulheres utilizando novos métodos de pesquisa, tendo como destaque suas narrativas. Portanto, a psicologia narrativa e a análise de discurso nos auxiliarão a compor o escopo desta pesquisa.

É preciso, portanto, que a realidade vivida pelos pacientes seja incorporada nas pesquisas científicas, para além das interpretações que pesquisadores bem-intencionados fazem dessas vivências. Isso exige novos métodos, entre eles, a

incorporação de narrativas pessoais nos trabalhos sobre atenção à saúde... (SPINK, 2015, p. 121)

A compreensão da construção sócio-histórica de nossa maneira de ser no mundo, implica observar o lugar que ocupavam no passado as condutas que hoje são tidas como “naturais”. Instituições, valores e condutas são construídos ao longo dos séculos, a depender de contingências próprias de cada época. “O diagnóstico de uma enfermidade, como o ato de decisão de um juiz, ou a prática de um psicólogo estão diretamente relacionados à tradição em que se inserem” (MÉLLO, 2012, p. 17). Assim, o adoecer que aqui será estudado se apresenta também como histórico e socialmente configurado.

Se outrora, há não muito tempo, o adoecimento era vivido na esfera do privado, estamos em plenas vias de uma nova construção desse adoecer: a do adoecer na era do compartilhamento virtual, onde jovens e adultos compartilham na *web* suas rotinas de enfermos e seus tratamentos médicos. Se há pouco a doença provocava vergonha e até culpabilização, hoje ela é exposta nas redes sociais virtuais e encarada como uma “luta” a ser vencida e compartilhada.

O surgimento desta nova forma de pensar e viver o adoecer se coloca como objeto de estudo da Psicologia Social Crítica, com a qual nos propomos a trabalhar, posto que esta não se limita somente a ter uma visão crítica do mundo contemporâneo, mas “além disso, interessa-se por indicar os sinais que evidenciam o surgimento e/ou os fragmentos de novas formas de pensamento” (LIMA; JUNIOR, 2014, p. 10). Portanto, para o melhor entendimento do objeto de nossa pesquisa, será necessário um retorno ao período histórico anterior ao atual.

Após as Grandes Guerras Mundiais, mais especificamente a partir da década de 1950, as sociedades americanas e europeias se tornaram fortemente presas ao consumismo. Nascia, então, novas maneiras de ser, em uma nova sociedade, que Guy Debord denominava de ‘sociedade do espetáculo’ (LIPOVETSKY, 2005). O referido autor, lançou, em 1967, o livro *La Société du Spectacle - A Sociedade do Espetáculo*, um ensaio político que possui como tese central o triunfo do capitalismo na sociedade industrial moderna, de tal modo que os bens de consumo ganharam lugar de destaque, passando as mercadorias a serem “os verdadeiros donos da vida” (LLOSA, 2013, p. 21). Debord aponta, então, que o homem, fruto do capitalismo, cria necessidades a fim de manter o mercado sempre em expansão. É nesse contexto de expansão de mercado e de surgimento de uma nova maneira de ser que o entretenimento, através da popularização da TV, toma lugar central na sociedade.

Já a partir da década de 1980, com o consumo intenso de bens e serviços, há a manifestação embrionária da sociedade pós-moderna, na qual o consumo adota mais fortemente o individualismo como ética e ideologia. Segundo Severiano (2001), a pós-modernidade

caracteriza-se por seus integrantes serem inquietos, dinâmicos e personalizados. Os sujeitos não se identificam mais pela busca do bem comum, mas pela sua própria e única realização. Abre-se espaço para o apreço à diversidade e à pluralidade, configurando novos sujeitos, com traços individualistas marcantes e com o anseio de “ser único” (LIPOVETSKY, 2005). Severiano e Estramiana (2006) afirmam, ainda, que a pós-modernidade traz consigo uma ruptura com as ‘verdades universais’ e com os ‘princípios gerais’, o que conduziria um retorno do homem a si mesmo, possibilitando assim o surgimento de uma personalidade narcisista, que atenta primordialmente a seu bem-estar pessoal, satisfação e interesses, possuindo o ato de consumir como caminho condutor a tão buscada satisfação. O homem deste período pode ser caracterizado como um ser egocentrado e hedonista, que prioriza o presente e negligencia, tanto quanto possível, o passado e o futuro.

Em seu livro datado de 1983, *A era do vazio*, Gilles Lipovetsky (2005) traz como uma das características da sociedade pós-moderna a tendência de seus integrantes de consumir cada vez mais e de serem cada vez mais individualistas. Segundo o autor, o homem pós-moderno a tudo se adapta e não acredita mais em verdades universais. Constata-se um vazio de certezas, sendo cada vez mais rápidas as modificações na sociedade e no pensamento do homem. O autor relata que na década de 1980, contraditoriamente, “o indivíduo quer ser só, sempre e cada vez mais só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só” (LIPOVETSKY, 2005, p. 30). Tal afirmação nos dá indícios de uma conduta recorrente na atualidade, que abordaremos posteriormente: a da constante necessidade de o sujeito estar sempre se comunicando, sempre conectado, ao mesmo tempo que se isola do mundo externo por trás de uma tela, seja de celular ou de computador. Questionamo-nos, portanto, de que modo esta nova conduta, de estar sempre conectado, influencia antigas vivências, como a do adoecimento.

Este cenário antecede o período que vivenciamos hoje, ao qual são atribuídos diferentes termos, a depender do autor. Por exemplo, Lipovetsky adota o termo “hipermodernidade”, enquanto Bauman nos trará o conceito de “modernidade líquida”, outros falarão ainda de “era digital”, etc. Independente da terminologia utilizada para descrever a sociedade atual, é de comum acordo entre os mais diversos autores que esta se pauta em uma nova lógica de consumo, informação e comunicação. As mudanças no sistema econômico alteraram não apenas a economia, mas toda a estrutura social do homem e, por conseguinte, sua própria arte de viver, possibilitando, assim, a emergência de novas configurações de subjetividades.

A partir do final da década de 1980, atravessando a de 1990 e se consolidando amplamente no início do século XXI, o avanço tecnológico será direcionado aos códigos de informática. Neste contexto, a internet é introduzida ao cotidiano das pessoas e as mais diversas

searas da vida entram para a esfera digital, a tecnologia se torna, então, onipresente, incluindo no campo da saúde, com a sofisticação de equipamentos e softwares que auxiliam em diagnósticos mais precisos e tratamentos de enfermidades. Uma das consequências deste desenvolvimento tecnológico é a abertura a mudanças na estrutura econômica e de consumo. Em decorrência disto, as pessoas passam a se adaptar a essas novas estruturas, possibilitando o aparecimento de novas subjetividades, haja vista que:

Agora, a economia global é impulsionada pelos computadores e pela internet, pela telefonia móvel com suas diversas redes de comunicação e informação, pelos satélites e por toda a miríade de *gadgets* teleinformáticos que abarrotam os mercados. Tudo isso contribui, de forma oblíqua e complexa – embora não por isso menos potente -, para a produção dos corpos e das subjetividades do século XXI. (SIBILIA, 2015, p. 27)

É notório que, atualmente, as subjetividades, tais como as de outrora, são diretamente afetadas pelas mudanças no sistema econômico e pelo avanço das tecnologias, que possibilitaram a diversificação nos meios de interação humana. As transformações econômicas e tecnológicas das últimas décadas foram, portanto, as principais precursoras da atual transformação social e do engendramento de novas mentalidades que compõem o novo sujeito, o qual Sibilía (2015) chamará de “homem pós-orgânico”, aludindo ao triunfo das tecnologias sobre a natureza e o orgânico, e que Lipovetsky e Serroy (2015) chamarão de *Homo Aestheticus*.

Segundo estes autores franceses, o modo de ser contemporâneo é plenamente voltado à lógica do mercado, sendo este inserido hodiernamente no que eles denominam de “capitalismo artista”. Esta nomenclatura busca evidenciar o lugar de destaque ocupado pela estética na estrutura econômica e social vigente. Na sociedade pertencente ao chamado capitalismo artista, absolutamente tudo merece ser estilizado. Até mesmo o vocabulário é alterado e passa a portar “a marca da ambição estética: os jardineiros se tornaram paisagistas, os cabeleireiros, *hair design*; os floristas, artistas florais...” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 29). Esse novo capitalismo é caracterizado, então, pela fusão da arte, da cultura e do consumo. Destaca-se não mais a mercadoria em si, mas a estética, a cultura, os valores e emoções a ela atrelados.

Os princípios que mobilizam o capitalismo artista e seu apelo à estética se inserem nas mais diversas esferas do cotidiano. Por exemplo, o adoecer, que antes era vivenciado com discrição e em privacidade, passou a ser narrado, fotografado, compartilhado e até mesmo “embelezado”, indicando uma nova configuração do adoecer, na qual pacientes em tratamentos agressivos, como quimioterapia, se produzem e se apresentam como seres estéticos, independente de seus diagnósticos.

Segundo Lipovetsky e Serroy (2015), esta nova estrutura do capitalismo e o surgimento deste novo homem encerra a “sociedade do espetáculo” apresentada por Debord (2012) e nos

conduz à “sociedade do hiperespetáculo”, caracterizada por ter o entretenimento como seu elemento de destaque. A sociedade do hiperespetáculo trata todos os temas, da política ao adoecimento, como um espetáculo de show business que merece ser assistido e acompanhado por todos.

O sujeito da sociedade do hiperespetáculo se destaca por seu narcisismo, que inicia no individualismo exacerbado cultuado a partir da década de 1980 e transforma-se em um neonarcisismo, em que os sujeitos se amam através do olhar do outro, um novo narciso que se constitui ao se mostrar e se exhibir aos olhares externos, que mostram a esse novo narciso quão admirável ele é. Para este novo sujeito “a busca da riqueza não tem qualquer outro objetivo a não ser excitar admiração ou inveja” (LIPOVETSKY, 2005, p. 48), o que denota a necessidade extrema desse indivíduo de estar sempre em interação com os outros, a fim de que estes validem, ou não, suas ações.

O *Homo Aestheticus*, fruto do capitalismo artista, se apresenta como um consumidor faminto por emoções e novidades, possuindo comportamentos e interesses vinculados à estética, transformando assim simples vivências em grandes espetáculos, passíveis de serem acessados por todos, graças ao avanço das tecnologias digitais que possibilitou a proliferação do entretenimento, tornando-o de fácil acesso a todos, nos colocando “na era da superabundância midiática, do hiperespetáculo, onipresente e proliferante” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 265).

A convergência entre a televisão e a internet originou ainda um novo tipo de telespectador, que se coloca como “um hiperespectador, interativo e conectado permanentemente” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 265). O surgimento deste hiperespectador põe fim ao sistema *broadcasting* de comunicação, onde havia apenas um emissor para vários receptores. Inaugura-se, então, uma nova modalidade de comunicação em que o espectador é também produtor de conteúdos na *web*. A comunicação passa a ser mais democrática e a se fazer por todos, para todos (SIBILIA, 2008).

Como dito anteriormente, os avanços tecnológicos viabilizaram mudanças estruturais em nossa sociedade, provocaram transformações em várias esferas da vida, como na maneira de consumir, de ser, de se comunicar e, como será abordado em nossa pesquisa, na maneira de vivenciar o adoecimento de câncer de mama. O impacto socioeconômico causado pelas novas tecnologias é de tamanha importância que com ele se inicia um novo período histórico, a chamada *Era Web*.

O surgimento da *Era Web* indica que “os átomos industriais dos séculos XIX e XX foram substituídos pelos *bytes* do século XXI” (KEEN, 2012, p. 23), ocasionando significativas

transformações na estrutura social. O advento deste novo período histórico, que tem a internet e a conectividade como pontos centrais, culminou no surgimento de sujeitos que se adaptaram às novas contingências da esfera digital. Esta primeira etapa de uso da internet, conhecida como Revolução da *Web* se caracteriza pelo uso comercial da internet. Nesta fase, as empresas a utilizavam para vender seus produtos e serviços em plataformas *online*, além de obterem um melhor gerenciamento de seus sistemas. As vantagens das novas tecnologias e a adesão a elas davam mostras que a “internet estava se transformando no tecido conjuntivo da vida no século XXI” (KEEN, 2012, p. 18).

Ao final dos anos 90, a internet expande suas funções e passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, no entanto, foi efetivamente nos anos 2000 que se consolidou o acesso a internet para uso pessoal, inaugurando assim uma nova maneira de se comunicar. Desde então, o uso da internet não para de se expandir e já é previsto que quase todo ser humano esteja conectado em meados do século XXI.

A “Revolução da *Web 2.0*”, termo cunhado em 2004, remete à segunda fase da Era *Web* e se caracteriza pelo acesso disseminado à internet, o que proporcionou uma maior interação dos internautas entre si e com as empresas (KEEN, 2012). A *Web* se tornou bem mais participativa e modificou a relação entre empresas e consumidores. Os internautas passaram a ter um papel mais ativo e a serem co-desenvolvedores das empresas (SIBILIA, 2008).

A interação não se limitou somente entre consumidores e empresas; começaram a surgir as salas de bate papo e as diversas formas de “diários” virtuais, como *blogs*, *fotologs*, *vlogs*, etc, conectando as pessoas e estimulando o compartilhamento de informações pessoais. Neste contexto, experiências vividas anteriormente em privacidade, como o adoecimento de câncer, passam a ser minuciosamente relatados na *web*, principalmente por meio dos *blogs*. O advento da internet e da tecnologia fixa e móvel anunciou primeiramente uma mudança radical na maneira de fazer negócios e em seguida em nossa arte de viver. Assim, a *Web 2.0* trouxe mudanças significativas às subjetividades. As pessoas modificaram sua maneira de consumir, de se comunicar e mesmo de ser.

Durante o século XX, *Hollywood* foi o grande protagonista do entretenimento mundial e era o maior influenciador da sociedade. A partir da *Web 2.0* a influência de *Hollywood* é deslocada para a produção social e cotidiana de milhões de “anônimos” na internet. O público, utilizando a internet e as novas tecnologias como ferramentas, passou a produzir conteúdo e a consumir o conteúdo produzido por outros internautas, o que levou a revista *Times*, no ano de 2006, a eleger todos nós, internautas, consumidores, como personalidade do ano. Estava assim declarada a nossa influência na produção de conteúdo. O internauta não era mais tão passivo

como o telespectador, que assistia e consumia o que a televisão o oferecia, mas se tornou co-produtor do que consumia (SIBILIA, 2008). É visível que “o avanço das tecnologias, da globalização e a transformação das formas de comunicação nos últimos 20 anos vêm transformando a dinâmica de produção de informação e cultura no mundo” (WORCMAN, 2014, p.150).

Os avanços tecnológicos acarretaram ainda mais mudanças na *web*, que, para alguns autores, se deslocou de uma versão 2.0 para a “*Web 3.0*”. Inicia-se, então, a terceira grande onda de inovação tecnológica. Nem todos os pensadores sobre a era digital adotaram essa nomenclatura, embora seja de comum acordo que na última década o uso da internet sofreu significativas transformações.

A *Web 3.0* se caracteriza pelo aumento exponencial do uso da internet, que passou a se tornar imprescindível a quase todas as esferas da vida. Dado os avanços na internet móvel, se tornou possível que pessoas estejam conectadas o tempo todo por meio de seus *Smartphones*. Sobretudo, o que caracteriza a *Web 3.0* é seu lado eminentemente social.

A interação social tornou-se o ponto chave da internet e revolucionou a comunicação no século XXI. As novas configurações da *web* e o surgimento de diversas plataformas *online*, motivaram que praticamente todas as esferas da rede se tornassem sociais. Uma revolução social foi, então, possibilitada pela *Web 3.0*, provocando profundas alterações econômicas e sociais, gerando uma reviravolta na história da humanidade (KEEN, 2012).

A *Web 3.0* propõe um novo tipo de interação social, na qual as pessoas passam a compartilhar as mais diversas esferas de suas vidas *online*. Todos parecem estar conectados e “percebe-se um deslocamento daquela subjetividade ‘interiorizada’ em direção a novas formas de autoconstrução” (SIBILIA, 2008, p.23) nascendo assim personalidades alterdirigidas e não mais intodirigidas, personalidades, portanto, que são orientadas para o olhar alheio.

A *Web 2.0* havia possibilitado uma maior interação entre as pessoas e inventou uma nova maneira de se comunicar, na qual pessoas poderiam postar em sites pessoais, como *blogs*, as mais diversas opiniões e realidades e interagir com seus leitores que comentavam seus textos, muitas vezes elaborados e editados. Já na *Web 3.0*, por meio de sites de redes sociais, a interação ganhou novos ares, se intensificando e se fazendo em tempo real, onde pessoas publicam o que acabam de vivenciar, transmitem ao vivo onde estão e recebem *feedbacks* instantâneos de seus amigos virtuais. Assim, os relatos de adoecimento na *web* não se configuram mais unicamente como textos confessionais postados em *blogs*, se assemelhando a diários, mas se caracterizam, atualmente, por serem relatos do cotidiano do adoecer. Desta forma, a vivência do adoecimento

é transmitida em tempo real para a rede e fotos de quimioterapia são postadas no instante em que acontecem.

As redes sociais inauguraram, assim, uma nova fase na *Web*, a do supercompartilhamento de informações pessoais. Os *eus* contemporâneos se exibem diariamente na internet e contam com milhares de espectadores por meio “da democratização e da ampliação do uso de redes sociais como *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*, somando-se à publicação de vídeos no *Youtube* e em *blogs*” (LIMA; SANTOS, 2014, p.134). Assim, na “sociedade do hiperespetáculo”, nem o próprio *eu* escapa da espetacularização. Surgem, então, novos modos de ser, onde o *eu* é direcionado ao espetáculo e passa a “tornar público e até escancarar o que antes era privado” (LIMA; SANTOS, 2014, p. 135). Essa exibição do *eu* é reforçada pelo olhar do espectador e por sua “avaliação” através do click em “curtir”, dando início a uma nova lógica afetiva.

Se em 2006 fomos nós, os anônimos, a personalidade do ano da revista *Time*, no ano de 2010 Mark Zuckerberg, criador do *Facebook*, a maior rede social virtual do mundo, com bilhões de usuários, foi eleito a personalidade do ano, ficando evidente o lugar de destaque absoluto que as redes sociais virtuais ocupam nos dias atuais.

A sede de sociabilidade tornou o *Facebook* o site mais relevante do mundo. Já o *Instagram*, com o qual trabalhamos em nossa pesquisa, atingiu a espantosa marca de 2 milhões de usuários após 4 meses de seu lançamento, em dezembro de 2010 (KEEN, 2012) e foi considerado pela Apple o melhor aplicativo do ano de 2011 (PORTAL IG, 2017).

Antes, os indivíduos eram unidos pelos espaços físicos das comunidades em que habitavam, assim como pelo idioma e cultura em comum. Após o surgimento das redes sociais virtuais, foram eliminadas as barreiras geográficas entre as pessoas, possibilitando uma constante interação. Instalou-se, então, uma “aldeia global, onde todos somos, afinal, contemporâneos da atualidade, seres intercomunicados” (LLOSA, 2013, p. 201). Viabilizou-se, assim, uma cultura global, que, pela primeira vez na história, criou “alguns denominadores culturais dos quais participam sociedades e indivíduos dos cinco continentes, aproximando-os e igualando-os apesar das diferentes tradições, crenças e línguas que lhes são próprias” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 23).

Todos podem ser “acessados” em qualquer lugar e a qualquer momento, não existem mais impeditivos geográficos a serem ultrapassados. A comunicação digital ganhou lugar de destaque e as experiências virtuais de sociabilidade se proliferaram. Assim, a organicidade do corpo, a materialidade do espaço e um tempo estabelecido são dispensados nessa nova comunicação virtual (SIBILIA, 2015).

Essa facilidade de interação com pessoas do mundo inteiro, a qualquer momento, que acontece pela primeira vez na história, revelou uma sociedade sedenta por comunicação, por compartilhar suas realidades. A necessidade de comunicação se coloca como constituinte do sujeito contemporâneo. A possibilidade de se comunicar com facilidade, a qualquer hora do dia, em qualquer lugar, por meio de aparelhos fáceis de acessar, como celulares, transformou o indivíduo hipermoderno na medida em que passa a se sentir ele mesmo somente ao comunicar-se.

Tudo parece merecer ser registrado e compartilhado instantaneamente. Eventos banais e cotidianos são fotografados e postados, cenas cotidianas são filmadas, não para deixar um legado, mas para ser compartilhado, servindo para o próprio presente. Fica claro, então, que as redes sociais virtuais têm grande importância na criação e manutenção de relacionamentos e de sociabilização atualmente (OLIVEIRA, 2014). Os laços entre os sujeitos do século XXI se fortificam nas redes, as pessoas passam a se conhecer melhor através do conteúdo narrado e compartilhado na *Web* (SILVEIRA, 2014).

Nasce o imperativo da conexão, possibilitado graças às tecnologias que transpassam as barreiras espaciais. À medida que as pessoas interagem com a rede, elas vão se reconfigurando, surgindo, então, novas maneiras de ser e de se expressar. As novas tecnologias e o fim do sistema *broadcasting* de comunicação possibilitaram mudanças estruturais em nossa sociedade, tais como: novas possibilidades de interação, uma modificação na noção de público e de privado e o nascimento de um novo sujeito - o sujeito pós-orgânico, hipermoderno.

A delimitação do que é público e do que é privado é uma invenção recente, da modernidade. Foi o artigo atemporal “O direito à privacidade”, de 1890, publicado na *Harvard Law Review*, que serviu como fundamento para diversas leis acerca de questões relativas à invasão de privacidade. O artigo define privacidade como “o direito que o indivíduo tem de ser deixado em paz” (KEEN, 2012).

No entanto, após a *Web 3.0* as pessoas não parecem mais querer “ser deixadas em paz”, elas não buscam, em sua maioria, o isolamento nem a proteção de sua intimidade. A privacidade demonstra não ser mais tão importante como outrora o fora. Segundo Llosa (2013), uma das consequências desta revolução da informática foi a volatilização das fronteiras que separavam o público e o privado. Ainda segundo este autor, em nossos tempos, a vida privada está em vias de desaparecimento e se transformando num conceito vazio. As redes sociais virtuais estimulam as pessoas a compartilharem suas experiências pessoais, assim, tudo tende a se tornar público. Experiências que antes eram vividas na esfera do privado, como o adoecimento, passam a ser

compartilhadas para toda a *web*. Pessoas de todo o mundo passam a revelar seus pensamentos mais particulares e suas vivências mais íntimas.

A *Web 3.0* modificou a maneira de se comunicar, de se socializar, de consumir, de fazer política, de exercer poder, de resistir a alguns poderes, enfim, se pode dizer que a revolução digital tocou em todas as esferas da vida humana. Uma de nossas pretensões nesta pesquisa é compreender como esse avanço tecnológico tocou a esfera do adoecer. É notável que o compartilhamento do adoecer nas redes sociais é um novo comportamento possibilitado por essas mudanças e nos interessa saber quais as possíveis implicações destes novos comportamentos.

As novas tecnologias de comunicação desenvolvidas na Era *Web* possibilitaram a emergência de novos comportamentos e novos tipos de narrativas. Bilhões de histórias de vida são acessadas e acompanhadas diariamente por plataformas digitais como *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros. As redes sociais virtuais viabilizaram o início de uma era de supercompartilhamento na qual pessoas reproduzem suas vidas *online*, publicam fotos pessoais, se exibem, produzem e partilham os mais diversos conteúdos.

Compreender as narrativas de mulheres diagnosticadas com câncer de mama no *Instagram* implica levar em conta as especificidades destas narrativas. “Assim como não existe um *eu* fixo e inquestionável na história da humanidade, a escrita de si também se desenvolve nessa escala de movência de tempos e espaços” (LIMA; SANTOS, 2014, p. 133). Assim sendo, as narrativas mudaram de endereço, não se limitaram mais à tradição oral nem aos livros, mas ressurgem agora como narrativas de si na *web*, dando espaço a um novo tipo de narrador: o internauta que compartilha sua vida nas redes sociais virtuais por meio de relatos autobiográficos.

A “obra” narrada online pode ser considerada pertencente ao gênero autobiográfico, posto que “se o leitor acredita que o autor, o narrador e personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica” (SIBILIA, 2008, p.31). O autor desse gênero confessional contemporâneo busca cessar seu silenciamento e anonimato por meio da *web*.

Sendo a atividade biográfica compreendida como todas as operações conscientes ou inconscientes, intencionais ou não, pelas quais os indivíduos se inscrevem no tempo e no espaço de realização de suas experiências, toma-se, aqui, o suporte audiovisual como o meio potencialmente adequado ao registro desses processos de biografização dos sujeitos, em razão dos atributos tecnológicos pelos quais se podem reproduzir e arquivar tanto as formas mais explícitas quanto as mais sutis da expressividade humana (SOUZA, 2014, p. 201) .

Estes relatos autobiográficos tratam de um narrar alterdirigido, pois é ao olhar do outro que se direciona e não à reflexão de si. Vale dizer, ainda, que “*el texto autobiográfico y extimista ha sido uno de los más extendidos en la blogosfera*” (MONTIEL, 2014, p.95). Nesse tipo de escrita não se constata a atividade autopoética que leva os seres humanos a “debruçarem-se sobre si, num movimento reflexivo que os tornam simultaneamente sujeitos e objetos das próprias reflexões” (SOUZA, 2014, p. 199), mas sim uma escrita de si dirigida ao outro.

As redes sociais virtuais passaram a permitir transitar entre espectador da vida dos outros e protagonistas das próprias vidas assistidas pelos outros. Esse eu que se apresenta é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem da própria história publicada *online*. (SIBILIA, 2008). Dessa forma, nas narrativas de si contemporâneas os “grandes heróis saem de cena, a internet popularizou as antigas práticas autobiográficas de pessoas comuns” (LIMA; SANTOS, 2014, p. 139).

Hoje é costumeiro nos depararmos em livrarias com prateleiras repletas de autobiografias e é comum lermos e assistirmos a vida uns dos outros *online*. No entanto, vale lembrar que as primeiras publicações autobiográficas não foram bem aceitas. Foi somente durante o século XIX que a produção de autobiografias foi intensificada. Neste período se estabeleceu uma melhor delimitação entre o público e o privado, havendo, assim, uma valorização de momentos intimistas (LIMA; SANTOS, 2014). As autobiografias são escritas de si que inicialmente ganharam destaque como um tipo de escrita intimista e reflexiva (SILVEIRA, 2014). Neste tipo de escrita se encontrava um espaço de autorrepresentação, no qual o sujeito se posiciona diante de si mesmo como em uma prática confessional (SIMÕES, 2014).

Consideramos os relatos de si na *web* como autobiográficos, no entanto, é preciso compreender as nuances dessa nova escrita de si. Se tratam de narrativas, em sua maioria acompanhadas de registros imagéticos – em fotos ou vídeos - direcionada aos outros, com traços marcantes de oralidade e passíveis de serem “curtidas” ou difamadas instantaneamente. Ou seja, é um falar de si ao outro, no qual o papel de autorreflexão é diminuído.

As redes sociais virtuais possibilitam a partilha de relatos, fotos, vídeos e a interação em tempo real com pessoas do mundo todo, o que revolucionou a maneira de se comunicar, de ler e de escrever. Os internautas se tornaram os novos leitores e escritores de relatos autobiográficos. Os amigos virtuais não apenas leem e veem a vida dos outros, mas lhe é dado o poder de interação, de avaliação do conteúdo exposto, emergindo um novo critério de avaliação com o botão “curtir”. “A escrita na internet, diferentemente daquelas publicadas nos livros impressos, permite aos sujeitos a produção colaborativa de conhecimentos” (OSWALD

et al., 2014, p. 14). As plataformas sociais digitais proporcionam, então, uma proliferação de discursos de si, mas não grandes reflexões sobre si, e sim relatos de suas vidas cotidianas, de acontecimentos banais e experiências ordinárias. São autobiografias dirigidas aos outros que privilegiam as vivências e não mais a reflexão. Neste contexto, textos, fotografias e vídeos compõem os novos relatos, em tempo real.

Este novo narrador dá início à espetacularização da intimidade na *web*. Agora, “as narrativas são curtas, variáveis, plurais, dissonantes, indefiníveis” (OLIVEIRA, 2014, p.112). A efemeridade também se faz presente, não se trata mais de narrativas complexas e memoráveis de si mesmo ou do mundo. O que importa nas redes sociais é a instantaneidade, a capacidade de registrar e compartilhar tudo em tempo real. Isto ecoa nas narrativas aí encontradas, que passam a se caracterizar pelo compartilhamento de vivências das mais irrelevantes possíveis, havendo uma exposição de cotidianos. É por meio do relato de experiências, somados de fotografias do cotidiano, que se constrói este novo narrador. O compartilhamento do adoecer de câncer de mama, nesta conjuntura, também ganha proporções autobiográficas, tendo sua rotina de tratamento minuciosamente exposta na *web*, por meio de relatos e fotografias.

Os holofotes, então, redirecionam seu foco. Enquanto “a Sociedade do Espetáculo era centrada nas estrelas midiáticas do cinema e da canção; a do Hiperespetáculo é contemporânea de uma espécie de estrelização generalizada que se aplica a todas as atividades” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 269). A vida dos outros passa assim a ser assistida, consumida. Esta mudança de foco revela um anseio quase generalizado de consumir a intimidade alheia e de expor a sua própria. Tal como se fazia com artistas de filmes e novelas, “pessoas desconhecidas costumam acompanhar com fruição o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas suas peripécias registradas por seu protagonista enquanto vão ocorrendo” (SIBILIA, 2008, p.70). As redes sociais se tornaram uma maneira de sair do anonimato, do invisível, do silenciamento. De modo que, até mesmo o adoecer, por séculos escondido e silenciado, passa a ser compartilhado.

Por meio dos relatos cotidianos compartilhados na *web*, todos são potenciais artistas através de uma “ficcionalização do real”. Assim, todos podem ser “estrelas” de suas próprias vidas, assistidas por atrás das telas de computadores e *smartphones*. O sujeito assume, então, o lugar de artista, que produz sua própria obra ao escrever sobre si nas plataformas digitais. Observa-se, assim, a tendência nas redes sociais de vivenciar a própria vida como uma boa performance (SIBILIA, 2008). Deve-se levar em conta que a performance acontece quando se faz algo sabendo que se está sendo observado, logo, essa ação passa pelo “filtro” do olhar do outro e depende dele para sua existência. Portanto, a performance não contempla a

espontaneidade, uma vez que a ação performática possui o olhar alheio como alvo. Assim, se o modo de ser atual é performático, quem o produz é um *performer*, um ser performático. O olhar do outro é condicionante para o *performer* produzir sua ação performática. Essa nova maneira de ser vai constituir comportamentos voltados aos outros e subjetividades voltadas aos outros, ou seja, alterdirigidas.

Em meio à naturalização da exposição de si na *web*, não causa estranhamento, por exemplo, que Gabriela Pugliesi, uma das *Instabloggers* (blogueira de *Instagram*) mais famosas do Brasil, com mais de três milhões e meio de seguidores, possuía na data atual (julho de 2017) a frase “*welcome to my life*” (bem-vindo à minha vida), na descrição de seu perfil no *Instagram*. Somos convidados - ou o termo mais adequado seria convocados? - a introduzir-nos na vida uns dos outros através das redes sociais, onde

todos os dias, bilhões de indivíduos reportam sem cessar toda sorte de dados sobre si mesmos, inclusive textos e imagens pessoais capazes de identifica-los, além de ficarem a par de informação referidas a quantidades crescentes de gente interconectada. A maioria costuma aderir a tais práticas com prazer, cumprindo rituais de cotidiana devoção (SIBILIA, 2015, p. 64).

Em tempos anteriores, os relatos autobiográficos não eram expostos, mas registrados em diários íntimos. Os diários guardavam segredos inconfessáveis, denotavam introspecção, era um lugar intimista. Durante séculos, estes foram depositários dos sentimentos e vivências mais íntimos, e censurados de abordar em público, como relativos ao adoecimento de câncer. “Neles, o diarista confidenciava suas idiossincrasias e legava para a posteridade o mistério de uma vida” (OLIVEIRA, 2014, p. 102).

Os diários “tiveram sua morte anunciada e confirmada efusivamente nas últimas décadas do século XX, sem que ninguém previsse seu repentino renascer nos ambientes das redes eletrônicas” (SIBILIA, 2008, p.69). Esse renascer se concretizou à medida que as pessoas começaram a narrar suas próprias vidas em novas plataformas de comunicação *online*, iniciando nos *blogs* e migrando para outras plataformas como *photoblogs*, *vlogs* e atualmente, no *Facebook*, *Snapchat* e *Instagram*.

Estas plataformas passaram a ter grandes semelhanças com os diários de antigamente à medida em que o sujeito passou a escrever sobre si mesmo e fez de si literatura. No entanto, ao contrário dos diários íntimos, os relatos lançados na rede não têm a intenção de “rememorar retrospectivamente uma vida, mas de armazenar o aqui agora, apreendê-lo a qualquer custo, antes que a memória o perca” (OLIVEIRA, 2014, p.102). Enquanto o diário é um depósito de memórias a serem revisitadas na posteridade, nas plataformas *online* a novidade é valorizada e o passado já não tem muita importância. O diário era escrito para permanecer em segredo

enquanto os relatos autobiográficos atuais, localizados nas redes sociais virtuais, buscam o olhar alheio, o diálogo, querem ser vistos, comentados e “curtidos”. Os antigos diários implicavam uma introspecção e as novas escritas de si demandam a presença do outro. Essa nova forma de falar de si não propõe ser reflexiva nem a gerar memória, ela simplesmente confessa o presente, o que acontece no instante, divergindo, assim, bastante, das confissões dos antigos diários íntimos e dos primeiros relatos autobiográficos. Assim, os relatos de si na rede conservam divergências consideráveis com a postura intimista dos antigos diários pois “assumem uma dimensão ‘eximista’ que tanto expõe o diarista, como convida seu leitor a expor-se” (OSWALD et al., 2014, p. 13).

A escrita de si deixa de se configurar como algo secreto confiado a um diário íntimo, para se tornar quase uma “novela” a ser acompanhada pelo público. Primeiramente em *blogs* e depois em sites de redes sociais, as pessoas começaram a narrar suas vidas, contar detalhes, como se fazia no espaço delimitado dos diários. A internet se tornou então o território que abriga as novas narrativas de si. Neste contexto, relatos de experiências do adoecer de câncer de mama, assim como todas as fases do tratamento, antes registrados em diários íntimos, passam a ser compartilhados e acompanhados em tempo real pelos internautas, que, por meio de comentários, manifestam sua solidariedade.

Por outro lado, “não faltam também relações entre a escrita do diário pessoal e a escrita confessional, ambos servindo como uma forma de catalisadores dos pensamentos e sentimentos da pessoa que o escreve” (SILVEIRA, 2014, p. 120-121). Segundo Couto Junior e Oswald (2014, p. 162), “desde a Idade Média, as sociedades ocidentais vêm desenvolvendo formas diversas de implementar a “confissão” pela necessidade de saber mais sobre as ações e os pensamentos dos sujeitos”. Permanece, até os dias atuais, a vontade de saber sobre o outro. Paralelamente, inaugura-se a vontade de se expor ao outro, de se confessar na rede ao outro. Internautas se identificam com seus semelhantes que confessam quase tudo sobre si na *web*.

Como dito anteriormente, os diários mudaram, deixaram de ser íntimos para serem alterdirigidos. A confissão também se modificou e agora é feita por livre vontade de bilhões de pessoas que confessam suas rotinas nas redes sociais. É notável que a maneira de se comunicar se transformou e com ela a maneira de escrever e mesmo de ser posto, que subjetividades são transformadas a partir dessas trocas que mobilizam tanto o autor como o leitor. O compartilhamento de relatos autobiográficos nas redes levanta diversas questões e nos faz refletir sobre quais modos de subjetivação estão implicados nesse contexto de exposição de si.

É facilmente constatável que na sociedade da revolução digital alguns valores se encontram em fase de transmutação. Por exemplo, há um tempo, ter status remetia às posses de

uma pessoa; hoje o que se admira não é mais o ter, tipicamente da sociedade capitalista, mas o parecer: parecer feliz, parecer ter uma vida boa, parecer ter amigos, enfim, um festival de aparências na rede, típico do *Homo Aestheticus*. No entanto, ser feliz não basta pois “não se trata tão só de atingir esse estado de ânimo tão desejado; é necessário, também e talvez sobretudo, que essa felicidade seja visível e que os outros possam verificá-la com o poder legitimador de seus olhares” (SIBILIA, 2014, p. 42). A felicidade aparenta só ser útil e desejável enquanto puder ser espetacularizada e admirada pelo olhar dos outros. A felicidade torna-se, então, uma nova performance existencial. Os usuários de redes sociais parecem estar sempre felizes e realizados, expondo sorrisos até mesmo em situações adversas, como em salas de quimioterapia, evidenciando o vigente imperativo da felicidade.

Somos todos convidados, por este novo contexto tecnológico, à exposição, independente de nosso sexo, saúde ou condição financeira. Se antes era considerado impróprio falar sobre seu próprio corpo ou sobre sua condição de enfermo, como nos aponta Sant’anna (1997), hoje, somos convidados a expô-los. Em 1997, a autora identificou que em meio a outras doenças graves, o câncer permanecia “aquela mais frequentemente submetida ao silêncio” (SANT’ANNA, 1997, p.51). No entanto, encontramos, atualmente, mais de 6 milhões de publicações com a *hashtag* #cancer no *Instagram*, número bastante superior de publicações nesta plataforma quando comparamos a outras doenças, como a AIDS, com mais 600 mil publicações e a sífilis, com apenas 2.600, na data atual (julho de 2017). É evidente que, após 20 anos dos estudos de Sant’Anna (1997), a maneira de vivenciar o câncer de mama sofreu significativas alterações. A partir do compartilhamento de relatos autobiográficos na *web*, possibilitados pelos avanços tecnológicos, surgiram novos posicionamentos frente ao adoecimento e é a eles que esta pesquisa é direcionada.

2.3 Sociedade imagética: narrando por imagens

Nossa pesquisa utilizou a plataforma *Instagram* para a coleta e análise desses relatos. Deve-se, então, levar em conta que tal aplicativo possui como característica central o compartilhamento por meio de fotografias, acompanhadas, ou não, de legendas. Buscamos, então, também compreender o papel que as imagens desempenham nestas narrativas.

É importante ressaltar que a imagem é constitutiva da história da humanidade e acompanha seu desenvolvimento, seja por meio de desenhos, pinturas ou, atualmente, em fotografias. São numerosas as definições de imagens e divergentes os valores a elas atribuídos. Entretanto, há um denominador comum nas diversas maneiras de se falar de imagem: esta surge como representação de algo. A imagem nos fala inicialmente do desejo humano de imitar, de

representar o que existe na realidade, na natureza. Entendemos, portanto, imagem como uma representação visual (AUMONT, 1995).

A etimologia da palavra imagem nos remete ao vocábulo *imago*, que em latim “designa a máscara mortuária levada nos funerais na antiguidade romana” (JOLY, 2007, p.19). Essas máscaras perpetuavam a memória dos finados junto aos vivos. Percebe-se, assim, o poder de registro e eternização das imagens que, por muitos anos, coincidiu com uma função que a fotografia desempenhou, de eternizar momentos. Isto diverge bastante de como a fotografia veio sendo utilizada no contexto atual: de maneira fluida e imediata, feita para curtir e compartilhar e não mais para eternizar.

Do papel às imagens digitais, das câmaras escuras aos celulares, da fotografia artística às *selfies* é perceptível que a fotografia se transfigurou ao longo dos anos. Outrora, seria impensável a associação de fotos a aparelhos móveis de comunicação, tampouco seria possível a dissociação das mesmas da imagem impressa. Isto nos aponta que o ato de fotografar, tal como a fotografia em si, passou, nos últimos anos, por reformulações estruturais em sua formatação e funcionalidade.

Não nos cabe, nem intencionamos, traçar um denso percurso histórico da fotografia, mesmo porque a história desta antecede à impressão da primeira foto e à invenção da câmara escura, nos transportando às primeiras representações feitas pelo homem através de imagens há cerca de 40.000 anos (FERREIRA, 2013). A imagem é algo que povoa os pensamentos humanos desde tempos primevos, sendo objeto de ponderações filosóficas desde a Antiguidade (JOLY, 2007). Desde a pré-história, a imagem se destaca como mecanismo de comunicação entre os homens. Povos primitivos transmitiam seus conhecimentos valendo-se de desenhos que podem ser considerados precursores da escrita e “mesmo após a invenção da escrita, continuaram a ser fundamentais na comunicação humana” (RODRIGUES, 2007, p.68). É fato que das civilizações primitivas aos dias atuais, o uso de imagens nos acompanha e se expande.

A partir do século XIX foram desenvolvidos dispositivos técnicos para a produção de imagens, surgindo, assim, as imagens técnicas, notadamente, a fotografia. Esta possui a imagem como signo constitutivo e é capaz de estabelecer comunicação por meio de mensagens não verbais. Definir fotografia se coloca como uma tarefa difícil. Roland Barthes, em a *Câmera Clara*, se propôs a definir a fotografia em si, mas após um árduo trabalho de análise de diferentes tipos de imagens fotográficas, assumiu a impossibilidade da tarefa (MAUAD, 2005).

A palavra fotografia nos direciona a duas outras: *foto*, que remete à luz e *grafia*, que alude à escrita. Sabemos que a produção das primeiras fotos se deu através de processos de captação de luz e nos arriscamos a dizer que a fotografia é uma maneira de escrever por

imagens. Assim, “desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens”. (MAUAD, 1996, p.5).

A fotografia possibilitou a reprodução mecânica da imagem, dispensando os esforços artísticos para reproduzir algo ou alguém. De início, a função da fotografia era mais voltada para fins de registro e poucos possuíam acesso a ela. Se registrava o que era considerado valioso, como famílias inteiras ou momentos solenes da vida pública (BENJAMIN, 1994). Foi a partir da industrialização de equipamentos fotográficos, como a câmera Kodak, que a fotografia se tornou de mais fácil acesso e seu uso foi modificado.

Durante o século XX vimos a massificação das máquinas fotográficas, seu uso foi disseminado e democratizado para grande parte da população. Já no final do século XX e notadamente no XXI, a fotografia digital se consolida e ganha espaço, se tornando de fácil acesso a todos, uma vez que câmaras passaram a ser acopladas a telefones móveis. Por ser de mais fácil acesso, seu uso se disseminou e ela passou a ser “banalizada”, há como um “universalismo” da linguagem visual, aumentando-se vertiginosamente o uso de imagens. (RODRIGUES, 2007). Pode-se dizer, então, que, na atualidade, a maneira de fotografar e o uso da fotografia se modificaram, o que acarretou mudanças em outros aspectos da vida.

Inicialmente, as redes sociais virtuais se destinavam, em sua maioria, para compartilhamentos de relatos de experiências, em longos textos editáveis, como em *blogs*. Após o domínio das fotografias digitais, surgiram aplicativos e redes sociais que têm o compartilhamento de imagens como seu foco principal, como o *Instagram*. Um marco sobre a mudança de foco nas redes sociais se deu pela compra do *Instagram* pelo *Facebook*, no valor nada irrisório de um bilhão de dólares em abril de 2012, que se tornou destaque no noticiário internacional.

Por meio das redes sociais virtuais, as fotografias adquirem uma nova roupagem, não mais artística, mas de compartilhamento de momentos banais. As fotografias são testemunhas do cotidiano, servem mais ao entretenimento que à função de registro. Não se pode negar que ainda há o registro artístico da fotografia e seu uso ainda pode ser documental, no entanto, seu uso em massa nas redes sociais virtuais é tido como ferramenta fluida, fotos são compartilhadas e logo esquecidas. Assim, as fotografias relativas ao câncer de mama postadas *online* não se tratam, em sua maioria, de fotos artísticas de mulheres mastectomizadas, como aquelas utilizadas em campanhas, como a do Outubro Rosa, mas abordam a rotina das enfermas, em suas casas, hospitais e clínicas de tratamento.

Questionamos até que ponto as fotografias acompanhadas de relatos autobiográficos compartilhadas no *Instagram* podem contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações sociais de mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Assumimos, então, um grande desafio metodológico de trabalhar com fotografias em nossa pesquisa. Analisamos fotografias postadas por pessoas leigas, que registram suas fotos sem muita pretensão técnica ou artística. Atentamos, então, para fotografias como produções culturais, acreditando que elas podem ser consideradas como “pressupostos para a realização de uma interpretação do social”. (MACHADO JUNIOR; FERREIRA, 2012, p.424).

Ao nos comunicarmos, usamos uma linguagem verbal ou não verbal, que carrega um significado sociológico. A linguagem não verbal, que se vale de dados visuais, como a fotografia, assume um papel de inegável importância como ferramenta para análise social. Assim, o uso técnico de fotografias, a fim de recolher dados para pesquisas de cunho sociológico, é válido e relevante. O uso de imagens se torna, então, cada vez mais útil para a análise de fenômenos sociais, não podendo a pesquisa social se esquivar diante disto. Sabemos que a imagem já é utilizada como fonte de investigação na sociologia visual. Neste campo de saber, há um conjunto de técnicas para coleta e análise de imagens, além de se amparar em diversas teorias sociológicas sobre imagem e representação visual. A fotografia pode, então, ser utilizada em estudos das mais diversas áreas envolvendo práticas sociais (FERRO, 2005). No entanto, ainda são escassos os estudos em Psicologia que trabalhem diretamente com análise de fotografias.

Alinhados com Maud (2005, p.141), encaramos as fotografias como textos visuais, uma vez que “os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e o leitor”, o que nos possibilitou trabalhar com análise de práticas discursivas através das imagens postadas.

Sabemos que as fotografias são polissêmicas. Por isto, sua análise constitui uma tarefa árdua. Analisar imagem é decodificar sua natureza denotativa e conotativa, sabendo que sempre estamos passíveis de deixar algum elemento nos escapar. É preciso, portanto, certo cuidado metodológico ao trabalhar com fotografias, ressaltando que “não podemos analisar estas imagens se não soubermos do que estamos a falar” (JOLY, 2007, p.30). Justifica-se, então, a prévia contextualização do adoecer e das narrativas, para uma melhor compreensão do fenômeno a ser analisado.

Segundo Borges (2011, p.3) “a construção do saber histórico a partir da linguagem fotográfica é perfeitamente possível, desde que se respeite e interprete a subjetividade inerente

à fotografia”. Ainda, segundo o mesmo autor, a imagem nos servirá como fonte, mas somente se tivermos um conhecimento mínimo sobre quem a produziu, a partir de qual classe social ou grupo cultural esta foi criada. Somente assim a fotografia poderá ser decodificada adequadamente. Não se trata, portanto, de descrever imagens, mas de contextualizar sua produção, o que buscamos realizar ao longo de toda nossa análise de dados.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Fundamentação metodológica: pesquisando o novo

Analisar as postagens advindas de narrativas autobiográficas de mulheres diagnosticadas com de câncer de mama, utilizando o *Instagram* como locus de pesquisa, se mostrou desafiador em diversas esferas.

Após uma busca realizada em alguns bancos de dados, como *PubMed* e *SciELO*, constatamos que, até então, não encontramos nenhum artigo científico que aborde as narrativas de mulheres diagnosticadas com câncer de mama no *Instagram*. Entre os mais de três milhões de artigos encontrados com a palavra-chave cancer no *PubMed*, somente um, publicado em janeiro de 2018, aborda o câncer de mama no *Instagram*, porém, não aborda as narrativas de pacientes, mas campanhas acerca da doença na referida rede social. Por se tratar, assim, até onde alcança nosso conhecimento, de uma pesquisa inédita, não detínhamos de modelos prévios para guiar a escolha do método a ser utilizado.

Assim, a fim de compreender o percurso metodológico desta pesquisa, é preciso levar em conta algumas especificidades à produção de conteúdo no *Instagram*. As narrativas aqui em questão se apresentam por meio de *posts* – ou postagens – das participantes de nossa pesquisa. Cada *post* é constituído por três elementos: a imagem publicada, sua respectiva legenda (ambos compartilhados pelo autor da postagem) e os comentários dos outros internautas acerca da imagem publicada. Tal panorama nos indica que, para entender qualquer conteúdo compartilhado nesta plataforma, é preciso analisar dois tipos de dados diferentes: dados visuais, referentes às imagens compartilhadas e dados textuais, presentes ou não, nas legendas das respectivas imagens a serem analisadas, assim como nos comentários feitos por outros internautas.

Deve-se levar em conta, também, outro desafio em nossa pesquisa: o *Instagram* se apresenta como um novo locus de estudo, em face de que, apesar de ter sido criado em 2010, ainda há poucas publicações relevantes que o contemplem. Com efeito, somente em 2014 foi publicada a primeira pesquisa mais aprofundada e representativa sobre usuários do *Instagram* e seus

conteúdos compartilhados, restando notório que tal plataforma merece mais atenção da comunidade acadêmica (HU et al., 2014).

Muitas são as motivações atribuídas para o uso do *Instagram*, tais como: o compartilhamento de imagens, o registro e documentação de experiências momentâneas, ver e ser visto, interação social, entre outros (MCCUNE, 2011). Entretanto, independentemente do objetivo para o qual foi criado e as motivações que induzem ao seu uso, é fato que o aplicativo se tornou prioritariamente um meio de produção e consumo de narrativas, como aponta Yi-Frazier et al. (2015). Estes autores, com os quais estamos alinhados, consideram o *Instagram* primordialmente como uma ferramenta de *storytelling*, isto é, destinado ao compartilhamento de narrativas.

Soma-se, ainda, outra peculiaridade nesta pesquisa: cada *post* a ser analisado faz parte de um contexto mais amplo de narrativas autobiográficas sobre o adoecer de câncer de mama. Apesar das divergências na definição conceitual, podemos entender que “narrativas” constituem uma sequência de eventos ordenados, conectados de uma maneira significativa, para uma audiência específica, nos remetendo a um contexto. Assim, as narrativas emergem da relação entre o narrador e sua audiência (BELL, 2002). Como dito no capítulo anterior, consideramos aqui as participantes da pesquisa como narradoras de suas histórias de adoecimento e, os internautas, sua audiência.

No que tange às narrativas de adoecimento, observa-se que, quando a vida de um indivíduo – o narrador – é atingida por uma doença, um novo contexto emerge. Com efeito, neste âmbito, inicia-se uma narrativa que restará inserida num determinado espaço temporal, com início, meio e fim do percurso do adoecimento, terminando por fomentar uma maior atenção por parte do espectador (HYDEN, 1997, p.53).

Vários estudos já publicados investigaram narrativas de adoecimento, tais como: Pierret, (2003), Julia (2003), Murray (2000) e Hydén (1997), de modo que a experiência subjetiva da doença passou a ser objeto de contínuo interesse científico, mormente no que tange à significação da condição de doente, transformações biográficas decorrentes do adoecimento, narrativas autobiográficas e senso de identidade.

Em tais estudos, diferentes métodos foram utilizados para análise de narrativas de adoecimento. Nesta pesquisa, compartilhamos a visão de Dijk (2004), de que a psicologia social crítica e sua perspectiva discursiva estão aptas a contribuir para o entendimento de muitos fenômenos sociais, inclusive sobre o adoecimento, com o qual nos propomos a trabalhar.

A psicologia discursiva se coloca como uma maneira de pesquisar em Psicologia Social, “defendendo o estudo do discurso como um tópico de interesse e enfatizando os aspectos

construtivos e ativos do uso da linguagem na vida cotidiana” (RASERA, 2013, p. 816). O discurso assume, então, lugar de destaque e se torna uma ferramenta confiável para analisar os fenômenos sociais. De tal forma, somos convocados a conceber a linguagem, o discurso e o conhecimento daí advindos como essencialmente sociais e transformadores da realidade (DIJK, 2004).

Ao nos propormos a trabalhar no âmbito da psicologia social discursiva e da análise do discurso, devemos atentar que, embora mais difundida para análise de textos escritos, “esta não se aplica unicamente à linguagem escrita, mas a qualquer padrão de significado, seja ele visual ou espacial, e, portanto, pode referir-se a textos visuais, tais como a televisão, o cinema, a banda desenhada, etc.” (NOGUEIRA, 2008, p. 236). Portanto, justifica-se a utilização da Psicologia Discursiva para análise de dados visuais, suas respectivas legendas e perfis no *Instagram* no decorrer desta pesquisa.

Isto nos remete à pesquisa feita por Bell (2002) acerca da narrativa de Jo Spence, que, diagnosticada em 1982 com câncer de mama, se engajou em projetos colaborativos para narrar sua trajetória de paciente oncológica por meio de fotografias. Neste caso, a autora argumenta que algumas fotografias denotam narrativas, de tal modo que considerou as fotografias de Spence como narrativas de um viver com câncer que incorporaram elementos visuais e textuais. A autora não faz, assim, distinção entre narrativas verbais e visuais: “*I blur the distinction between verbal and visual narratives*” (p.6), e evidencia que ambos os elementos, textuais e visuais, merecem atenção para a compreensão da narrativa em questão, sendo necessário desenvolver métodos para análise dos dados visuais. Assim sendo, também consideramos as imagens postadas pelas participantes como componentes de suas narrativas, por isso, foi necessária a análise de dados visuais em nossa pesquisa, ressaltando que os métodos visuais nos oferecem “um novo canal para investigação psicológica dos cenários materiais da experiência e de como pessoas interpretam e narram suas experiências” (FLEWITT, 2013).

Compreendemos, portanto, que esta pesquisa aborda conteúdos (postagens) oriundos de narrativas e que, para serem analisados, não podem ser tomados isoladamente, isto é, como fragmentos soltos, mas precisam estar inseridos num contexto. Justifica-se, assim, a necessidade de análise de narrativas para entender a história de adoecimento de cada participante, de modo que, neste ponto, seremos amparados pela psicologia discursiva, como indicado anteriormente. Consideramos que o termo “postagem”, portanto, no âmbito do presente trabalho, possui três elementos: a imagem, sua respectiva legenda e os comentários produzidos pelos outros usuários, de modo que as publicações escolhidas para análise levaram em conta a coexistência de todos esses elementos.

Esta pesquisa buscou analisar, ainda, os conteúdos específicos das postagens produzidas no âmbito destas narrativas. Para tal fim, utilizamos a análise temática de conteúdo proposta por Bardin (1979), uma das principais técnicas de análise de dados em pesquisas qualitativas. Segundo Minayo (1992), este tipo de análise é uma ferramenta metodológica que permite, por meio do desenvolvimento de inferências e deduções, a identificação de significados latentes no conteúdo manifesto de uma mensagem.

Por sua vez, esta análise temática de conteúdo é composta por três procedimentos (Bardin, 1979):

- Pré-análise: que pressupõe um contato exaustivo com o material, sua organização em temas, as chamadas "unidades de significação", e o delineamento de hipóteses;
- Exploração do material: que diz respeito às técnicas utilizadas para a codificação do conteúdo, assim como à agregação dos temas;
- Tratamento dos resultados: que apresenta os resultados da exploração do material, assim como discussão e interpretações acerca destes.

A utilização da técnica de análise temática de conteúdo propugnada por Laurence Bardin restou de grande valia à consecução dos objetivos traçados na presente pesquisa, fornecendo elementos que nortearam uma análise mais centrada das postagens aqui em questão. Com efeito, o uso da referida técnica permitiu o recorte das postagens em palavras, elementos imagéticos, comentários de internautas, temas, personagens e acontecimentos, codificando-as e categorizando-as, de forma a delimitar, posteriormente, a natureza das narrativas produzidas pelas participantes da pesquisa em suas contas no *Instagram*. Por fim, após a exploração exaustiva do material, procedemos à interpretação dos resultados à luz do conteúdo teórico traçado na pesquisa, levando a efeito a análise crítica do conteúdo apreendido no contexto da contemporaneidade.

Esta pesquisa possui, portanto, natureza qualitativa e não busca representatividade estatística, ou seja, não pretende ser uma pesquisa representativa de todas as pacientes oncológicas. Ademais, é exploratória e analítica, intencionando conhecer os fenômenos que emergem na análise. Para contemplar o escopo de nosso estudo foi preciso, portanto, uma combinação de métodos, como análise de dados visuais, de narrativa e de discurso, utilizando-nos, ainda, de análise temática de conteúdo.

3.2 Iniciando a pesquisa

A análise de narrativas nos leva a um ato interpretativo que envolve diversas etapas a fim de entender o hiato entre a experiência vivida e a sua comunicação (BURY, 2001). Assim, no

intuito de entendermos as postagens das participantes como elementos das narrativas de adoecimento na plataforma *Instagram*, uma série de passos precisaram ser dados e serão explicados a seguir. Inicialmente, é preciso levar em conta que, a partir da fundamentação metodológica aqui exposta, sabíamos, com efeito, que estaríamos lidando com métodos e dados de diferentes aspectos. Dentro do âmbito de estudo, portanto, nos propomos a analisar os seguintes dados de cada participante:

- Imagens postadas: para tanto, procedemos à análise de conteúdo das imagens selecionadas;

- Textos (presentes nas legendas das imagens selecionadas e nos comentários acerca destas): realizamos a análise de discurso e de conteúdo para a identificação das principais categorias que emergem nas legendas e dos comentários, destacando os temas mais significativos e recorrentes;

- Análise das “Bios”: O termo “bio”, abreviação de “biografia”, se localiza no topo da página inicial de todo perfil no *Instagram*, logo abaixo do nome do usuário. Com frequência, a “bio” apresenta autodescrições do usuário, na qual informações-chave são disponibilizadas a fim de que o internauta possua uma melhor compreensão sobre aquele perfil. Nos servimos da análise de conteúdo das autodescrições das participantes em seu perfil do *Instagram*, identificando as principais categorias de autotematização.

3.2.1 Escolha das participantes

Dado o caráter qualitativo e exploratório da pesquisa, consideramos coerente o uso de amostragem por conveniência para a escolha das participantes. O *Instagram* possibilita a busca de perfis por meio de *hashtags*, que agregam, como em um álbum virtual, publicações que a utilizaram. Para cada *hashtag*, portanto, o aplicativo destaca diariamente nove fotos, dentre as milhares postadas, em uma seção chamada “principais publicações”. Usualmente, estas são as fotos mais acessadas e curtidas por outros internautas, o que aponta se tratar de um conteúdo relevante dentro do universo de publicações com a referida *hashtag*. Inicialmente, intencionávamos buscar a partir da *hashtag* #cancerdemama, na seção “principais publicações”, os perfis a serem analisados, intentando selecionar um perfil por dia, durante 10 dias consecutivos. Isto é, todos os perfis selecionados para análise possuiriam, ao menos, uma foto com a *hashtag* #cancerdemama que já estivesse estado na seção “principais publicações”.

No entanto, ao passarmos ao campo (campo virtual), tal possibilidade se tornou inviável. Em outubro, após o aceite de nossa pesquisa pelo comitê de ética, iniciamos a busca por participantes para a pesquisa. No entanto, ao acessarmos a seção "principais publicações" da

hashtag #cancerdemama, encontrávamos, diariamente, não narrativas de mulheres diagnosticadas com câncer, mas postagens relativas ao movimento “Outubro Rosa”, publicadas pelos mais diversos internautas, empresas, celebridades, e outros que não consistiam em nosso público alvo.

Após 12 dias consecutivos, objetivando, sem êxito, encontrar participantes nesta seção, tivemos que repensar nosso método de busca original. Passamos, então, a procurar as possíveis participantes por meio da *hashtag* #cancerdemama, mas sem nos limitarmos à seção "principais publicações".

Esta etapa de busca de por participantes demandou um trabalho extremamente exaustivo, por alguns motivos, como: o grande número de postagens com a *hashtag* #cancerdemama (no dia 17 de novembro de 2017, havia 313.423 publicações na referida *hashtag*); o mês de coleta, outubro, coincidiu com o mês da campanha internacional do Outubro Rosa, acerca da conscientização sobre o câncer de mama, o que ocasionou que, dentre estas centenas de milhares de postagens, a maioria se destinasse à referida campanha e não às narrativas de mulheres adoecidas. Outra dificuldade encontrada foi que a *hashtag* escolhida (#cancerdemama) compartilha também o mesmo significado em língua espanhola, de forma que, em face disso, foi necessário um trabalho de identificação criteriosa e exaustiva a fim de que pudéssemos encontrar as participantes circunscritas aos nossos critérios de escolha, sendo estes:

- nacionalidade brasileira;
- diagnosticadas com câncer de mama há, no máximo, 5 anos;
- possuindo pelo menos uma publicação com a *hashtag* #cancerdemama (a foto pela qual teríamos acesso a sua conta de *Instagram*)
- perfis públicos no *Instagram* (de livre acesso a todos os usuários da rede)
- com idades entre 18 e 60 anos;
- com no mínimo 100 fotos publicadas

Os critérios de escolha para a seleção das participantes nos impeliram a trabalhar somente com "perfis públicos" no *Instagram*, nos quais qualquer internauta tem acesso ao conteúdo postado, o que, por si só, já nos respaldava juridicamente a utilizar as fotos em rede sem a autorização específica das usuárias. Isto porque, pela política dos termos de utilização do aplicativo, cuja aceitação é obrigatória a todos que utilizam a rede social, resta expressamente firmado que o conteúdo publicado e disponibilizado no aplicativo tem natureza não-confidencial, podendo ser utilizada para diversos fins (INSTAGRAM, 2017). Entretanto, acreditamos ser coerente e ético de nossa parte só efetivar a participação na pesquisa após a

concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enviado *online* para as participantes. O TCLE (APÊNDICE) foi enviado por meio de um formulário *online*, a partir da plataforma *google forms*. Em tal formulário coletamos alguns dados pessoais, a saber:

- Nome
- Data de nascimento
- Mês e ano de diagnóstico
- Cidade natal
- E-mail

Assim, após um longo trabalho de busca, imersos na *hashtag* #cancerdemama, foram selecionadas 10 participantes que contemplavam nossos critérios de escolha e que concordaram com o TCLE *online*. Finalmente, após a seleção dos perfis, do convite e aceite à participação na pesquisa, passamos para uma segunda etapa de nossa pesquisa: conhecer e analisar as narrativas das participantes.

Ademais, ao longo desta pesquisa mantivemos o anonimato das participantes, tanto de seu nome real (preenchido no formulário de participação), como de seu nome virtual, adotado em suas contas do *Instagram*. Ao invés de seus nomes, chamaremos as participantes de "*Instagram* 1, 2, 3, etc...".

Cada participante teve seu *Instagram* visitado diversas vezes, a fim de que pudéssemos compreender as narrativas que compartilhavam publicamente.

Devido ao preenchimento do formulário enviado, possuíamos acesso ao mês e ano de diagnóstico das participantes. Algumas delas possuíam centenas de fotos publicadas antes do diagnóstico, as quais foram descartadas, de modo que nos detivemos a analisar as narrativas exclusivamente partir da data do diagnóstico.

3.2.2 Escolha das publicações

Após a seleção das participantes e de conhecermos, de maneira geral, a história do adoecimento de cada uma, selecionamos as imagens oriundas destas narrativas como objetos de nossa análise. Assim, estabelecemos alguns critérios para a escolha das imagens a serem analisadas, quais sejam:

- Publicações somente após o diagnóstico da doença ou até cinco anos após remissão da doença;
- Publicações preferencialmente durante o período de tratamento que nos ajudassem a entender suas narrativas de adoecimento;

- Publicações com qualquer tipo de imagem poderia ser incluída, desde que respeitando os critérios anteriores: *selfies*, fotos da paciente só ou em grupo, em contexto ligado ou não à doença, acompanhadas ou não de legendas, não importando o número de caracteres escritos, compostas por *emojis* (imagens que substituem palavras na comunicação virtual) ou não, ilustrações, desenhos, etc.

Após a escolha das participantes e de estabelecidos os critérios para a seleção das imagens a serem analisadas, passamos a uma fase mais exploratória da pesquisa. Neste ponto, a fim de explorar o material a ser estudado, como preconizado por Bardin (1979), procedemos à confecção de um "dossiê" para cada participante. Cada "dossiê" consistia em publicações que montassem uma narrativa e, por se tratar ainda de uma etapa de exploração de material, não limitamos aqui o número de imagens.

Após realizar tal procedimento com todas as participantes, conduzidos pela visualização reiterada dessas publicações, notamos que alguns conteúdos se repetiam. A escolha do número de imagens de cada participante, assim, foi norteada pelo método de amostragem por saturação (ou saturação teórica), objetivando apurar o ponto de repetição, isto é, uma certa redundância, a partir do que não se considerada relevante persistir na coleta de dados (FONTANELLA et al., 2008).

Assim, a partir da saturação desses temas, criamos dois grandes temas de análise, pensados a partir da proximidade entre as publicações. A delimitação destes dois espectros de estudo levou em conta a constante repetição dos referidos temas durante as narrativas de adoecimento, permitindo, por meio da inferência do ponto de redundância, identificar a importância temática dos eventos narrados. Deste modo, nomeamos estes dois temas de "trajetória de tratamento" e "trajetória do corpo".

A área temática "trajetória de tratamento" é composta por publicações que nos levaram à compreensão do percurso clínico de pacientes diagnosticadas com câncer de mama em busca da cura da doença. Sabemos que, atualmente, a possibilidade de obter a cura do câncer, conforme as balizas reconhecidas cientificamente, se dá por meio de um tratamento extremamente invasivo, que provoca efeitos colaterais e transformações corporais. Tal tratamento pode ser efetuado por meio de incursões locais, através de cirurgia e de radioterapia, ou procedimentos sistêmicos, como a quimioterapia e a terapia com agentes biológicos, como o uso de hormônios e de anticorpos (ANJOS e ZAGO, 2006). Com efeito, é comum a combinação destes tratamentos, assim como o uso de medicações específicas a fim de alcançar a remissão da doença. A combinação desses procedimentos clínicos fornece relevante dinamismo à doença, que passa, então, a ser vivenciada de acordo com cada etapa do

tratamento: quimioterapia, radioterapia, cirurgia e hormonioterapia, quando necessário (ALMEIDA, 2009). Assim sendo, inserimos, nesta categoria postagens referentes à revelação do diagnóstico, às modalidades terapêuticas que são usualmente preconizadas para a remissão do câncer de mama (quimioterapia, radioterapia e mastectomia), assim como o possível fim dessas trajetórias, através da remissão da doença.

Já na área temática intitulada “trajetória do corpo” agrupamos publicações em que o corpo recebia destaque nas narrativas aqui analisadas, seja por suas transformações físicas em consequência do tratamento, seja por cuidados a ele dedicados. Esta área foi, então, subdividida nas seguintes categorias: transformações corporais e cuidados com o corpo.

O próximo capítulo, conforme elucidado anteriormente, se dedica à apresentação da sistematização e discussão dos resultados obtidos a partir da análise dos perfis e publicações das dez participantes selecionadas.

4 O CÂNCER DE MAMA NO *INSTAGRAM*: resultados e discussão das análises das narrativas de adoecimento de dez mulheres diagnosticadas com câncer de mama

4.1 Conhecendo as participantes

No intuito de compor o objeto de estudo da presente pesquisa, foram analisados os perfis no *Instagram* e as postagens de dez mulheres, todas diagnosticadas com câncer de mama, que compartilharam, no *Instagram*, a trajetória do adoecimento oncológico.

Por meio do aceite do formulário *online* contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi possível identificar algumas particularidades das participantes, tais como idade, data do diagnóstico, estágio do tratamento e naturalidade.

Com efeito, todas as participantes possuem mais de vinte e cinco anos, sendo que três delas encontravam-se no interregno de vinte cinco a vinte e nove anos de idade; cinco delas entre trinta e trinta e nove anos de idade; e duas com mais de cinquenta anos de idade. No que se refere à localização geográfica, uma delas provém da região norte do país; três delas do Nordeste; uma participante do centro-oeste; e outras cinco da região sudeste do país.

Quanto à situação do tratamento, seis delas já haviam encerrado os tratamentos médicos; uma estava submetendo-se à quimioterapia; e três delas estavam em meio a tratamento hormonal. Dentre as participantes, o diagnóstico mais antigo remonta ao ano de 2014, enquanto o mais recente remete a abril de 2017. Duas das dez participantes sofreram recidiva da doença, necessitando de novo tratamento clínico.

Com efeito, segue, abaixo, quadro demonstrativo dos dados coletados a partir dos formulários preenchidos e das análises dos perfis das participantes:

Quadro 1 – Perfil das participantes

NOME	IDADE	DIAGNÓSTICO	SITUAÇÃO TRATAMENTO	CIDADE
<i>Instagram 1</i>	31 anos	agosto de 2016	Finalizado	Goiânia – GO
<i>Instagram 2</i>	33 anos	abril de 2017	Em quimioterapia	São Paulo – SP
<i>Instagram 3</i>	26 anos	maio de 2016	Finalizado	Boa Vista – RR
<i>Instagram 4</i>	30 anos	julho de 2016	Em tratamento hormonal	Rio de Janeiro – RJ
<i>Instagram 5</i>	53 anos	outubro de 2016	Finalizado	Aracaju-SE
<i>Instagram 6</i>	50 anos	abril de 2015	Finalizado	Belo Horizonte – BH
<i>Instagram 7</i>	31 anos	fevereiro 2016	Em tratamento hormonal	Recife – PE
<i>Instagram 8</i>	27 anos	março de 2017	Finalizado	São Caetano do Sul – SP
<i>Instagram 9</i>	25 anos	abril de 2016	Finalizado	Cachoeiro de Itapemirim –ES
<i>Instagram 10</i>	35 anos	junho de 2014	Em tratamento hormonal	Belo Jardim – PE

A partir dos perfis analisados, apuramos que, ao todo, quatro mil, novecentos e trinta e sete (4.937) postagens foram visualizadas no âmbito da presente pesquisa, no intuito de identificar o padrão narrativo do adoecimento em cada conta das participantes no *Instagram*. Porém, dado o vasto número de postagens que antecediam o diagnóstico de câncer de mama, voltamos nossas análises somente para as publicações após a revelação do diagnóstico no *Instagram*. Selecionamos, então, publicações que consideramos relevantes, que contemplassem os critérios expostos anteriormente. Foram, assim, analisadas nesta pesquisa oitenta e sete publicações das participantes.

Quadro 2 – Número de postagens por participantes

PARTICIPANTES	NÚMERO DE POSTAGENS (em 17.11.2017)
<i>Instagram 1</i>	241
<i>Instagram 2</i>	443
<i>Instagram 3</i>	242
<i>Instagram 4</i>	397
<i>Instagram 5</i>	1072
<i>Instagram 6</i>	688

<i>Instagram 7</i>	454
<i>Instagram 8</i>	137
<i>Instagram 9</i>	593
<i>Instagram 10</i>	670
Somatório total	4.937

Desta maneira, ante os dados preliminares expostos, passaremos, a seguir, à sistematização dos resultados propriamente dita, com exploração do conteúdo apreendido a partir de nossas análises. Iniciaremos, para tanto, com a análise das “Bios” das participantes.

4.2 Análise das “Bios”

Ao criar uma conta no *Instagram*, o usuário adquire um perfil pessoal no aplicativo, a partir do qual todas suas interações serão mediadas. Este perfil apresenta alguns campos de dados a serem preenchidos a fim de personalizar e identificar a conta do usuário. Para tal fim, há um espaço destinado à inclusão de uma foto e um outro campo, chamado ‘Bio’, no qual o internauta poderá utilizar até 150 caracteres para se apresentar aos outros internautas, escrevendo aí uma espécie de minibiografia, daí o termo “Bio”.

A Bio funciona, então, como um tipo de identificação do usuário para outros internautas que visitem seu perfil. Constam, assim, neste espaço, informações consideradas relevantes pelo proprietário da conta.

Para melhor ilustrar, segue uma foto do perfil de *Instagram* de uma das participantes de nossa pesquisa, *Instagram 9*. A imagem foi alterada a fim de preservar em sigilo o nome real, e o utilizado na referida rede social, da participante.

Figura 1 – Bio Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Apesar da limitação em 150 caracteres para sua autodescrição, o usuário é livre para conceder somente informações que achar pertinente, podendo, para isto, fazer uso de *emojis* - figuras com função de ideograma, ou seja, que transmitem a ideia de uma palavra ou mesmo de uma frase, cujo uso é vastamente popularizado na comunicação virtual.

Assim, ao preencher o campo ‘Bio’, o usuário transmite aos outros internautas uma ideia sobre si próprio, algo como uma definição de si, na qual, de alguma forma, sua vida é circunscrita. Assim sendo, a Bio é um espaço privilegiado para captar elementos identitários. Havendo, então, clarificado acerca da função da Bio e levando em consideração a pluralidade de dados que podem daí emergir, passamos, então, para a análise das Bios das participantes.

Todas as fotos de perfis aqui analisadas retratam as participantes sozinhas, com exceção de *Instagram 2* que está acompanhada de seu marido em sua foto de perfil. Todas as participantes escolheram fotos em que seus rostos estão em destaque para acompanhar suas Bios. Todas as imagens são esteticamente bonitas e as participantes fazem uso de alguns recursos de embelezamento, como maquiagem e uso de acessórios. Três participantes, *Instagrams 3, 4 e 5*, mantêm como foto principal imagens suas de quando estavam carecas em decorrência do tratamento.

Após minuciosa análise de suas Bios identificamos a repetição de alguns repertórios entre as participantes. Suas autodescrições se constituem, com frequência, por elementos semelhantes, como: local de nascimento, idade, menção à doença, entre outros. Como temas mais recorrentes em suas autodescrições encontramos:

Quadro 3 – Temas de autoapresentação na Bio

Temas de autoapresentação	Número de recorrência entre as participantes
Estado civil	3 (<i>Instagrams 2, 4 e 10</i>)
Maternidade	3 (<i>Instagrams 1, 2 e 4</i>)
Ocupação profissional	4 (<i>Instagrams 3,6,7,9</i>)
Fé e/ou espiritualidade	4 (<i>Instagrams 2, 4, 5, 6</i>)
Idade	6 (<i>Instagrams 1, 3, 4, 7, 8, 9</i>)
Local de nascimento ou domicílio	7 (<i>Instagrams 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10</i>)
Câncer	10 (encontrado em todos os <i>Instagrams</i> aqui pesquisados)

Todas as participantes se referiram ao câncer em seu espaço de autodescrição na Bio, restando, assim, evidente a relevância do câncer na constituição de suas subjetividades e biografias. A unanimidade em mencionar o câncer em suas Bios, nos fornece indícios de que o diagnóstico de câncer de mama se apresenta em suas vidas como uma “ruptura biográfica”, conceito apresentado por Bury (1982). Segundo o autor, a experiência de um diagnóstico grave, como de doenças crônicas, e no caso de nossa pesquisa, o câncer de mama, institui uma ruptura no percurso da vida das pacientes e em seu cotidiano, levando-as a ressignificarem vários aspectos da vida, como sua própria biografia e autoimagem, se apresentando, assim, de uma nova forma.

A primeira fase desta ruptura seria uma quebra com alguns comportamentos cotidianos e um questionamento acerca do que está acontecendo. Na segunda fase, há uma reflexão sobre suas próprias vidas, sobre suas biografias e autoimagem; aqui elementos identitários são questionados e reformulados. Por fim, em seu último estágio, a pessoa enferma mobiliza recursos para se adaptar à nova realidade, apresentando uma tentativa de viver da maneira mais próxima da normalidade de suas vidas anteriores, apesar de se assumirem enquanto enfermas.

Inferimos, portanto, a partir da menção ao câncer em suas autodescrições nas bios, que a experiência de adoecimento se configura como uma ruptura biográfica. Assim, elementos identitários são reformulados a partir do adoecimento de modo que todas se apresentam como pacientes oncológicas. Ademais, a identificação de que suas autodescrições comportam, simultaneamente, elementos referentes à ruptura (menção ao câncer) e elementos identitários anteriores ao adoecimento, como local de nascimento, profissão, entre outros, indicam certa adaptação e tendência a retomarem a normalidade de suas vidas anteriores.

Isto nos remete, ainda, ao que Goffman (2004) chama de gerenciamento da identidade deteriorada em que pessoas tentam se apresentar como parte da norma dominante ao mesmo tempo em que não escondem os aspectos que as fazem “diferentes”, como um diagnóstico de câncer.

Cada participante abordou a doença de uma maneira singular em seus *Instagrams*, porém, observamos a recorrência de narrativas culturais dominantes acerca de ser uma mulher com câncer. É preciso, portanto, levar em conta que a sociedade fornece modelos sobre o que seria ser uma mulher. As noções de gênero são construídas socialmente e todos são chamados a atender a tais modelos, a se encaixar neles, todavia, o indivíduo pode aderir, ou não, a estes modelos (KELLNER, 2011).

Entre as participantes da pesquisa constatamos que todas aderem, de algum modo, ao estereótipo de ser mulher a partir de uma lógica heteronormativa, em que o papel da mulher se refere, em grande parte, ao delicado, ao mundo doméstico, rosa e, por vezes, infantil. Assim, nas bios identificamos a prevalência de símbolos que remetem a esta visão do feminino através do uso repetido de *emojis* da cor rosa, como o laço rosa, e de símbolos delicados como flores, corações, rosas, entre outros.

Se apresentar enquanto mulher é, portanto, uma construção social. Igualmente, nossa sociedade também formulou uma imagem sobre o que é ser uma mulher com câncer. Pitts (2004), ao pesquisar narrativas do adoecimento de câncer de mama na web, constatou que o rosa, uma cor tradicionalmente feminina, assim como vários outros símbolos, como balões, corações, anjos, querubins e arco-íris eram usados com frequência e, até com certo exagero, por

mulheres diagnosticadas com câncer de mama, o que contrasta fortemente com a natureza severa do diagnóstico em questão.

Assim, segundo a autora, isso sugere que as pacientes aderem a um senso de feminilidade socialmente construído para mulheres com câncer de mama. Senso esse também encontrado por Boer e Slatman (2014), que nos alertam que embora o câncer de mama supostamente ameace o senso de feminilidade, as expressões acerca dele acabam por enfatizar aspectos estereotipados do feminino, com excessos da cor rosa e símbolos que supostamente compõem a identidade feminina.

Assim como a representação da mulher é construída socialmente, estudos em antropologia médica indicam que questões referentes à saúde e doença também são atravessadas por elementos culturais, sociais e econômicos (BARBOSA e FRANCISCO, 2007). Assim sendo, definições acerca de saúde e doença se transformam ao longo do tempo e das sociedades.

Atualmente, por meio de campanhas como o Outubro Rosa, o estereótipo de mulheres fortes “lutando” contra o câncer é constantemente apresentado e reforçado. Powers et al. (2016) nos indicam que há uma expectativa social acerca da mulher com câncer, construída através de uma mídia que transforma esse adoecer em algo rosa, “fofo” e a ser encarado de maneira positiva. Esta expectativa confere mesmo uma admiração às sobreviventes do câncer. É inegável que tais campanhas “rosas” ajudam a diminuir o estigma da doença e criam certo senso de comunidade e identidade em comum entre as mulheres diagnosticadas com câncer de mama, porém, por outro lado, consideramos que podem levar a uma negação e ocultação da severidade da doença.

Este discurso dominante sobre ser uma mulher com câncer foi reproduzido pelas participantes da presente pesquisa, uma vez que estas se apresentam dentro do estereótipo feminino, positivas e fortes para lutar contra a doença. A superação da doença recebeu destaque em suas bios e uma postura forte frente ao adoecimento foi repetidamente demonstrada, reforçando o estereótipo de “guerreiras” socialmente a elas atribuído, como notado a seguir:

Quadro 4 – Menção ao câncer na *Bio*

Participante	Menção ao câncer em sua autodescrição na Bio
<i>Instagram 1</i>	<i>👊 Sobrevida do câncer de mama</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>Paciente oncológica. ☐</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Venci um câncer de mama 🏆 🤪 Cancer fighter 🤪</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>Ressignificando o câncer de mama metastático. Palestrante.Rede+Vida. Causadora Oncoguia. 👊</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>👊 Breast cancer Survivor: Minha história com o câncer de mama → #FightLikeMi</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>☐ Cancer Survivor</i>

O uso exacerbado de *emojis* não passou despercebido. Os *emojis* escolhidos para comporem seus textos autodescritivos seguem dois vieses, em um deles, símbolos de força são publicados, como: 🦊👊 □ (punho cerrado, o bíceps em flexão e luva de boxe, respectivamente, como símbolo de força e luta). O outro viés é mais utilizado pelas participantes e reproduz um padrão heteronormativo, se utilizando de figuras rosas, delicadas ou infantis para remeter ao feminino, como: 👑💕❤️🌸🌺🌻🌷♀️💎🌸. O *emoji* mais utilizado foi o laço rosa 🌸, remetendo ao movimento Outubro Rosa, sendo apresentado nas Bios de mais da metade das participantes (*Instagrams* 1, 2, 3, 4, 7, 8). Em contrapartida, os *emojis* simbolizando força e resistência foram publicados por quatro usuárias (*Instagrams* 2, 3, 4, 10).

Estas posturas adotadas pelas participantes nos remetem às chamadas “narrativas de restituição”, apresentada por Frank (2013), em que a mulher demonstra ser corajosa, otimista, num enredo de sucesso quase obrigatório. Estas narrativas trazem uma “heroína sobrevivente” que manifesta um discurso militarista, uma postura de “vencedora” e um otimismo exacerbado. Assim, mulheres são levadas a silenciar a raiva e o pesar, ocultando suas dores, o que pode ser prejudicial.

Ademais, algumas participantes, além de reproduzirem este tipo de discurso, vinculam espiritualidade e posturas positivas como ferramenta para “vencer” a doença, como exemplificado nas Bios de *Instagram* 2 e 6:

Instagram 2 – “Vencendo o câncer de Mama 🌸🦊 com muita Fé e alegria!”

Instagram 6 – “Sobrevivente de um câncer de mama em 2015 com muita fé e bom humor!!!”

Questões concernentes à espiritualidade também foram citadas nas Bios de *Instagrams* 4 e 5 e em publicações posteriores da maior parte das participantes. Pinto et al. (2015) nos indicam que a espiritualidade é uma das mais importantes estratégias de enfrentamento de pacientes oncológicos. É por meio dela que se atribui significado ao adoecimento e ao sofrimento por ele advindo. Segundo o autor, a maioria dos pacientes oncológicos acredita que a espiritualidade os fortalece para enfrentar o adoecimento, sendo, portanto, comum vincular fé com vencer a doença, como fizeram *Instagram* 2 e 6.

A análise das Bios nos leva a dizer que as participantes reafirmam estereótipos sobre o que é ser uma mulher (fazendo uso de recursos do universo feminino como corações, flores, laços, algumas remetendo à maternidade e ao matrimônio) e reafirmam o estereótipo acerca da mulher com câncer de mama, reproduzindo discursos de positividade, luta e fortaleza em suas autodescrições, o que também foi constatado por Boer e Slatman (2014).

Porém, se, por um lado, estas mulheres reproduzem certos padrões de nossa sociedade heteronormativa, por outro, elas demonstram certa resistência ao escolherem fotos suas sem cabelo para compor seu perfil no *Instagram*, indo de encontro com os padrões estéticos vigentes. Outrossim, ao publicizarem seus diagnósticos publicamente em suas Bios, corroboram para a desmistificação da doença que por tantos anos foi vivenciada na esfera do privado dado os maus estigmas atreladas à enfermidade.

4.3 Trajetória de Tratamento

4.3.1 Início das Narrativas: revelação do diagnóstico

Durante o transcorrer de nossa pré-análise, tivemos a oportunidade de explorar todas as imagens publicadas pelas participantes. Entretanto, à guisa de fixar-se ao nosso objeto de estudo, nossa atenção se voltou para o que consideramos o início de suas narrativas de adoecimento, isto é, a partir da postagem em que as participantes mencionam o diagnóstico de câncer, de forma direta ou indireta, em suas contas no *Instagram*.

Os estudos de Pinto e Martins (2006), McBride et al. (2000), Grassi (2005), entre outros, nos indicam que o momento do diagnóstico de câncer de mama é uma etapa crucial para aquelas que enfrentam esse tipo de adoecimento. Consideramos este, então, o prelúdio das narrativas ora analisadas. Neste contexto, estamos alinhados com Menezes et al. (2012), que afirmam que o recebimento do diagnóstico merece atenção especial ao ser estudado.

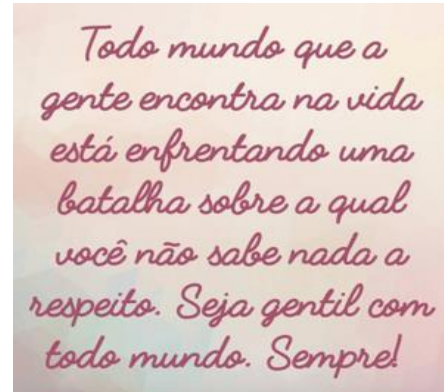
A primeira categoria, então, a ser ponderada, é a "revelação do diagnóstico". Foram incluídas, aqui, as imagens em que, pela primeira vez, as participantes publicaram algo – direta ou indiretamente – referente aos seus diagnósticos de câncer de mama. Foram analisadas as imagens, assim como as legendas e os comentários suscitados.

Assim, observamos que, ao iniciarem suas narrativas sobre a doença, a maioria das participantes se utilizaram de recursos textuais e imagéticos para abordar o assunto de maneira indireta, seja por meio de *hashtags* ou de imagens que ensejam, no espectador, a mera suposição do advento do diagnóstico. Somente três participantes (*Instagram 2*, *Instagram 4* e *Instagram 7*) expuseram à audiência – seus seguidores – a revelação de seus diagnósticos de maneira direta.

Das dez participantes, somente duas não se utilizaram de fotos próprias para abordar o assunto (*Instagram 7* e *8*), representadas nas Figuras 1 e 2, abaixo:

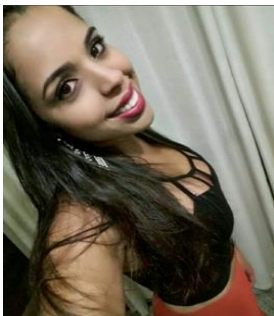
Figura 2 – Revelação do diagnóstico - *Instagram 7*

Fonte: *Instagram* (2017)

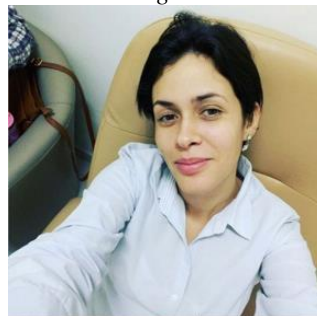
Figura 3 - Revelação do diagnóstico *Instagram 8*

Fonte: *Instagram* (2017)

Das participantes que se representaram em fotografias, nenhuma se apresentou por meio de uma imagem que remetesse a um momento difícil ou de forte impacto emocional. Ao contrário, a maioria, seis delas, estava sorrindo em suas publicações, transparecendo um suposto momento feliz, mesmo diante do diagnóstico. Uma das participantes, *Instagram 2*, na ocasião da postagem, moldou uma expressão “enigmática”; e *Instagram 10*, por sua vez, ensaiou um “biquinho” de “beijinho”.

Figura 4 – Revelação do diagnóstico
Instagram 1

Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 5 – Revelação do diagnóstico
Instagram 2

Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 6 – Revelação do diagnóstico
Instagram 4

Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 7 – Revelação do diagnóstico
Instagram 6Figura 8 – Revelação do diagnóstico
Instagram 5Figura 9 – Revelação do diagnóstico
Instagram 10

Fonte: *Instagram* (2017)

Fonte: *Instagram* (2017)

Fonte: *Instagram* (2017)

Duas participantes, por sua vez, (*Instagram 3* e *9*) fazem menção direta aos seus cabelos, tanto nas fotos, como nas legendas:

Figura 10 – Revelação do diagnóstico
Instagram 3



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 11 – Revelação do diagnóstico
Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Como dito no tópico anterior, somente duas imagens fazem menção direta ao câncer: o *Instagram 4* (Figura 5), que publicou uma foto sua em quimioterapia e o *Instagram 7* (Figura 1), que compartilhou uma imagem com um laço rosa, símbolo do câncer de mama.

Muito embora nos forneça um norte, a visualização isolada das imagens publicadas é muitas vezes insuficiente para inferir se as participantes, de fato, estão produzindo seus primeiros compartilhamentos acerca de seus diagnósticos. Assim, como explicado anteriormente, as narrativas no *Instagram* se formam por meio da junção de dados visuais, as imagens postadas, e dados escritos, por meio de legendas. Assim, a análise das legendas foi fundamental para a compreensão do início dessas narrativas.

Das dez participantes, somente três (*Instagrams 2,4,7*) realizaram um relato explicativo de seus diagnósticos. As demais participantes mencionaram seus diagnósticos apenas de maneira indireta, utilizando o recurso de *hashtag*.

É interessante observar que, no âmbito da análise das legendas, somente uma participante, *Instagram 7*, que se encontra em meio à recidiva da doença, aborda a dor do diagnóstico, escrevendo "*a dor bateu à minha porta novamente*".

Nas legendas produzidas pelas participantes, alguns temas e recursos foram repetidamente utilizados, como: cura, menção a uma nova "fase" da vida, o uso de linguagem bélica e a contradição. Neste bojo, buscaremos trazer alguns excertos de suas legendas para exemplificar a emergência desses assuntos.

Outrossim, atente-se que a palavra “cura” surgiu em sete dos dez *Instagrams* analisados, sendo expressa, na maioria das narrativas, no formato de *hashtag*:

Quadro 5 – Menção à cura

<i>Instagram 1</i>	<i>#cancerdemamatemcura</i>
<i>Instagram 2</i>	<i>Um ciclo de quimioterapia, o começo da minha cura!</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>...acredito que a partir dela começa minha cura... #cancertemcura</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>#cancerdemamatemcura</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>#cura</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>#cancertemcura</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>#AUniaoTrazACura</i>

Apesar de, ao longo da análise das narrativas, termos encontrado com recorrência o apelo ao discurso religioso, apenas quatro, de dez, participantes, ao compartilharem pela primeira vez seus diagnósticos, mencionaram questões relativas à fé e à espiritualidade:

Quadro 6 – Menção à fé e espiritualidade

<i>Instagram 2</i>	<i>Como estou? Como anda minha Fé? Eu continuo crendo..</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Mas Deus tem um plano...</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>#Deusàcimadetudo #Fé</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>Deus me de força e muito bom humor para superar tudo...</i>

Metade das participantes realizaram menção a algo que se inicia, a uma nova fase - seja de um ciclo de vida, de tratamento ou mesmo um novo aspecto visual, o que nos remete novamente à ideia de que o adoecimento de câncer de mama é vivenciado como uma ruptura biográfica, como explicado anteriormente. Ademais, constatamos aqui a uma “ruptura temporal” ocasionada pela doença, indicando o início de uma nova fase de suas vidas, conforme já identificada anteriormente por Boer e Slatman (2014).

Quadro 7 – Menção ao início de uma nova fase

<i>Instagram 2</i>	<i>E agora um novo ciclo se inicia em minha vida.</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Hoje foi iniciado o primeiro ciclo...</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>Em alguns dias começa a quimioterapia...</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>E é aí que começa uma nova fase: o RECOMEÇO...</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>daqui uns dias de visual novo...</i>

Em suas legendas se fez muito presente uma linguagem permeada de metáforas bélicas e de menção a lutas, seja de uma maneira bastante direta, como o relato do *Instagram 4* “*Hoje iniciei minha guerra contra esse CA de mama. Sou um soldado em campo de batalha*” ou de uma

maneira mais sutil, como o “*vamos pra cima!*” escrito por *Instagram 2*. Neste quesito, observamos a recorrência de outros discursos semelhantes:

Quadro 8 – Metáforas bélicas e menções a lutas

<i>Instagram 2</i>	<i>vamos pra cima!</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Hoje iniciei minha guerra contra esse CA de mama. Sou um soldado em campo de batalha</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>todo mundo na vida que a gente encontra na vida esta enfrentando uma batalha sobre a qual você não sabe nada a respeito.. #cancerfighter</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>#Instagram9contraocancer (aqui trocamos o nome de usuário real pelo fictício, ora utilizado nesta pesquisa)</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>beijos rosa para a luta..</i>

A ideia de luta, de vitória, permeada pelo uso do que denominamos “linguagem bélica”, surgiu frequentemente nos textos das legendas e, com ainda mais frequência, nos comentários. A pretexto de enfatizar uma postura confiante diante do adoecer e do tratamento, as participantes habitualmente referem-se que estão “lutando”, enquanto, nos comentários, são costumeiramente adjetivadas de “guerreiras”. Tais nuances nos oferecem um terreno sólido para inferir que o câncer – neste caso, o de mama – ainda se comporta como tabu social, sendo, inclusive, personalizado como algo externo que se apoderou do corpo e, como tal, deve ser combatido e dele expulsado. O uso de metáforas bélicas também foi abordado por Trusson e Pilnick (2016) que mostram, a partir da pesquisa de Sontag (1991)¹, que tal linguagem corrobora que a enfermidade é tida como um inimigo, que merece ser combatido e vencido.

Após exaustiva análise das imagens selecionadas, assim como de suas legendas, observamos que se faz fortemente presente uma “tendência à contradição” nas postagens. Com efeito, não raro foram expostas informações que, de alguma forma, se contradizem.

A primeira situação paradoxal, já relatada alhures, refere-se à constatação de que, em todas as fotos que as participantes aparecem, estas se apresentam, à sua audiência, de maneira feliz, esteticamente produzidas e/ou denotando tranquilidade, muito embora tenham sofrido o advento de um grave diagnóstico. Seus sorrisos e aparente serenidade vão de encontro à severidade do quadro clínico que apresentam.

Ademais, outros paradoxos foram encontrados em 9 das 10 participantes, a saber:

¹ Sontag, S. (1991) *Illness as Metaphor and AIDS and Its Metaphors*. London: Penguin.

Quadro 9 – Revelação do diagnóstico e possíveis paradoxos

Participantes	Elementos contraditórios
<i>Instagram 1</i>	Inicia sua narrativa de adoecimento com uma foto em que se apresenta sorrindo, “produzida” e maquiada. E, neste contexto, afirma: " <i>que sejamos capazes de enxergar coisas boas em cada momento ruim</i> ". Isto é, um sorriso, apesar de diagnóstico grave; a necessidade de enxergar coisas boas, apesar do momento desfavorável.
<i>Instagram 2</i>	Muito embora exponha, na legenda, um árduo percurso que inclui " <i>Suspeita de metástases óssea, quimioterapia, perda dos cabelos, cirurgias invasivas, radioterapia, etc..□□</i> ", compartilha que suas visitas ao hospital passam a ser semanais e que " <i>até começa gostar daquelas paredes brancas de cada sala que entra</i> ". Por um lado, assume a rotina exaustiva da sua trajetória de tratamento, por outro, começa até a gostar daquelas paredes brancas.
<i>Instagram 3</i>	Se apresenta em duas fotos com poses iguais, roupas iguais, sorrisos iguais, mas uma com e outra sem peruca e se utiliza de um recurso humorístico para fazer menção às suas versões "careca ou cabeluda". E se, por um lado, sorri e brinca com a falta de cabelos, por outro, escreve "cresça cabelinho" em uma <i>hashtag</i> .
<i>Instagram 4</i>	Se representou em uma foto em quimioterapia, porém sorrindo. Além disso, relata " <i>Químio vermelha. A temida!!!! Ansiada por mim no sentido da fé</i> ". Por um lado, assume a quimio como algo a ser temido, por outro, a mesma quimio também é ansiada, por fazer parte do que chama de "fator de cura".
<i>Instagram 5</i>	Inicia sua narrativa com uma foto sua em família, sorrindo e se utiliza de uma citação como legenda, na qual o paradoxo é evidente: " <i>apesar de todos cacos de vidro, o coração dela ainda prefere andar descalço pela vida</i> ."
<i>Instagram 6</i>	Aparece descontraída, sorrindo, tomando café e relata " <i>depois de mais uma biópsia, um cafezinho para relaxar</i> ", unindo na mesma postagem a trivialidade de um cafezinho, após se submeter a uma biópsia.
<i>Instagram 7</i>	Por sua vez, traz o símbolo do laço rosa como imagem e relata que " <i>aquele ano em que eu seria liberada para realizar o sonho da maternidade e, logo em seus primeiros dias, se tornou o ano em que a dor bateu à minha porta novamente</i> "
<i>Instagram 9</i>	Compartilhou uma foto sua sorrindo, apalpando seus cabelos e afirmando que está os amando como nunca; contudo, anuncia que são seus últimos dias com ele.
<i>Instagram 10</i>	Por fim, publicou uma foto sua acompanhada de seu parceiro, este cheio de marcas de beijos, advindos de seu batom rosa. Ela está de batom, apesar de estar portando uma máscara que o esconderia. Sua foto faz menção a algo delicado, como beijos rosas e em sua legenda fala de "beijos rosas", mas "para uma luta".

Um denominador comum a todas as participantes é que todas abordam o adoecimento como algo a ser superado, algo momentâneo. Tanto os textos das legendas como as imagens, em todas as dez participantes, não fazem referência ao câncer como uma sentença de morte, mas, ao contrário, como algo a ser combatido, vivenciado e, sobretudo, superado.

O impacto negativo do diagnóstico de câncer de mama é relatado vastamente na literatura, como por Pinto e Martins (2006), Grassi (2005), Araújo e Fernandes (2008), entre outros. Estudos anteriores apontam a dificuldade de receber o diagnóstico de câncer por se tratar de "uma doença culturalmente estigmatizada e com representações simbólicas negativas" (BARBOSA e FRANCISCO, 2007, p.10). Neste contexto, o período do diagnóstico seria causador de forte angústia e ansiedade, posto que é durante este período "que a paciente é confrontada com sua finitude; com as perdas que sofrerá e com as incertezas do tratamento" (PINTO e MARTINS, 2006, p.24).

Já na pesquisa de Corbellini (2001), um estudo qualitativo que visou compreender as vivências das mulheres durante a descoberta do câncer de mama, identificou que todas as participantes referiram sentimentos de desespero e inconformidade frente à situação de confirmação do diagnóstico. Araújo e Fernandes (2008) assumem que o impacto do diagnóstico depende também das visões de si mesma e de mundo que foram construídas ao longo da vida. No entanto, assumem que "a confirmação de uma doença grave e estigmatizada como o câncer de mama é fator desencadeante de sentimentos denotadores do sofrimento de se descobrir com tal doença." (p.670), assim, as participantes de seus estudos declararam ser sobremaneira desgastante receber o diagnóstico.

Apesar de pesquisas anteriores, como as citadas, apontarem para a difícil situação ocasionada pela notícia do diagnóstico, o compartilhamento do advento de câncer de mama no *Instagram*, pelo que pudemos constatar, não revela nem angústia, nem ansiedade pelas participantes. Sabemos, com efeito, que o que é escolhido para compartilhar não necessariamente é uma representação do vivido. Todavia, se torna curioso que somente o *Instagram 7*, que expunha sobre sua recidiva – o que ela chamou de recomeço – tenha assumido sua dor ao receber seu diagnóstico.

Oliveira e Ribeiro (2011, p.78) nos apontam, como conclusão de sua pesquisa (uma revisão integrativa da literatura sobre o sentimento da mulher após o diagnóstico de câncer de mama), que "as mulheres ao receberem o diagnóstico do câncer de mama enfrentam muitas dificuldades em todas as etapas, desde a descoberta da doença...". Estas dificuldades, contudo, não foram compartilhadas pelas participantes da pesquisa neste momento inicial de divulgação de diagnóstico.

Já a pesquisa realizada por Menezes et al. (2012) novamente constata o impacto psicológico ocasionado em parcela expressiva das participantes. Porém, a pesquisa sugere que isso enseja demonstrações de aceitação e força - o que facilmente constatamos em nossas análises, principalmente por meio da linguagem bélica utilizada.

Mesmo com o significativo aumento de sobreviventes ao câncer de mama, graças aos avanços da medicina, o câncer permanece, por muitos, sendo visto como “uma inapelável sentença de morte, representando popularmente, assim, o mais cruel dos vaticínios” (MENEZES et al., 2012, p. 234). Assim, pesquisas anteriores, como a de Araujo e Fernandes (2008), apontam que o diagnóstico de câncer de mama é visto, pela maioria das mulheres, como algo irremediável, associando fortemente câncer e morte como sinônimos. Outras pesquisas, como a de Pelaez e Pasquin (2004, p.120) apontam a proliferação marcante da ideia de que “o câncer é sinônimo de morte”. Muito embora o panorama exposto nos referidos estudos, nenhuma das participantes analisadas transpareceu o diagnóstico do câncer associado à sentença de morte.

Neste contexto, infere-se que o conteúdo compartilhado pelas participantes destoava sobremaneira do panorama geral, amplamente relatado em pesquisas científicas, acerca do sofrimento referente às pacientes oncológicas. A nosso ver, este fenômeno emerge do intento performático e do imperativo de felicidade que permeiam as publicações no âmbito das redes sociais, especificamente, no *Instagram*.

Este excesso de positividade e a falta de menção à morte nos remete à pesquisa de Rosedale (2009) sobre as ‘*survivor loneliness*’, que constatou que muitas pacientes oncológicas não são capazes de se comunicar honestamente com suas famílias e amigos acerca de seus sentimentos sobre a doença, uma vez que se espera delas uma postura positiva. Assim, esta aparente positividade também pode implicar em um doloroso e solitário silêncio.

Durante a análise do conteúdo das postagens, constatamos que os comentários são, em sua grande maioria, diretamente vinculados com o que as participantes compartilham em suas publicações. Os espectadores – os chamados “seguidores” – se apropriam, inclusive, do mesmo repertório linguístico das narradoras para produzirem seus comentários. À guisa de exemplo, identificamos que, quando a participante cita ou relata algo sobre Deus em suas postagens, os comentários também citam Deus, quando a postagem faz uso de recursos humorísticos, recebe comentário utilizando o mesmo tipo de recurso, como exemplificado no quadro 8.

Quadro 10 – Revelação de diagnóstico e comentários recebidos

Participantes	Repertório utilizado	Comentários recebidos
<i>Instagram 2</i>	<i>Como estou? Como anda minha Fé? Eu continuo crendo, eu continuo amando ele como sempre! Continuo crendo nas promessa, continuo de Pé!! Então vamos pra cima</i>	<i>A guerra ja esta ganha nos braços do Pai :)</i>

<i>Instagram 3</i>	Fez uso de recursos humorísticos em sua postagem e brincou de "repetir" sua foto com e sem peruca.	<i>Um vestido é um vestido ... E um rosto bonito é um rosto bonito! Independente se com cabelo ou não! A bicha arrasa</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Mas Deus tem um plano! Está fora de nosso entendimento agora, mas que fará todo o sentido para sua nova vida lá na frente. Deus quer que eu seja luz no meio dessa escuridão.... Hoje iniciei minha guerra contra esse CA de mama....</i>	<i>Muita força sempre ... nunca desiste de vencer ... Deus nunca dá uma batalha ao seu soldado maior que ele não possa suportar ... vc é vitoriosa e sairá dessa batalha muito mais forte 🙏🙏🙏🙏</i>

4.3.2 Quimioterapia

Observamos que, em relação às modalidades terapêuticas, a quimioterapia recebeu lugar de destaque nas postagens, sendo publicada e abordada por todas as participantes, o que evidencia sobremaneira sua importância no contexto do adoecimento de câncer.

A quimioterapia, portanto, normalmente se configura como a etapa mais longa do tratamento. A mulher diagnosticada com câncer de mama recebe as medicações com uma frequência estabelecida pelo oncologista, às vezes semanal, quinzenal ou a cada três semanas - a depender do protocolo adotado. O procedimento interfere no processo de crescimento e divisão celular, acarretando a destruição de células tumorais. Em contrapartida, células normais também são agredidas, de forma que o agente de cura ocasiona efeitos colaterais físicos bastante significativos, como náuseas, vômitos, fadiga, alopecia, entre outros.

Assim sendo, a quimioterapia, enquanto um tratamento sistêmico, é considerado um procedimento agressivo e causador de consequências físicas e emocionais para a mulher (CANTINELLI, 2006). Na pesquisa de Almeida (2009, p.104), "a quimioterapia foi significada e vivida como o procedimento mais agressivo, invasivo e sofrido". Devido aos seus efeitos, popularmente conhecidos, na pesquisa de Pinto e Martins (2006, p.17), "foi possível perceber que a quimioterapia gera maior ansiedade nas pacientes, fazendo com que estas se preocupem mais com sua realização e consequências do que quando precisa fazer somente a radioterapia"

Deste modo, e tomando como panorama geral o que foi exposto acima, apresentaremos, a seguir, os elementos textuais e imagéticos das postagens das participantes acerca da quimioterapia, de modo a identificar a continuação das narrativas principiadas com o diagnóstico.

Observamos que a quimioterapia recebeu lugar de destaque nas postagens das participantes, uma vez que todas publicaram fotos suas durante sessões de quimioterapia, além de também

abordarem o assunto de modo expresso, o que faz com que o procedimento seja abordado em imagens e textos por toda nossa amostragem.

Para além do novo fenômeno de fotografar e compartilhar um tratamento com efeitos tão nocivos, nos chamou atenção que nove dentre as dez participantes estavam sorrindo e aparentavam estar bem nas imagens em quimioterapia que decidiram compartilhar. Somente uma participante, que estava enfrentando a quimioterapia novamente após uma recidiva da doença, postou uma foto com um rosto enigmático, não sorrindo abertamente, como pode ser constatado nas imagens a seguir:

Figura 12 – Quimioterapia de
Instagram 1



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 13 - Quimioterapia de
Instagram 3



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 14 - Quimioterapia de
Instagram 5



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 15 - Quimioterapia de
Instagram 4



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 16 - Quimioterapia de
Instagram 7



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 17 - Quimioterapia de
Instagram 8



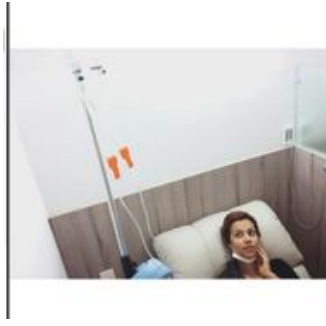
Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 18 - Quimioterapia de
Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 19 - Quimioterapia de
Instagram 10



Fonte: *Instagram* (2017)

Nove das dez participantes demonstraram por imagens uma postura de confiança. Nas imagens identificamos tal postura por meio de seus sorrisos, assim como por sua linguagem corporal, como no caso dos *Instagrams 2 e 6*.

Figura 20 – Quimioterapia
de *Instagram 2*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 21 - Quimioterapia
de *Instagram 6*



Fonte: *Instagram* (2017)

Encontramos, nas fotos selecionadas, mulheres produzidas, dando atenção a suas aparências, maquiadas, utilizando acessórios como lenços e brincos, se apresentando, assim, como seres estéticos. Tal observação é condizente com nossos achados na análise de suas legendas, em que metade das participantes utilizou a *hashtag* #quimioebeleza ou, até mesmo, de forma direta no texto da legenda, como a *Instagram 9*: "*Então, por isso, hj acordei cedo, me produzi toda e fui em paz para mais um dia de quimio*".

No que tange às legendas, observamos que algumas das participantes atribuem apelidos às medicações utilizadas na quimioterapia, como:

Quadro 11 – Nomes atribuídos à quimioterapia

<i>Instagram 4</i>	<i>dama de vermelho</i> (referindo-se à quimioterapia vermelha)
<i>Instagram 5</i>	<i>gotinhas abençoadas</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>Gotinhas</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>branquinhas</i> (referindo-se à quimioterapia branca)

Constatamos ainda um elemento que se repetiu nas postagens aqui analisadas. Todas as participantes demonstraram, por imagens ou por suas legendas, uma postura de confiança, remetendo à ideia de que o tratamento seria bem-sucedido. Com efeito, nove das dez participantes se remetem a tais ideais em suas legendas:

Quadro 12 – Postura de confiança

<i>Instagram 1</i>	<i>quimioterapia realizada com sucesso!!"</i>
<i>Instagram 2</i>	<i>Vamos pra cima desistir jamais! #Força #vencendoocancer</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>#combateaocancer #temcura</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>#Curaacaminho #câncerdemamatemcura</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>tudo beleza, por enquanto kkk</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>químio concluída com sucesso, sem intercorrências!...#cura</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>O que eu posso dizer da quimio? Que a gente acha que não aguenta, mas aguenta e que ela ACABA!!!! Acaba...passa...TUDO PASSA #tchaucancer #venceroancer</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>#vencendoocancer #rumoacura</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>#VaiDarTudoCerto</i>

Ademais, observamos que todas as participantes, ao compartilharem os procedimentos inerentes à quimioterapia, realizaram menção ao estágio do tratamento em que se encontravam e utilizavam de um tipo de “contagem regressiva” para atualizar o *status* do tratamento a seus espectadores.

Quadro 13 – Atualização acerca do estágio do tratamento

<i>Instagram 1</i>	<i>Mais uma, Menos uma" (se referindo a quimioterapia)</i>
<i>Instagram 2</i>	<i>O primeiro protocolo já foi 4/4 está pago! Agora vem o próximo serão 12..</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>#faltam3 (se referindo a quimioterapia)</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Dia de químio - 02/04 de Doxorubicina ✓Menos uma</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>últimas gotinhas(abençoadas) pra nossa cura🙏Ainda virão: cirurgia, radioterapia, medicação e acompanhamento</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>dia da primeira quimio..."</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>4a químio concluída</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Foram 16 sessões de quimio, com touca...</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>ULTIMA QUÍMIO VERMELHA etapa 4/4. Ainda tenho um longo caminho a frente, serão + 12 sessões das branquinhas...</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>2º Ciclo concluído. ✓" (se referindo ao ciclo de quimioterapia)</i>

Em que pese os conhecidos efeitos colaterais ocasionados pela quimioterapia, poucas participantes os abordaram diretamente. De fato, apenas quatro delas narraram diretamente o mal-estar ocasionado pelo tratamento nestas publicações. Entretanto, resta importante notar que estas narradoras se utilizaram de uma linguagem compensatória, isto é, relataram os efeitos

nefastos do tratamento, muito embora este “valesse a pena”, ou, por outra via, imprimiram sentido de transitoriedade, ressaltando, à sua audiência, que tudo será “temporário”. Por exemplo:

Quadro 14 – Mal-estar e quimioterapia

Participante	Mal-estar	Compensação
<i>Instagram 4</i>	<i>Ela que me deixa com um gosto horrroso na boca, que me pega de jeito, me sacode e deixa meus músculos e ossos acabados. Me deixa noites em claro, me dá um barato e altera minha imunidade.</i>	<i>Faz parte do protocolo, e é o pacote da CURA</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Os dias nem sempre são floridos ou ensolarados</i>	<i>mas isso passa.TUDO passa</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>Os próximos dias são mais chatinhos, fico cansada, indisposta...</i>	<i>Mas do jeito que vem, vai! E vai levando as células doentes</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>A quimioterapia te destrói por dentro e por fora. Os remédios controlam parte dos efeitos colaterais,</i>	<i>mas são incapazes de controlar a mudança que ela pode fazer dentro de você. Te rasga por dentro para que surja uma nova versão de si mesma.</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>...a quimio (toda ideia de ter um câncer) dá uma derrubada bonita na gente, em todos os sentidos. Aceitar que uma DOENÇA te ponha um limite, te diga o q fazer e n fazer, te obrigue a mudar seus hábitos, rotina, aparência, além de ter q passar por um processo q te deixa mal</i>	<i>(mas é pra ficar bom)...</i>

As publicações desta seção também apresentaram, em alguns casos, elementos que circundavam a temática da espiritualidade.

Quadro 15 – Quimioterapia e espiritualidade

<i>Instagram 1</i>	<i>Obrigada Jesus pois sei que és fiel e já está cumprindo o seu querer na minha vida!</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>☞Deus estará renovando cada célula, eu creio! ☜</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>Gratidão é o sentimento que tenho... A DEUS.</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Minha Nossa Senhora sempre em minhas orações me amparando.</i>

<i>Instagram 10</i>	<i>'Meu filho, se você ficar doente, não se descuide. Suplique ao Senhor, e ele o curará.'</i> (Eclesiástico 38:9)
---------------------	--

Os comentários recebidos nestas publicações apresentam, em sua grande maioria, formatos semelhantes. Alguns reproduzem o mesmo repertório da autora da postagem, conforme apresentado no quadro 14.

Quadro 16 – Quimioterapia e comentários com repertórios semelhantes





PARTICIPANTES	LEGENDA	COMENTÁRIO RECEBIDO
<i>Instagram 3</i>	<i>#faltam3</i>	<i>faltam 3!!</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Deus estará renovando cada célula, eu creio!</i>	<i>Amém Amém!!! Isso minha amiga, Deus renovará cada célula!!!</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>fé que cada gotinha tenha feito o efeito desejado</i>	<i>Isso mesmo!!!! Fé e força! Que cada gotinha aja como um canhão!</i>

Comentários que prestam solidariedade, mas que reforçam o estereótipo de “guerreira”, de alguém que possui uma batalha a vencer, foram encontrados sistematicamente. Rosedale (2009) aponta que as pessoas que convivem com as pacientes oncológicas esperam delas certa fortaleza e positividade, o que pode levar o sofrimento a ser silenciado.

Ademais, acreditamos que a constante adjetivação de “guerreiras” contribuiu para o aumento do estigma que gira em torno das pacientes diagnosticadas com câncer de mama. Se há algo a ser “combatido”, ou “guerreado”, ou mesmo debelado, não duvidamos que incute-se, forçosamente, um ideal de que algum mal se apoderou do corpo. Nesta esteira, existe uma hipotética batalha a ser vencida – cuja vitória, naturalmente, poderá não acontecer. Cria-se, assim, uma oposição entre as pessoas enfermas de câncer e aquelas não-enfermas: guerra e paz diante de seus corpos. O resultado disso, por óbvio, é a manutenção do estigma que orbita em torno da doença.

Por fim, constatou-se a insurgência de comentários com trocas de experiências entre os internautas que já passaram, ou estejam passando, pelo mesmo processo de tratamento. Os estudos de Burris et al. (2015) apontam que a partilha com outras mulheres em condições similares pode ser útil, pois há um mútuo entendimento sobre os pormenores da experiência com câncer, havendo a possibilidade de diálogos mais honestos do que com pessoas que não vivenciaram o mesmo diagnóstico, não sendo esperado delas somente positividade.

Quadro 17 - Quimioterapia e comentários

Temática	Comentário
<p>Reforçadores do estereótipo de guerreira</p>	<p>-  vc é uma guerreira 😊 – Recebido por Instagram 1</p> <p>- Deu seja louvado. Amo demais essa mulher linda forte guerreira e batalhadora – Recebido por Instagram 2</p> <p>- Minha guerreira ❤️👊😊 – Recebido por Instagram 3</p> <p>- Orações e pensamento positivo pra você... Vai guerreira! Recebido por Instagram 4</p> <p>- Já é vencedora - Recebido por Instagram 5</p> <p>- Forças linda, vou me formar em Oncologia pra cuidar de lindas guerreiras como voce, bjs- Recebido por Instagram 6</p> <p>- Nessa guerra nos conhecemos!! Feliz por vc. 😊😊 - Recebido por Instagram 8</p> <p>- Guerreira é assim, jamais se abate, o que aparece como entrave na vida é transformado em desafio rumo a vitória, sempre acompanhado do nosso grande pai Deus misericordioso, você já venceu  - Recebido por Instagram 9</p> <p>- Você já venceu ♥♥♥ Estou orando sempre. - Recebido por Instagram 10</p>
<p>Troca de experiências</p>	<p>- Parabéns guerreira eu já iniciei a minha das 12 e terminei as 4 da vermelha 😊😊👊👊 - Recebido por Instagram 2</p> <p>- Fizemos a mesma sessão no mesmo dia :) boa sorte. Força pra nós!! 🙌🙌 - Recebido por Instagram 4</p> <p>- Como vc descobriu? Lindona, foi um prazer dividir a químio com vc, aquela touca nos deixava lindas, rs! Sua avó e meu pai foram nossos anjinhos, valeu cada conversa, valeu a companhia, valeu todas as químicos e vamos em frente com muita saúde e mil histórias pra contar! Rezando muito por nós aqui em Belém 🙌🙌♥ - Recebido por Instagram 8</p> <p>- E verdade a quimeo branca e bem menos agressivas doq a vermelha, fiz a segunda branca ontem. E não sinto nada graças a deus  agora so faltam duas Amém! Muito bem guerreira, vai na fé..tbm fiz as 16 sessões..td é válido p nossa cura.. Já já, estareis na última delas p honra e glória do nome do Senhor  - Recebido por Instagram 9</p>

A partir da análise das postagens, observamos que a quimioterapia ocupa lugar de destaque dentre as participantes, tendo sido registrada e compartilhada por todas. Os efeitos colaterais, apesar de vastamente conhecidos, não são mencionados por todas e quando citados, são atrelados a um fator compensatório, como dito anteriormente.

Pinto e Martins (2006) concluíram, em sua pesquisa, que 100% das mulheres que realizaram quimioterapia ou radioterapia relataram com viés negativo suas reações aos tratamentos, descrevendo mal-estar físico, tristeza, entre outros. Tais reações negativas, conforme pudemos extrair do material analisado, não receberam tanto destaque nas narrativas aqui compartilhadas.

Não restam dissensões de que as adversidades advindas da quimioterapia levam o paciente a perder certo controle de seu corpo, levando-o a apresentar diversos efeitos colaterais, o que conduziu Anjos e Zago (2006), em sua pesquisa, a interpretarem o significado da experiência de quimioterapia como "a perda do controle da vida". Não podemos dizer, contudo, que a experiência de quimioterapia, compartilhadas pelas participantes, possam também ser interpretadas desta maneira, muito embora a constatação do uso narrativo da "contagem regressiva" nos indica que o fim deste tratamento é fortemente ansiado.

Tal cenário nos leva à inferência de que há uma seleção positiva do que deve ser compartilhado. Com efeito, não há dúvidas de que a quimioterapia gera efeitos colaterais complicados e muito embora isto ocorra, e já seja objeto de certa unanimidade médica, as participantes não relatam os efeitos colaterais com tanta efusividade, e, mesmo quando o fazem, expõem narrativas acompanhadas de linguagem compensatória. Nos questionamos se este não seria um cenário em que o ideal de felicidade nas redes digitais se torna imperioso.

4.3.3 Radioterapia

A radioterapia é um "importante método terapêutico que utiliza radiação para destruir células tumorais" (A.C.CAMARGO, 2017), podendo provocar, contudo, uma série de efeitos colaterais, como fadiga e queimaduras na pele, assim como alterações na qualidade de vida das pacientes durante e após o tratamento (FORTUNATO et al., 2015).

Antes do início do tratamento de radioterapia, a equipe técnica realiza pequenas marcações, com uma "caneta especial" na área da pele que será irradiada. Tais marcações orientam o posicionamento do equipamento na região do corpo que receberá a radiação, permanecendo grifadas na paciente durante todo o tratamento (ONCOGUIA, 2017). Muitas pacientes se referem a tais marcações como "tatuagens", conforme veremos a seguir.

A partir da análise das postagens, constatamos que, das dez participantes desta pesquisa, sete passaram pelo procedimento da radioterapia e todas que se submeteram a este tipo de tratamento realizaram publicações a respeito.

Mediante a observação do objeto de estudo, identificamos a tendência da radioterapia ser representada, nas postagens, por meio de dois vieses: de imagens vinculadas ao contexto hospitalar e, ainda, através da exposição das marcações (ou “tatuagens”) citadas anteriormente.

Seis das sete participantes que passaram pela radioterapia a representaram por meio de imagens em contexto hospitalar, e todas registraram e compartilharam seu último dia de radioterapia no *Instagram*. Nas imagens em que as participantes aparecem predominam posturas confiantes e sorrisos que denotam um ambiente de celebração. Somente o *Instagram* 10 representou o término de sua radioterapia por meio de uma foto de seu cartão de radioterapia, conforme pode se constatar a seguir:

Figura 22 – Radioterapia
Instagram 10



Fonte: *Instagram* (2017)

Todas as participantes que apareceram nas fotos sobre sua última sessão de radioterapia, se registraram em contexto hospitalar, sorrindo, aparentemente felizes e comemorando. Algumas, como *Instagram* 1 e 5, registraram fotos suas segurando plaquinhas indicativas de última sessão de radioterapia, como pode ser visto a seguir:

Figura 23 – Radioterapia
Instagram 1



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 24 – Radioterapia
Instagram 5



Fonte: *Instagram* (2017)

Instagram 5 posa ainda para a foto com gestos que remetem à celebração, tal postura também foi encontrada nos registros dos *Instagrams 4* e 6:

Figura 25 - Radioterapia
Instagram 4



Fonte: Instagram (2017)

Figura 26 - Radioterapia
Instagram 6



Fonte: Instagram (2017)

Instagram 3 também compartilhou seu registro sorridente, em contexto hospitalar, mas acompanhada de membros da equipe de saúde:

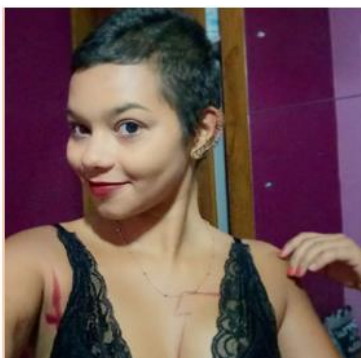
Figura 27 - Radioterapia
Instagram 3



Fonte: Instagram (2017)

Três das sete participantes que passaram por radioterapia publicaram imagens imputando destaque às suas marcações temporárias, as chamadas "tatuagens", fazendo menção direta por fotos e também por legendas, como veremos adiante:

Figura 28 - Radioterapia
Instagram 9



Fonte: Instagram (2017)

Figura 29 - Radioterapia
Instagram 4



Fonte: Instagram (2017)

Figura 30 - Radioterapia
Instagram 5



Fonte: Instagram (2017)

Estas marcações temporárias, expostas por meio de imagens, também foi abordada diretamente nas legendas das publicações, tendo todas as participantes se referido a estas como "tatuagens":

Quadro 18 – Radioterapia e tatuagem

<i>Instagram 4</i>	<i>Tatuagem nova!!! SQN Play na fase 3 do cancer kombat - Radioterapia e hormonoterapia.</i>
<i>Instagram5</i>	<i>Vamos desfilar nossa "tatoo" com muito orgulho!</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>toda trabalhada nos rabiscos da radioterapia. 😊😊😊 se me virem por aí, não pensem que tatuei a arte de Romero Britto no peito pq é temporário kkkkkkkkk</i>

O compartilhamento de publicações acerca do término da radioterapia também recebeu destaque. Assim, algumas publicações apresentaram o fim da radioterapia com efusividade e alegria, o que se pode constatar tanto nas imagens, por meio de seus sorrisos nas fotos e confiante linguagem corporal, assim como nas legendas:

Quadro 19 – Radioterapia e celebração de seu fim

<i>Instagram 1</i>	<i>Muito feliz pelo término de mais uma fase desse tratamento.</i>
<i>Instagram3</i>	<i>Acabooooou!!!</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>Acabou a radioterapia!!! ...agora é continuar sendo feliz!!</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>Encerrando mais uma etapa de tratamento. ✓</i>

Observamos, ainda, que as legendas que acompanham as publicações acerca da radioterapia, além de transmitirem felicidade pelo término do procedimento, transpareciam posturas confiantes, expressas em *hashtags*, acerca do sucesso do tratamento e de uma possível remissão da doença.

Quadro 20 – Radioterapia e postura confiante

<i>Instagram 1</i>	<i>#venciocancer #vencendoocancer</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>#tchaucancer</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>#vencendoocancer</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>#Confiança</i>

Das publicações aqui analisadas, somente uma participante, *Instagram 1*, compartilhou os efeitos colaterais da radioterapia:

Durante a radioterapia apresentei radiodermite grau 2, mas fui muito bem acompanhada semanalmente pelo meu Radio - Oncologista e estou bem, no momento sinto bastante coceira na mama devido a cicatrização e a mama está descascando como se tivesse pegado sol.

Das sete publicações acerca da radioterapia, seis receberam comentários. Percebemos que, novamente, os comentários seguem o mesmo repertório da publicação postada, destacando-se entre os comentários a presença de troca de experiências entre os internautas e comentários que reiteram o estereótipo de mulheres guerreiras.

Quadro 21 – Radioterapia e comentários

Temática	Comentários
Troca de experiências	<p>- Oi eu tb tive câncer de mama e na esquerda tb fiz 20 sessões de rádios e tb deu muita coceiras e descascou hoje estou bem Meus parabéns guerreira e agora só fazer acompanhamento né vamos nessa pois o nosso Deus e tremendo! – Recebido por <i>Instagram 1</i></p> <p>- Vou fazer a simetria agora...Ufa!! É passa rápido a rádio vc vai ver... 😊😊 – Recebido por <i>Instagram 4</i></p> <p>- Hahaha vou fazer a minha marcação agora em Abril !!! Tudo de bom para nós !!! 🙌🙌🙌🙌 – Recebido por <i>Instagram 9</i></p>
Reforçadores de estereótipos de guerreiras	<p>- Parabéns minha guerreira favorita... Sou sua fã viu... Vencemos amiga – Recebido por <i>Instagram 1</i></p> <p>- Guerreira – Recebido por <i>Instagram 3</i></p> <p>- Isso ai 🦷🦷🦷🦷 já já acaba ❤️ (nota-se que o emoji 🦷 remete a um símbolo de força) – Recebido por <i>Instagram 4</i></p> <p>- Parabéns linda, guerreira, exemplo! – Recebido por <i>Instagram 10</i></p>

Embora todas as participantes que se submeteram à radioterapia tenham compartilhado algo sobre suas experiências em seus *Instagrams*, nossas análises nos levaram a acreditar que a radioterapia ocupa um local de menor destaque nas narrativas das participantes quando comparadas ao procedimento de quimioterapia. Observamos que este procedimento é sempre

abordado por meio de seus efeitos temporários no corpo ou, ainda, sendo representado como fim de uma etapa do tratamento.

Para todas as participantes, a radioterapia ocorreu em uma segunda etapa do tratamento, após a quimioterapia - um tratamento mais agressivo e longo. De tal forma que, quando estas mulheres iniciaram suas radioterapias, seus cabelos já estavam crescendo e os efeitos colaterais, comparados aos da quimioterapia, não receberam tanto destaque, sendo até mesmo banalizados, como as marcações temporárias ou “tatuagens”, compartilhadas com certo humor.

Estamos, assim, alinhados com Fortunato et al. (p.61) que a partir dos resultados obtidos em sua pesquisa, constataram que nos domínios “Psicológico”, “Relações Sociais”, “Meio Ambiente”, e “Auto Avaliação da qualidade de vida (QV)” não apresentaram diferenças significativas entre os momentos pré e pós tratamento de radioterapia entre as pacientes pesquisadas.

Outra constante nas publicações acerca desta etapa do tratamento é a atitude de positividade e o semblante de alegres e confiantes compartilhados nas publicações, muito embora a radioterapia também se apresente como um procedimento agressivo ao corpo.

4.3.4 Mastectomia

O tratamento do câncer de mama é complexo e demanda, na maior parte dos casos, cirurgias para a retirada do tumor. Neste caso, o procedimento cirúrgico pode consistir no tratamento conservador, denominado lumpectomia, ou quadrantectomia, na qual a maior parte da mama é poupada, ou a chamada mastectomia, que consiste na retirada cirúrgica de toda a mama (ONCOGUIA, 2017).

A mastectomia não é um procedimento novo. Com efeito, ainda no final do século XIX, o médico Hasteld publicou resultados desta técnica cirúrgica, então inovadora, que levaria à cura do câncer de mama. Apesar de representar a possível cura, a mastectomia também representa a mutilação de um órgão símbolo de feminilidade e sexualidade, sendo, então, encarada como um evento traumático e agressivo. A maioria das mulheres diagnosticadas com câncer de mama são submetidas à mastectomia, mas dadas as suas consequências físicas e emocionais, quando possível, ela é substituída por intervenções menos agressivas como a lumpectomia e quadrantectomia (DUARTE E ANDRADE 2003).

Dado aos avanços na medicina, atualmente, a mastectomia é menos agressiva que outrora, existindo, hoje, a possibilidade de reconstrução mamária logo após a cirurgia. No entanto, constata-se, ainda hoje, que a mastectomia pode comprometer as mulheres física, emocional e socialmente, podendo suscitar questões acerca de suas imagens corporais (FERREIRA E

MAMEDE, 2003). Assim, diversas publicações como as de Queiroz e Gimenes (1997), Ferreira et al. (2002), Rossi e Santos (2003), entre outros, intentaram descrever sentimentos, emoções e comportamentos caros às mulheres mastectomizadas.

Assim, consideramos que a mastectomia merece destaque na trajetória do tratamento contra o câncer de mama, devendo ser compreendida enquanto uma das modalidades de tratamento, enquanto cirurgia, mas também merecendo destaque como fator de transformação corporal. Com efeito, a mastectomia será abordada em nossas análises em duas categorias diferentes: como categoria de trajetória de tratamento, enquanto cirurgia e, posteriormente, na categoria transformações do corpo, dada à modificação na composição corporal da mulher. Assim, na presente seção foram analisadas postagens que abordam a mastectomia enquanto procedimento cirúrgico.

Nossas análises nos levaram a alguns dados, apresentados na tabela a seguir, acerca da realização de mastectomia entre as participantes:

Quadro 22 – Mastectomia e participantes

Participante	Realizou cirurgia na mama?	Tipo de cirurgia
<i>Instagram 1</i>	SIM	quadrantectomia
<i>Instagram 2</i>	NÃO	-
<i>Instagram 3</i>	SIM	mastectomia
<i>Instagram 4</i>	SIM	mastectomia
<i>Instagram 5</i>	SIM	mastectomia
<i>Instagram 6</i>	SIM	mastectomia
<i>Instagram 7</i>	SIM	quadrantectomia
<i>Instagram 8</i>	SIM	mastectomia
<i>Instagram 9</i>	SIM	mastectomia
<i>Instagram 10</i>	SIM	mastectomia

Das dez participantes da pesquisa, sete já se submeteram a cirurgia de mastectomia, uma ainda está em tratamento quimioterápico (*Instagram 2*) e outras duas (*Instagram 1* e *7*) realizaram quadrantectomia. Todas as sete participantes que se submeteram à mastectomia compartilharam algo acerca de suas experiências no *Instagram*. Destas, cinco anunciaram que iriam se submeter ao referido procedimento médico, compartilhando sobre o mastectomia antes

e após a cirurgia. Por sua vez, duas das sete participantes abordaram a cirurgia somente após a sua realização, produzindo uma espécie de narrativa retroativa acerca da cirurgia. Dividimos, então, nossas análises em relação à mastectomia em duas partes: publicações sobre o anúncio da mastectomia e publicações após a realização da cirurgia.

Constatamos que as publicações que anunciam a cirurgia de mastectomia não possuem uma unidade estética, isto é, suas imagens diferem bastante umas das outras. No entanto, todas possuem imagens irreverentes: seja por fotos sorridentes em família, *selfie* sorridente sozinha ou em viagem turística:

Figura 31 – Anúncio mastectomia
Instagram 6



Fonte: Instagram (2017)

Figura 32 - Anúncio mastectomia
Instagram 5



Fonte: Instagram (2017)

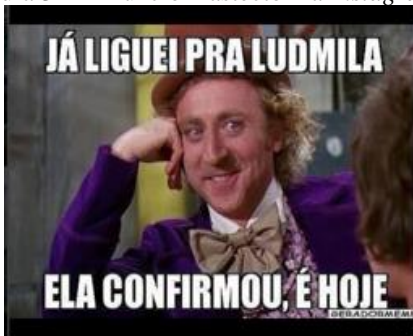
Figura 33 – Anúncio mastectomia
Instagram 3



Fonte: Instagram (2017)

Ademais, também se identificou certa irreverência nas postagens por meio do compartilhamento de um "meme" e pelo "biquinho de beijinho", compartilhada por *Instagram 4*, como pode ser notado a seguir:

Figura 34 - Anúncio mastectomia *Instagram 9*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 35 - Anúncio mastectomia *Instagram 4*



Fonte: *Instagram* (2017)

Como se apercebe, somente pela análise das imagens seria impossível identificar que o anúncio da cirurgia de retirada da mama era a temática central de suas publicações. Diante de tal panorama, mostrou-se fundamental, novamente, para a compreensão do assunto em foco, a análise textual das legendas publicadas pelas participantes.

Observamos que todas as legendas das postagens que comunicam que as narradoras, em

breve, seriam submetidas à mastectomia, possuem uma estrutura em comum: primeiramente anunciam a cirurgia, fazem, então, uma referência a como estão se sentindo no momento e deste modo, conseguimos, por meio da análise de seus discursos, inferir suas expectativas em relação à cirurgia.

Neste âmbito, percebe-se que algumas mulheres anseiam pela cirurgia em si, outras por eventuais benefícios da cirurgia, como a cura, o fim do sofrimento ou do tratamento. Deste modo, resta evidente que a cirurgia de mastectomia tem diferentes significados atrelados a ela, a depender da experiência de cada participante.

Elaboramos o seguinte quadro para melhor ilustrar os referidos achados:

Quadro 23 – Mastectomia e estrutura postagem

Participante	Anúncio	Estado atual	Expectativa
<i>Instagram 3</i>	<i>"Prontinha pra próxima fase..Ramosimbora! #mastectomia"</i>	-Preparada: <i>"De alma lavada. Prontinha."</i>	-Realização da mastectomia: <i>#mastectomia</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>"Chegou o dia! Chegou a hora!"</i>	-Esperançosa: <i>"já consigo sentir a brisa em meu rosto.Eu consigo!!!! 🌸"</i>	-Fim do sofrimento: <i>"Todo esse sofrimento tem fim, todo deserto tem seu fim e o meu está acabando."</i> -Fim do câncer: <i>#tchautumor #tchaucancer</i> - Renascimento: <i>"...florescer será possível... poderei germinar em terras novas longe desse deserto".</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>"Vamos para mais uma etapa rumo a Cura, a cirurgia..."</i>	-Tranquila: <i>"Deus a envolveu com amor e a tranquilizou."</i>	-Cura: <i>"rumo a cura; #Curaacaminho"</i> - Florescimento: <i>"Ela sabe que é tempo de florir. 🌸"</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>"pré-mastectomia..."</i>	- Relaxada:	-Realização da

		<i>"Momentos de relax pré-mastectomia..."</i>	mastectomia: <i>"que venha a cirurgia!!!"</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>"É hoje, é daqui a pouco! Vamos realizar agora pela manhã a minha cirurgia de mastectomia (remoção total) da mama esquerda, etapa final do tratamento."</i>	- Confiante: <i>Minha confiança é inabalável e meu sentimento é de gratidão por ter chegado (bem) até aqui!;</i> -Feliz: <u>#felicidaderesume</u> -Ansiosa: <i>Se eu tô ansiosa? Imagina 😊😊😊😊</i>	-Fim do tratamento: <i>"etapa final do tratamento... #taacabando"</i> -Cura do câncer: <u>#tchaucancer</u> <u>#arrancaromaldeumavez</u> <u>#vencendoocancer</u>

Demonstrações de confiança perante o procedimento cirúrgico são observadas a partir da maneira como as participantes se apresentam em seus *Instagrams*, pouco antes da mastectomia (preparadas, esperançosas, tranquilas, relaxadas, confiantes e felizes, como ilustrado acima). Foi notável que somente *Instagram 9* relatou estar ansiosa sobre a cirurgia que enfrentaria, muito embora, logo em seguida, tenha se utilizado de um "recurso compensatório": *"Se eu tô ansiosa? Imagina 😊😊😊😊 Mas JÁ DEU TUDO CERTO! Minha confiança é inabalável..."*

Outro ponto que mereceu destaque foi que, com exceção de *Instagram 6*, todas as participantes que anunciaram suas mastectomias fizeram o uso de metáforas para se expressarem acerca do momento que vivenciam:

Quadro 24 – Mastectomia e uso de metáforas

<i>Instagram 3</i>	<i>De alma lavada.</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Hoje será preciso "podar" uma das flores, retirar o mal que a impede pela raiz... Somente assim florescer será possível. Somente assim poderei germinar em terras novas longe desse deserto. Todo esse sofrimento tem fim, todo deserto tem seu fim e o meu está acabando.</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>Ela sabe que é tempo de florir 🌹</i>
<i>Instagram 9</i>	<u>#arrancaromaldeumavez</u>

Novamente, com exceção da *Instagram 6*, o uso de *hashtag* também foi constatado em todas as publicações das participantes que anunciaram suas cirurgias. A *hashtag* #mastectomia foi utilizada por três das quatro mulheres (*Instagrams* 3,4,9) e três das quatro participantes utilizaram *hashtags* que remetem à cura, como #tchaucancer (utilizada por *Instagram* 4 e 9) e #Curaacaminho (utilizada por *Instagram* 5)

Notamos que, a rigor, todas as participantes que anunciaram que se submeteriam à mastectomia, posteriormente retomaram o assunto, dando um "feedback" aos seguidores acerca da cirurgia. Duas das participantes até mesmo garantem, de uma maneira literal, esse feedback posterior, como feito por Instagram 4 “Assim que puder dou notícias da cirurgia ” e por Instagram 9 “Depois volto pra contar como foi. 😊😊”

Os comentários recebidos nestas publicações, em sua maioria, se solidarizam com as participantes. A demonstração desta solidariedade varia, seja por meio de um "tamo junto", recebido por Instagram 3, ou expressos em votos de sucesso na cirurgia, repetindo, assim, o repertório de confiança das postagens, como pode ser observado a seguir:

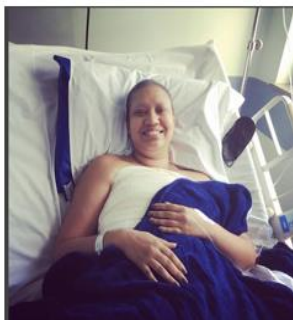
Quadro 25 - Mastectomia e comentários pré-cirurgia

RECEBIDO POR	COMENTÁRIO RECEBIDO
Instagram 4	Boa cirurgia querida! Tudo já deu certo! Tenha uma ótima recuperação 😊😊😊
Instagram 5	Segue em frente guerreira! A vitória aguarda!
Instagram 9	Ja deu tudo certo, temos certeza disso! Vai com tudo!

Todas as sete participantes que realizaram mastectomia compartilharam, após o procedimento, algo sobre essa experiência em seus *Instagrams*. Cinco delas o fizeram logo após a cirurgia e outras duas abordaram o procedimento somente algum tempo depois, produzindo uma espécie de "narrativa em retroativo".

A escolha de imagens nas publicações após a mastectomia variou entre as participantes. Três participantes publicaram fotos suas em contexto hospitalar, nas quais todas aparecem sorrindo (*Instagrams* 4, 6 e 10) e destas, *Instagram 6* e *Instagram 10* aparecem acompanhadas de familiares:

Figura 36 – Mastectomia
Instagram 4



Fonte: Instagram (2017)

Figura 37 – Mastectomia
Instagram 6



Fonte: Instagram (2017)

Figura 38 – Mastectomia
Instagram 10



Fonte: Instagram (2017)

É curioso denotar que três participantes não publicaram fotos suas, variando, assim, bastante

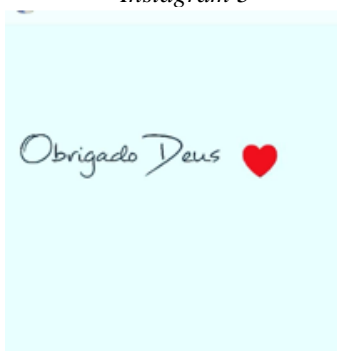
o conteúdo das imagens compartilhadas. Neste sentido, os *Instagrams* 3 e 5 publicaram textos escritos, ao invés de imagens. E *Instagram* 9 compartilhou uma ilustração acerca da mastectomia, onde o seio mastectomizado é substituído por uma flor.

Figura 39 – Mastectomia
Instagram 3



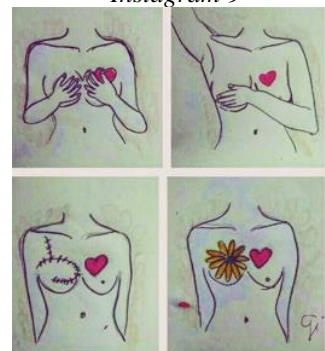
Fonte: Instagram (2017)

Figura 40 – Mastectomia
Instagram 5



Fonte: Instagram (2017)

Figura 41– Mastectomia
Instagram 9



Fonte: Instagram (2017)

A última representação imagética, aqui abordada, utilizada para falar da mastectomia, foi compartilhada pelo *Instagram* 8, que se utilizou de uma foto sua anterior à cirurgia, e ao tratamento contra o câncer, em que seus cabelos, ao vento, e seios, expostos por meio de um decote de um biquíni, se evidenciam, além de ter adicionado à foto o simbólico laço rosa:

Figura 42 – Mastectomia
Instagram 8



Fonte: Instagram (2017)

A constatação de que a maior parte das participantes escolheu não compartilhar fotos suas para abordar a mastectomia após sua realização, assim como o frequente, e aqui relatado, uso de figuras de linguagem, como metáforas, para tratar da temática, ao invés de tocarem diretamente o assunto, nos fez questionar sobre a dificuldade de expressão acerca da mastectomia em suas experiências.

As publicações produzidas após a realização da mastectomia apresentam outros tipos de discurso que se diferenciam daqueles pré-mastectomia. Após a realização do procedimento, a mastectomia parece ser tratada como um assunto mais delicado e o mal-estar em relação a ela é, enfim, abordado.

As cinco participantes que compartilharam sobre a mastectomia antes de sua realização, trouxeram posteriormente uma espécie de *feedback* aos seus seguidores acerca da cirurgia:

Quadro 26 – Feedback após mastectomia

Participantes	Legenda pré-cirurgia	Legenda pós-cirurgia (<i>feedback</i>)
<i>Instagram 3</i>	<i>Prontinha pra próxima fase..Ramosimbora! #mastectomia</i>	<i>Uma pena o mamilo ter ido junto. #mastectomia</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>"Chegou o dia! Chegou a hora!"</i>	<i>"A cirurgia foi um sucesso e eu não tenho mais #tumor 🌸🌸🌸🌸 Tive alta do hospital e sigo em recuperação em casa rumo à próxima etapa. 🧠 Foi necessário também o esvaziamento da axila, retirados então meus #linfonodos. "</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>Vamos para mais uma etapa rumo a Cura, a cirurgia...</i>	<i>"A cirurgia foi um sucesso.. 🌸🌸🌸🌸 Tive alta do hospital e sigo em recuperação em casa rumo à próxima etapa.."</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>"pré-mastectomia..."</i>	<i>"E tudo foi muito bem...mastectomia bilateral com reconstrução imediata... deu tudo certo, não precisou fazer esvaziamento de axilas e nem precisei sair com drenos!!!"</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>"É hoje, é daqui a pouco! Vamos realizar agora pela manhã a minha cirurgia de mastectomia (remoção total) da mama esquerda, etapa final do tratamento."</i>	<i>"deu TUDO CERTO e eu já tive alta do hospital, estou me recuperando em casa."</i>

Se, por um lado, não constatamos uma uniformidade entre as imagens publicadas após a mastectomia, por outro lado, notamos que as legendas destas seguem um tipo de estruturação em comum que contemplam o que denominamos de três tempos: um tempo passado em que explicam o que aconteceu, no qual elas representam a cirurgia que se deu; um tempo presente em que relatam como se sentem em consequência do procedimento cirúrgico ao qual se submeteram; e, por fim, um tempo futuro, em que apresentam uma expectativa ou reflexão acerca do que se sucederá.

Quadro 27 – Após mastectomia e estrutura de postagem

Participante	O que aconteceu?	Como me sinto?	Tempo futuro
<i>Instagram 3</i>	<p>- Arrancado pela raiz!..</p> <p>-Plantou-se no lugar a semente da cura!..</p> <p>-Um peito a menos. Um câncer a menos!</p>	<p>-Meu segundo aniversário.</p> <p>-Morri ontem pra renascer hoje.</p> <p>-Uma pena o mamilo ter ido junto</p>	<p>-Tão logo, uma árvore frondosa surgirá com uma cabeleira astral incrível...</p> <p>-Será uma imensidão fantástica de afeto.</p>
<i>Instagram 4</i>	<p>-como assim, sem peito? É, sem peito.</p>	<p>-O fato de não ter mais câncer torna qualquer desafio, daqui pra frente, mais leve.</p> <p>-A dor é constante, mas a felicidade é maior.</p>	<p>-Falta bem pouco 🤔</p> <p>-Eu não vou desistir de divulgar a importância da prevenção e combate ao câncer.</p>
<i>Instagram 5</i>	<p>A cirurgia foi um sucesso.. 🌸🌸🌸🌸</p>	<p>Sempre Abençoada e acessorada pelos meus melhores: anjos filhos..Nora, família e todos os amigos/irmãos.</p>	<p>Eu não vou desistir de divulgar a importância da prevenção e combate ao câncer..E o acesso a uma saúde digna a todos aqueles que estão passando pelo mesmo processo que eu.</p>
<i>Instagram 6</i>	<p>mastectomia bilateral com reconstrução imediata... deu tudo certo, não precisou fazer esvaziamento de axilas e nem precisei sair com drenos!!!</p>	<p>Como diz, minha mãe... "Tudo passa minha filha"... É, está passando...</p>	<p>vamos em frente!!!</p>
<i>Instagram 9</i>	<p>arranquei de vez o câncer da minha vida e esse foi o melhor presente que eu poderia ter ganhado:</p>	<p>-Estou muito emocionada por estar vivendo tudo isso.</p> <p>-uma nova chance pra viver,</p>	<p>-o futuro é hoje, o futuro é todos os dias que acordamos vivos. Cada novo dia é uma nova oportunidade pra recomeçar e fazer tudo diferente. Cada dia é uma nova oportunidade pra ser feliz.</p> <p>-viver de verdade, entender o nosso propósito neste plano e ser o melhor que</p>

			<i>pudermos ser. Não há tempo a perder.</i>
<i>Instagram 8</i>	<p><i>-eu já sabia que eu terminaria o tratamento com seios diferentes. ...Eu só conseguia lembrar da Angelina Jolie, que msm sem câncer operou as duas mamas (o msm q eu fiz).</i></p> <p><i>-...diagnóstico a cirurgia indicada para mim foi a adenomastectomia bilateral (retirada das duas glândulas mamárias - mantendo pele e bico) com reconstrução imediata (prótese de silicone).</i></p>	<p><i>-Os primeiros dias foram muito sofridos, dias de muita dor, eu senti muita dor, pensei que eu não fosse aguentar, mesmo a base de remédios fortíssimos. Fechava os olhos e pensava "Será que eu aguento?". Eu só pedia a Deus para me dar forças pq eu não tava aguentando as dores. ...</i></p> <p><i>-A quimio ficou no chinelo perto da minha primeira semana. Mas foi uma semana. Uma semana difícil que passou! Os dias que seguiram foram ficando gradativamente melhores e as dores aos poucos diminuindo e eu acostumando com os movimentos! E os peitos? Tão aqui, estamos nos conhecendo, eles estão acostumando comigo e eu com eles. Estamos namorando, começando a nos apaixonar uns pelos outros ♥</i></p> <p><i>-Só tenho a agradecer aos meus médicos dr Frasson e dr Tariki e toda a equipe deles por me reconstruírem tão bem</i></p>	<i>tô doida pra leva-los pra ver o mar, mas vão ter de esperar um tiquinho!</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>cirurgia onde foi retirada a minha mama (Mastectomia).</i>	<i>...estou vivendo um dia por vez, procurando dá o meu melhor sempre, dizendo as pessoas que fazem parte da minha vida o quanto as amo, olhando mais para o</i>	<i>sobre o amanhã eu não tenho nenhum controle e que apesar de todas as dificuldades eu posso sim ser Feliz.</i>

		<i>lado e vendo o meu próximo,</i>	
--	--	------------------------------------	--

Nossas análises nos indicaram, ainda, que, com exceção de *Instagram 3*, todas manifestaram gratidão em suas publicações, seja a Deus, à equipe médica ou aos seus seguidores, após a realização da mastectomia. Os agradecimentos ao apoio recebido (seja médico, espiritual ou social) presente em todas as publicações aqui abordadas, com exceção de *Instagram 3*, nos aponta a importância da percepção de apoio do meio em que vivem. Na pesquisa realizada por Pinto e Martins (2006), percebeu-se que 100% da amostra apresentou, após a cirurgia, sentimentos de incapacidade, falta de energia e confiança em si, estando tais sentimentos relacionados, segundo os autores, "a sentimentos de falta de apoio do meio em que vivem, sentindo-se desamparadas pelo mesmo" (p.8). Então, apesar das participantes aqui em questão demonstrarem, em sua maioria, que receberam apoio e serem gratas por isso, o que vai de encontro aos resultados da pesquisa de Pinto e Martins (2006), inferimos que o apoio do meio recebe destaque na experiência pós-mastectomia. Os agradecimentos aos comentários recebidos e a todo o apoio virtual, indicam que o *Instagram* pode ser um espaço de ajuda mútua e fecundo para o exercício de sororidade e trocas de experiências.

Quadro 28 – Mastectomia e manifestação de gratidão

<i>Instagram 4</i>	<i>Meu muito obrigada à todos que me enviaram mensagens e chuva de energias e orações 😊...Obrigada Jesus pela minha vida 🙏</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>Minha Gratidão A Deus..!!!! A todos que me enviaram mensagens e chuva de energias positivas e orações, meu muito obrigada... Muito agradecida.</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>Obrigada a todos que torcem por mim!!!</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Só tenho a agradecer aos meus médicos dr Frasson e dr Tariki e toda a equipe deles por me reconstruírem tão bem! Minha gratidão eterna por terem cuidado tão bem da minha parte do corpo favorita!</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Sou grata por tudo que passei pra chegar até aqui, as dificuldades me fizeram crescer e enxergar o quão maravilhosa a vida é. ... Sou grata a todos que torceram, oraram, rezaram e de alguma forma enviaram energias positivas pra mim.</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>#ObrigadaDeus</i>

Outro elemento que se repetiu nas postagens refere-se a alusões diretas ou indiretas acerca da temática da espiritualidade:

Quadro 29 – Mastectomia e espiritualidade

<i>Instagram 4</i>	<i>E hoje ao acordar dei bom dia à Jesus e entreguei minha vida e meu futuro à ele, pq os planos dele são maiores e melhores que os meus. 🙏 Espero e Confio em ti Senhor... Obrigada Jesus pela minha vida 🙏</i>
--------------------	--

<i>Instagram 5</i>	<i>Vamos para mais uma etapa rumo a Cura, a cirurgia... Abençoada seja por Deus Pai... Amém ✨🙏🏻 ✨ ... Bom diaaaa.. Minha Gratidão A Deus...!!!! #DeusAcimaDeTudo #Fé</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Deus é maravilhoso. "Quando tudo for pedra, atire a primeira flor".</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>O que me sustenta? A Fé e a Confiança nAquele que me deu o dom da vida, DEUS. 🙏🏻🙏🏻 #ObrigadaDeus</i>

Diversas pesquisas têm se dedicado a demonstrar a correlação entre a espiritualidade e a saúde (HOFFMAN et al., 2006), constatando-se que a experiência de sofrimento se conecta com a espiritualidade, incentivando o paciente a buscar um significado para o sofrimento, fazendo-o refletir e buscar formas para enfrentar sua dor. (PINTO et al., 2015). Assim, a espiritualidade demonstra ser uma forte aliada entre as participantes auxiliando-as a serem resilientes frente à nova situação de sua configuração corporal em decorrência da mastectomia.

Nossas análises nos conduziram, ainda, à percepção de um outro padrão comum às postagens acerca da mastectomia: todas as participantes apresentaram em seus discursos algo que chamamos aqui de "discurso compensatório". Todas assumiram algum mal-estar referente à cirurgia, narrando algo considerado "negativo" nesta vivência, utilizando-se, contudo, logo após, de uma conjunção adversativa, explícita ou implicitamente, para, então, introduzir um lado "bom" da experiência, algo como uma "lição de positividade" frente ao negativismo da situação.

Nos questionamos se, ao insistirem nesse repertório otimista, não estariam as participantes sob a "pressão" de seus espectadores que esperam que elas sejam positivas e fortes. Segundo Trusson e Pilnick (2016), pacientes com câncer de mama, são estimuladas a expressarem uma "pink positivity", sendo, de certo modo, coagidas a abraçarem um otimismo exacerbado, ocultando muitos danos e sofrimentos ocasionados pela doença e pelo tratamento.

A fim de melhor ilustrar, elaboramos o quadro a seguir e introduzimos a conjunção "mas" (entre parênteses) a qual consideramos que a conjunção existia de forma implícita e colocamos em destaque nesta coluna quando apresentada de forma literal pelas participantes:

Quadro 30 – Mastectomia e adversidades

Participante	Adversidade	Mas	Discurso compensatório
<i>Instagram 3</i>	<i>Um peito a menos</i>	(MAS)	<i>Um câncer a menos!</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Sem peito,</i>	<i>Mas</i>	<i>com vida 🙌</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>O braço direito se torna então delicado, sensível. Sem pesos, sem roupas apertadas, sem</i>	<i>Mas</i>	<i>sabe de uma coisa? O fato de não ter mais câncer torna</i>

	<i>machucados, sem retirar cutículas.... sem, sem,sem.....</i>		<i>qualquer desafio, daqui pra frente, mais leve.</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>sigo em recuperação em casa</i>	(MAS)	<i>rumo à próxima etapa.. Sempre Abençoada e acessorada pelos meus melhores: anjos filhos..Nora, família e todos os amigos/irmãos.</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>mastectomia bilateral com reconstrução imediata...</i>	(MAS)	<i>Como diz minha mãe... "Tudo passa minha filha"..... É, está passando..</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Uma semana difícil</i>	(MAS)	<i>que passou! Os dias que seguiram foram ficando gradativamente melhores e as dores aos poucos diminuindo e eu acostumando com os movimentos!</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>dificuldades</i>	(MAS)	<i>me fizeram crescer e enxergar o quão maravilhosa a vida é.</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>mastectomia ontem,</i>	(MAS)	<i>arranquei de vez o câncer da minha vida e esse foi o melhor presente que eu poderia ter ganhado</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>Ser diagnosticada com câncer de mama aos 32 anos, sem histórico familiar, não foi fácil, fui pega de surpresa (quem vai imaginar ter um câncer?), a vida deu um giro de 360°, tudo mudou...</i>	(MAS)	<i>O que aprendi com tudo isso? Que estou vivendo um dia por vez, procurando dá o meu melhor sempre, dizendo as pessoas que fazem parte da minha vida o quanto as amo, olhando mais para o lado e vendo o meu próximo, que sobre o amanhã eu não tenho nenhum controle e que apesar de todas as dificuldades eu posso sim ser Feliz.</i>

Por fim, não poderíamos encerrar nossas observações destas publicações sem trazer à tona algo muito curioso, que chamou nossa atenção enquanto fazíamos as análises das publicações aqui expostas. Para além de algumas semelhanças estruturais, comuns a muitas

postagens, aqui já relatadas, constatamos uma límpida semelhança na escrita de duas participantes, o que nos levou ao questionamento acerca de tamanha coincidência. Seria possível haver plágio de um relato de experiência? A seguir, as postagens das duas participantes após a realização da mastectomia, com as semelhanças na escrita destacadas por nós em negrito:

Quadro 31 – Mastectomia e discursos semelhantes

Publicação de Instagram 4 em 22 de fevereiro de 2017	Publicação de Instagram 5 em 07 de março de 2017
<i>Meu muito obrigada à todos que me enviaram mensagens e chuva de energias e orações 😊</i>	<i>Minha Gratidão A Deus..!!! A todos que me enviaram mensagens e chuva de energias positivas e orações, meu muito obrigada... Muito agradecida.</i>
<i>A cirurgia foi um sucesso e eu não tenho mais #tumor 🙏🙏🙏🙏</i>	<i>A cirurgia foi um sucesso.. 🙏🙏🙏🙏</i>
<i>Eu ainda não consigo responder à todos (estou levando muito tempo digitando com a mão esquerda)mas estou lendo todas as msgs com muiiiito carinho.</i>	<i>Eu ainda não consigo responder a todos mas estou lendo todas as msgs(com calma) com muiiiito carinho.</i>
<i>Tive alta do hospital e sigo em recuperação em casa rumo à próxima etapa. 🧐</i>	<i>Tive alta do hospital e sigo em recuperação em casa rumo à próxima etapa..</i>
<i>Não vejo problema algum falar sobre, não vejo a minha exposição como desnecessária.</i>	<i>Não vejo problema algum falar sobre o assunto, não vejo a minha exposição como desnecessária!!</i>
<i>Desnecessário é ficar de braços cruzados assistindo muitas mulheres sem tratamento digno, sem diagnóstico precoce e sem #prevenção.</i>	<i>Desnecessário é ficar de braços cruzados assistindo muitas mulheres sem tratamento digno, sem diagnóstico precoce e sem #prevenção.</i>
<i>Eu não vou desistir de divulgar a importância da prevenção e combate ao câncer.</i>	<i>Eu não vou desistir de divulgar a importância da prevenção e combate ao câncer..</i>

Acerca dos comentários em publicações que contemplam a realização da mastectomia, pode-se dizer que estes foram, em sua maioria, destinados ao compartilhamento de experiências semelhantes, a saber:

Quadro 32 – Mastectomia e comentários cirurgia

RECEBIDO POR	COMENTÁRIO RECEBIDO
<i>Instagram 4</i>	<i>Deus te abençoe e te restabeleça brevemente! Estou na mesma luta com a minha mãe, mas devido a um câncer de ovário...Desistir? Essa</i>

Prejuízos emocionais	<i>Instagram 3: morri ontem...</i>
	<i>Instagram 9: Estou muito emocionada por estar vivendo tudo isso.</i>
	<i>Instagram 10: não foi fácil, fui pega de surpresa</i>

No entanto, não encontramos nas publicações das participantes referência aos possíveis prejuízos sociais. Todas as participantes que foram mastectomizadas compartilharam publicamente suas vivências e duas delas se utilizaram (literalmente) do mesmo discurso para indicar que não há problema em abordarem o assunto no *Instagram* “*Não vejo problema algum falar sobre, não vejo a minha exposição como desnecessária*”.

Encontramos, ainda, semelhanças entre nossas análises e os achados da pesquisa de Ferreira e Mamede (2003). Segundo estes autores, os resultados de sua pesquisa com mulheres mastectomizadas apontam que os conteúdos da representação do corpo consigo mesmas convergiram para quatro unidades de significação (corpos mutilados, sensação de impotência, dor e limitação, principalmente no início de sua recuperação e cuidado com o corpo) todas estas identificadas nas postagens analisadas, como ilustrado a seguir:

Quadro 34 – Mastectomia e representação corporal

Participante	MUTILAÇÃO CORPORAL
<i>Instagram 3</i>	<i>“Uma pena o mamilo ter ido junto...”</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>“Foi necessária a <u>#mastectomiaradical</u> como assim, sem peito? É, sem peito...”</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>“Peito serve pra que? Dá pra viver sem eles? Então bora. E naquele momento eu passei a entender o significado da palavra <u>#representatividade</u>...”</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Imagem de um seio amputado e coberto por uma flor (Figura 40)</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>a cirurgia onde foi retirada a minha mama (Mastectomia).</i>
	SENSAÇÃO DE IMPOTÊNCIA NO PÓS-OPERATÓRIO
<i>Instagram 4</i>	<i>O braço direito se torna então delicado, sensível. Sem pesos, sem roupas apertadas, sem machucados, sem retirar cutículas.... sem, sem, sem.....</i>
	DOR E LIMITAÇÃO
<i>Instagram 8</i>	<i>Os primeiros dias foram muito sofridos, dias de muita dor, eu senti muita dor, pensei que eu não fosse aguentar, mesmo a base de remédios fortíssimos.</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>A dor é constante...</i>
	- CUIDADO COM O CORPO
<i>Instagram 8</i>	<i>E os peitos? Tão aqui, estamos nos conhecendo, eles estão acostumando comigo e eu com eles. Estamos namorando, começando a nos apaixonar uns pelos outros ♥ tô doida pra leva-los pra ver o mar, mas vão ter de esperar um tiquinho!</i>

Alguns estudos, como o de Engel et al. (2004), apontam que mulheres submetidas à mastectomia apresentam uma piora na imagem corporal, assim como na vida sexual e em atividades rotineiras, o que não foi compartilhado nas publicações aqui analisadas. Tal constatação nos leva a inferir que há uma ocultação do sofrimento desta experiência em detrimento do imperativo da felicidade vigente nas redes sociais virtuais.

O compartilhamento de experiências pessoais acerca da mastectomia pode ser encarado, ainda, como uma poderosa ferramenta para desmistificar a doença, contribuindo, por meio de seus relatos, com a troca de informações sobre o procedimento, auxiliando outras enfermas. Segundo Pitts (2004), haveria entre as enfermas uma responsabilidade ética ao compartilharem vivências tão íntimas, pensando para além de seus corpos amputados, o que fomenta, entre as pacientes com câncer de mama, um sentimento de classe.

4.3.5 Remissão da Doença

Abordamos, nesta primeira área temática, categorias referentes ao câncer enquanto uma doença a ser tratada, ou seja: seu diagnóstico, modalidades de tratamento contra a doença (quimioterapia, radioterapia e mastectomia) e, por fim, como última categoria, trazemos a almejada remissão da doença, que identificamos como sendo o fim de suas narrativas do câncer enquanto doença ativa.

Das dez participantes, oito compartilharam publicações com indicativos de fim do câncer enquanto uma doença ativa em seus organismos:

Quadro 35 – Remissão da doença

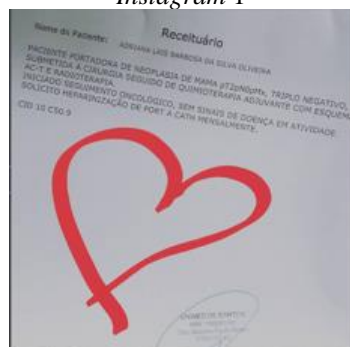
Participantes	Estágio do tratamento	Relatou “fim” do câncer
<i>Instagram 1</i>	Finalizado	SIM
<i>Instagram 2</i>	Em quimioterapia	NÃO
<i>Instagram 3</i>	Finalizado	SIM
<i>Instagram 4</i>	Em tratamento hormonal	SIM
<i>Instagram 5</i>	Finalizado	SIM
<i>Instagram 6</i>	Finalizado	SIM
<i>Instagram 7</i>	Em tratamento hormonal	SIM
<i>Instagram 8</i>	Em radioterapia	NÃO
<i>Instagram 9</i>	Finalizado	SIM

<i>Instagram 10</i>	Em tratamento hormonal	SIM
---------------------	------------------------	-----

Das dez mulheres aqui em questão, quatro ainda estão em tratamento. Ou seja, somente seis finalizaram seus tratamentos, no entanto, oito das dez participantes relataram estar "livres" do câncer e remeteram direta, ou indiretamente, a uma remissão da doença. Percebemos, assim, que mesmo em tratamento hormonal, as pacientes podem se considerar "livres" da enfermidade. Com efeito, isso acontece, normalmente, quando há a remissão da doença constatada por algum tipo de exame.

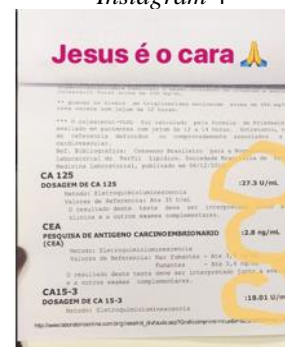
As imagens escolhidas para acompanhar as postagens acerca da remissão da doença apresentam, apesar da variedade, certas semelhanças. Com efeito, algumas das participantes escolheram se utilizar de imagens de laudos médicos e exames para relatar a boa nova, como procederam o *Instagram 1* e *Instagram 4*. Assim, ambas compartilharam as imagens técnicas, com "adendos" pessoais, como o desenho de um coração e a frase "Jesus é o cara":

Figura 43 – Remissão
Instagram 1



Fonte: Instagram (2017)

Figura 44 – Remissão
Instagram 4



Fonte: Instagram (2017)

Outras participantes escolheram fotos suas em contexto hospitalar, utilizando-se do registro do seu último dia de tratamento a fim de ilustrar a remissão da doença. *Instagram 5* e *9* compartilharam fotos acompanhadas de familiares, no último dia que receberam uma medicação; já *Instagram 6* anunciou o fim do tratamento e do câncer juntamente com o fim da radioterapia, já apresentada aqui sua fotografia anteriormente, na categoria radioterapia (figura 25):

Figura 45 – Remissão
Instagram 5



Fonte: *Instagram* (2017)

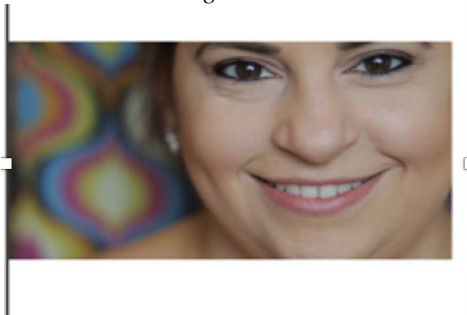
Figura 46 – Remissão
Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Por sua vez, os *Instagrams 7* e *10* que são mulheres que sofreram recidiva e metástase óssea do câncer de mama, escolherem fotos suas, as denominadas *selfies*, com rosto em destaque, para compartilhar sobre a remissão da doença:

Figura 47 – Remissão
Instagram 7



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 48 – Remissão
Instagram 10



Fonte: *Instagram* (2017)

Instagram 3 escolheu, como imagem representativa do fim do tratamento e remissão da doença, não uma foto sua ou de um laudo médico, mas um vídeo, sorrindo alegremente e dançando, ao som de uma música que diz "*because I'm happy...*" (porque eu sou feliz):

Figura 49- Remissão
Instagram 3



Fonte: Instagram (2017)

Percebemos, no presente estudo, que as postagens que compartilharam o fim de narrativa acerca do câncer, enquanto uma doença ativa, seguem, em sua maioria, um padrão: um anúncio da boa-nova, o relato de como a participante se sente (feliz, atônita, etc) e uma menção ao futuro.

Salci e Marcon (2010), em sua pesquisa com mulheres após o fim do tratamento contra o câncer, apontam que estas têm que conviver com o que eles denominam de "o fantasma do câncer", sendo este constituído por duas categorias: a necessidade de continuidade dos exames e a necessidade de convivência com as consequências do câncer. Assim, é sabido que após o término do tratamento e a remissão da doença, as pacientes ainda enfrentam uma longa jornada de exames e consultas, de tal forma que as mulheres que terminam o tratamento experimentam um sentimento vitorioso, de que "pelo menos momentaneamente ganharam a batalha contra o câncer" (SALCI e MARCON, 2010, p.21).

No entanto, os autores relatam que estas mulheres vivem sempre em "estado de alerta" com relação à doença, devido ao medo de submeterem-se novamente a um tratamento quimioterápico. Tal constatação se mostra de acordo com nossos achados, posto que a maioria das participantes atenta para a necessidade de um acompanhamento posterior, como bem ilustrado por *Instagram 10*: "*Claro que sou consciente de tudo que ainda preciso fazer, acompanhar, de toda medicação que preciso tomar, enfim, de todo caminho que preciso percorrer*".

Quadro 36 – Remissão da doença e estrutura de postagem

Participante	Anúncio	Como se sente	Futuro
<i>Instagram 1</i>	<i>tive consulta com minha</i>	-Feliz:	<i>e agora terei que</i>

	<i>oncologista, e pra honra e glória do Senhor recebi a notícia que não existe sinais da doença em meu corpo, recebi alta hospitalar #venciocancer</i>	<i>Estou muito feliz...</i>	<i>fazer o acompanhamento de 3 em 3 meses nesses primeiros anos pós Quimio e radio.</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>A biópsia da mama retirada saiu e estou liiiiimpa!!! Não tem mais câncer!</i>	<i>-Bem sucedida: agora o fecho com chave de ouro cravejada com diamantes. -Feliz: mas, por enquanto, e espero que pra sempre: FELIZ ANO NOVO</i>	<i>Ainda tem que fazer a rádio só pra ter mais segurança ,</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>#cancerfree (foto de um exame)</i>	<i>-Atônita,perplexa: Não consigo pensar em legenda melhor: Jesus é o CARA!!!! -Grata: emoji gratidao</i>	<i>x</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>mas nos dou o prazer sim de dizer que houve a cura.</i>	<i>-Gratidão: E eu sou só gratidão!</i>	<i>A vigilância será continua, eu sei,</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>Acabou tudo, até o câncer...</i>	<i>-Alegria: Kkkk... postura comemorando em foto</i>	<i>agora é continuar sendo feliz!!!</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>REMISSÃO. PET ZERADO..NÃO HÁ DOENÇA ATIVA EM MEU CORPO.</i>	<i>-Atônita, perplexa: E hoje eu não sei o que dizer. -Gratidão: OBRIGADA não basta. É mais que gratidão.</i>	<i>AINDA não é cura, mas é o primeiro passo! Eu acredito que a cura chegará.</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Realizamos a última sessão da terapia-alvo e tocamos o sino de #tchaucancer. Agora</i>	<i>-Grata: meu coração é extremamente</i>	<i>X</i>

	<i>posso dizer, com todas as letras que ACABOU, BRASIL!</i>	<i>grato por tudo, ...O sentimento é de gratidão!</i>	
<i>Instagram 10</i>	<i>tive resposta COMPLETA nas lesões ósseas, ou seja, não existem mais vestígios nenhum da doença em meu corpo. Para a medicina ainda preciso de no mínimo 5 anos para me considerar 'CURADA', mas... meu status hj é sim 'CURADA'!!! Se não existe mais doença, então, eu estou 'CURADA'.</i>	<i>-Grata: A palavra de ordem hj é: GRATIDÃO.</i>	<i>Claro que sou consciente de tudo que ainda preciso fazer, acompanhar, de toda medicação que preciso tomar, enfim, de todo caminho que preciso percorrer.</i>

A ciência médica defende que é necessário o transcorrer de cinco anos sem recidiva da doença para, então, poder-se falar de cura do câncer. Isto justifica certa cautela entre as participantes ao falarem do fim de seus adoecimentos. Com efeito, a maioria das participantes apontam estarem "livres do câncer", sem se declararem curadas. Permanecer sem doença ativa não é sinônimo de cura, como nos aponta a participante 7: "**NÃO HÁ DOENÇA ATIVA EM MEU CORPO...AINDA não é cura, mas é o primeiro passo!**"

Por outro lado, a participante 9 desafia o discurso biomédico acerca da cura e se declara curada: "*Para a medicina ainda preciso de no mínimo 5 anos para me considerar 'CURADA', mas... meu status hj é sim 'CURADA'!!! Se não existe mais doença, então, eu estou 'CURADA'.*" Por fim, notamos que mais dois elementos, referentes ao meio médico e à espiritualidade, também compuseram as narrativas acerca do fim do câncer enquanto doença ativa de todas as participantes, com exceção do *Instagram 3*:

Quadro 37 –Menção ao meio médico e/ou espiritualidade

Participante	Meio médico	Espiritualidade
<i>Instagram 1</i>	<i>Foto laudo médico. tive consulta com minha oncologista,... recebi a notícia</i>	<i>e pra honra e glória do Senhor, recebi a notícia</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>foto de exame laboratorial</i>	<i>Jesus é o CARA!!!!</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>foto em contexto hospitalar</i>	<i>eu só tenho a agradecer a Deus.</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>foto em contexto hospitalar</i>	X

<i>Instagram 7</i>	<i>Deus que ilumina os médicos,</i>	<i>posso enxergar o amor de Deus.</i>
<i>Instagram 9</i>	foto em contexto hospitalar	<i>Deus sabe o quanto precisei me aproximar dele pra ter forças,</i>
<i>Instagram 10</i>	foto em contexto hospitalar	<i>Para honra e glória do meu Senhor JESUS!! 🙏🙏🙏... Gratidão primeiramente a DEUS,</i>

Os comentários nesse tipo de publicação seguem afirmando o estereótipo de guerreiras em relação às participantes, reproduzindo, novamente, o repertório utilizado pelas participantes, que nestas publicações remetiam, em sua maioria, à felicidade e à espiritualidade. A seguir, alguns exemplos:

Quadro 38 – Remissão da doença e comentários

Participantes	Comentário recebido
<i>Instagram 1</i>	<i>nossa que Felicidade, Deus não desampara ninguém... Não te conheço pessoalmente, mais estou feliz e emocionada por sua vitória... Desde do dia que você revelo tenho posto você em minhas orações Guerreira 🙏</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>Muito Feliz por vc!!!</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Ahhhhh sua linda! Ele o cara e vc a escolhida!!!!!!</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>Linda guerreira</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>Que felicidade! Mesmo não te conhecendo pessoalmente, torço muito por você e acompanho toda sua trajetória! Que Deus continue te abençoando sempre!</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>parabéns pela sua força,você é um exemplo de pessoa! Guerreira! A prova viva,de que Deus nunca desiste de nós! muito amor e gratidão pelo nosso Senhor. ❤️</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>Deus de Maravilhas !! Vc é merecedora de tudo e muito mais. Feliz com essa notícia. Beijos grande</i>

Compreendemos, aqui, que o advento da remissão da doença, mesmo que atrelada à

submissão futura de constantes exames de rotina, marca o fim das narrativas relativas ao percurso do tratamento médico. Por constituir, neste âmbito, espécie de “final feliz”, a remissão é tratada com efusividade, alegria e sentimento de confiança em relação ao futuro, traduzindo-se na elevação exponencial do interesse da plateia de seguidores. Assim, outro ponto a ser destacado a partir de nossas análises é que as publicações acerca do fim das narrativas de adoecimento provocaram um aumento notório do número de comentários recebidos dos internautas, tendo aumentado em até 6.700% o número de comentários em relação à publicação anterior, demonstrando, assim, uma intensa interação dos seguidores com as narradoras em questão.

Quadro 39 – Remissão da doença e quantitativo de comentários

Participantes	Número de comentários - Post anterior	Número de comentários - Post fim narrativa de adoecimento	Aumento em % do número de comentários
<i>Instagram 1</i>	9	58	544,44 %
<i>Instagram 3</i>	2	27	1.250,00 %
<i>Instagram 4</i>	0	16	1.600,00 %
<i>Instagram 5</i>	24	26	8,33 %
<i>Instagram 6</i>	0	5	500,00 %
<i>Instagram 7</i>	138	683	394,92 %
<i>Instagram 9</i>	3	20	566,66 %
<i>Instagram 10</i>	1	67	6.700,00 %

4.4 Trajetória do corpo

O tratamento contra o câncer de mama implica em uma série de modificações corporais, como a retirada cirúrgica da mama pela mastectomia e a alopecia, isto é, a perda dos cabelos e pelos do corpo, como um dos efeitos colaterais da quimioterapia.

Destarte, a imagem corporal da mulher em tratamento contra o câncer é bastante afetada e abordada na literatura por diversos autores, como Siqueira et al. (2007), Pinto e Martins (2006), Duarte e Andrade (2003), Albuquerque et al. (2010), entre outros. De tal forma, consideramos pertinente eleger como a segunda grande área temática de nossa pesquisa questões referentes a este corpo tão passível de transformações em consequência do tratamento.

Incluimos, aqui, publicações relativas ao corpo físico em si, seja acerca das transformações corporais em consequência do tratamento, seja em virtude dos cuidados dedicados a este corpo, a fim de amenizar os sinais da doença e do tratamento.

Neste contexto, optamos por denominar a presente categoria como “trajetória do corpo”. O conceito de corpo, aqui tratado, transpassa a mera definição físico-orgânica, imiscuindo-se no veio social em que o corpo se revela com uma verdadeira imagem de si mesmo, representada por meio de seus atributos e contornos.

Palmeira (2015) identificou, em uma pesquisa realizada com mulheres com câncer de mama em um grupo de apoio, que em relação à aparência corporal, três elementos foram enfatizados: a mama, a perda de cabelo e o desgaste do corpo em si decorrente da doença e do tratamento. Assim, em consonância com a autora, e para fins didáticos, dividimos esta seção em duas partes distintas, uma com publicações referentes as transformações corporais como: alopecia, mastectomia e demais transformações corporais advindas em consequência do tratamento. E, por fim, uma última seção dedicada aos cuidados corporais, sejam cuidados relativos à saúde do corpo ou ao seu embelezamento.

4.4.1 Transformações corporais

A imagem corporal do paciente muda significativamente e a percepção de sua própria imagem sofre impactos negativos. Assim, a paciente, com frequência, percebe-se “feia” e excluída do padrão de beleza socialmente aceito, o que ocasiona repercussões psíquicas e sociais relevantes, provocando sofrimento e alterando suas relações interpessoais (SIQUEIRA et al., 2007).

A perda total ou parcial dos cabelos ocasionada por agentes quimioterápicos é bastante significativa para pessoas em tratamento contra o câncer, sendo considerado, por alguns pacientes, o efeito colateral mais negativamente impactante do tratamento.

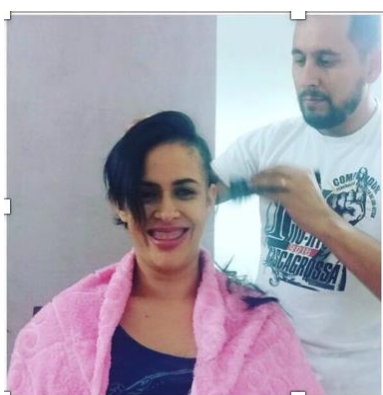
4.4.1.1 Alopecia

Em nossa pesquisa, constatamos que a perda dos cabelos foi tema relevante entre as participantes, sendo notável que todas as dez mulheres aqui em questão publicaram postagens acerca da perda de seus cabelos. Destas dez participantes, nove tiveram perda total dos cabelos durante o tratamento. Uma delas, *Instagram* 8, fez uso de uma touca hipotérmica, um novo recurso que evita a queda completa dos cabelos. Deste modo, ela sofreu queda parcial do cabelo, mas não teve que raspá-lo.

Já Ferreira, Franco e Queiroz (2002) apontam a preocupação com a queda de cabelo, decorrente da quimioterapia, como uma das características em comum das mulheres em tratamento contra o câncer. Em nossos achados, contudo, não constatamos tal particularidade, muito embora tenhamos evidenciado que a queda de cabelo se constituiu como tema em comum a todas as participantes.

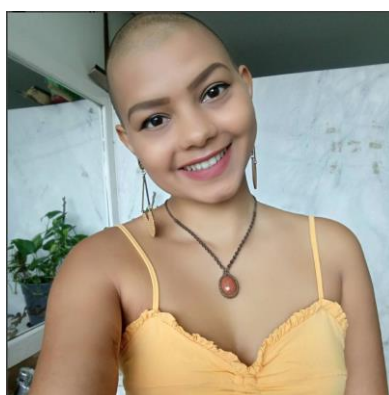
Observamos, com efeito, que as publicações acerca da queda dos cabelos seguiam três formatos: sobre o dia em que cortaram o cabelo; o dia em que aparecem sem lenços ou perucas; e sobre o crescimento do cabelo após o fim do tratamento, como as imagens abaixo nos ilustram.

Figura 50 – Alopecia *Instagram* 2



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 51– Alopecia *Instagram* 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 52 – Alopecia *Instagram* 3



Fonte: *Instagram* (2017)

Assim, por apresentarem diferentes formatos de publicações acerca da perda de cabelos, priorizamos aqui analisar a primeira publicação no *Instagram* de cada uma das participantes em que a vivência da alopecia fosse a temática em destaque de suas postagens, independentemente de se tratar do corte de cabelo, da sua apresentação sem lenços ou perucas ou, ainda, do nascimento do cabelo.

Das nove participantes que perderam completamente os cabelos, oito compartilharam publicações suas de cabelo raspado. Apenas a *Instagram* 6 não compartilhou fotos suas carecas, aparecendo sempre com lenços ou perucas, publicando, entretanto, um vídeo documentando seu cabelo sendo raspado. Por sua vez, a *Instagram* 10 só postou foto acerca de sua alopecia quando seus cabelos já estavam voltando a crescer novamente, aparecendo sem lenço quando seus cabelos estavam bastante ralos, mas já em fase de crescimento.

Constatamos que a maior parte das postagens que abordam pela primeira vez a queda de cabelos trazem fotos em que as participantes se encontram sozinhas, com exceção de *Instagram* 1 e 5, que se encontram junto de familiares. As fotos destacam o rosto e a falta de cabelos.

Instagram 3 e 5 se utilizaram da mesma publicação para anunciar a doença e para mostrar seu novo visual sem cabelos, sendo as seguintes imagens já apresentadas na primeira seção de revelação de diagnóstico, figura 7 e 9, respectivamente.

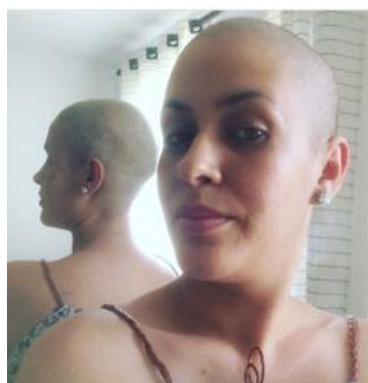
Apesar das publicações abordarem um assunto grave, qual seja, a queda de cabelo como consequência da quimioterapia, o que sobremaneira ocasiona abalo na imagem corporal da mulher, observamos que a maior parte das participantes aparece em suas fotos sorrindo, com exceção de *Instagram 2*, que apresentou uma expressão facial enigmática. Em suas fotos se apresentam majoritariamente produzidas e maquiadas. Somente pelas imagens não poderíamos fazer qualquer inferência sobre o impacto negativo ocasionado pela alopecia, como indica a literatura já citada. 52

Figura 53 – Alopecia *Instagram 1*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 54 – Alopecia *Instagram 2*



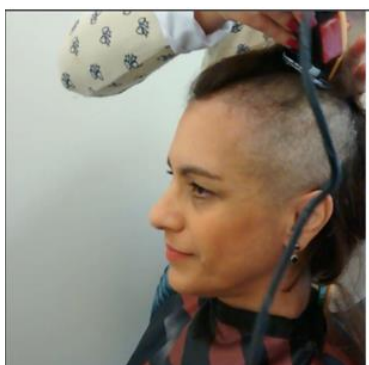
Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 55 – Alopecia *Instagram 4*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 56 – Alopecia *Instagram 6*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 57 – Alopecia *Instagram 7*

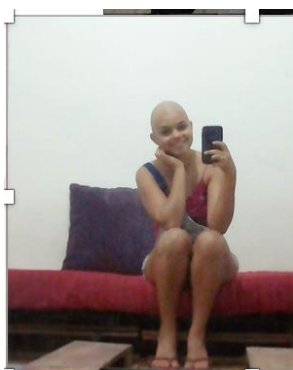
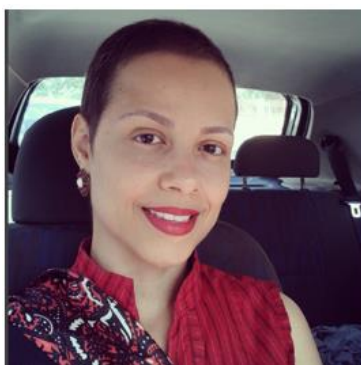


Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 58 – Alopecia *Instagram 8*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 59 – Alopecia *Instagram* 9Fonte: *Instagram* (2017)Figura 60 – Alopecia *Instagram* 10Fonte: *Instagram* (2017)

Nossas análises apontam que estas publicações apresentam alguns pontos em comum, como: o uso de recursos humorísticos ao abordarem seu novo visual, um certo estranhamento sobre a falta de cabelo e uma postura de empoderamento frente as suas novas configurações corporais.

O humor, notado por meio de ironias, brincadeiras, *emojis* e pela postura apresentada em fotos, foi um recurso utilizado por nove das dez participantes ao compartilharem, pela primeira vez com seus seguidores, uma publicação acerca da perda dos cabelos como consequência do tratamento. Segundo Pitts (2004), o humor é um recurso poderoso utilizado por mulheres para falarem de seus corpos após a mastectomia e a quimioterapia. Segundo a autora, essa escrita irônica que se utiliza do humor sugere que as mulheres reconhecem que estão submetidas às fortes normas de feminilidade e beleza de nossa sociedade, porém, tentam negociar ativamente os significados da aparência alterada de seus corpos.

Quadro 40 – Alopecia e humor

<i>Instagram</i> 1	<i>Eu tô careca de saber que você sempre estará ao meu lado</i>
<i>Instagram</i> 2	<i>Espelho, espelho meu existe alguém mais bonita que do que eu? Rsrs.</i>
<i>Instagram</i> 3	<i>"Com quem, com quem fulaninho vai se casar Loura, morena, CARECA ou CABELUDA?"</i>
<i>Instagram</i> 4	<i>#bondedoscarecas</i>
<i>Instagram</i> 5	Imagem publicada - Aqui notamos o humor na própria imagem em que aparece rindo e cobrindo sua careca com o cabelo de duas outras pessoas, como se fossem os seus.
<i>Instagram</i> 6	<i>agora força na peruca!!!</i>

<i>Instagram 8</i>	<i>eu costumava brincar que eu era a Elsa do frozen! ❄️👑</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Mas, quer vantagem melhor do que poder levantar da cama e não precisar nem pentear o cabelo pra sair?!...Essa tem sido a experiência mais inusitada e engraçada da minha vida! 😊 <u>#éestranhomasélegal</u></i>

A maior parte das participantes assume um posicionamento de maior autonomia em relação aos seus corpos, em contraponto aos padrões de beleza vigentes em nossa sociedade. As participantes, por meio de suas imagens e legendas, minimizam a perda do cabelo, mostrando, em suas legendas, por meio de textos ou pelo uso da *hashtags* repetidamente usadas, que são valorosas para "além do cabelo". Assim, suas legendas e o uso de algumas *hashtags* são indicativos de empoderamento de suas novas configurações corporais, exemplificado no quadro a seguir:

Quadro 41 – Alopecia e empoderamento

<i>Instagram 1</i>	<i><u>#alemdocabelo</u> <u>#forçanaperuca</u> <u>#careca</u></i>
<i>Instagram 2</i>	<i>Algumas coisas são libertadoras!Estou aprendendo a me libertar de mim mesma! <u>#alemdocabelo</u></i>
<i>Instagram 3</i>	<i><u>#VidaRosa</u></i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Os cabelos se vão, mas a fé é inabalável e o poder de Deus sobre minha vida só aumenta...Que vida linda minha gente <u>#mulherescarecas</u> <u>#alemdocabelo</u></i>
<i>Instagram 5</i>	<i>apesar de todos cacos de vidro, o coração dela ainda prefere andar descalço pela vida...</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>agora força na peruca!!!</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>E quando eu resolvi que era hora de sair sem <u>#lençododia</u> novamente foi libertador! ... Essa sou eu e eu estou careca!Claro que os olhares são inevitáveis, claro! Tudo o que é diferente chama mais atenção! Mas sou eu e minha realidade.O que precisa de "maquiagem" em nossa vida? NADA! Sejamos livres! <u>#mulherescarecas</u></i>
<i>Instagram 8</i>	<i><u>#meucorpominhasregras</u> <u>#fightlikeagirl</u></i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Essa tem sido a experiência mais inusitada e engraçada da minha vida!<u>#alemdocabelo</u> <u>#careca</u> <u>#cabelonaoedocumento</u></i>
<i>Instagram 10</i>	<i>Aprendendo a viver um dia por vez, aproveitando cada momento.</i>

Apesar destas posturas frente aos seus novos corpos e apesar de manifestarem um padrão de beleza para #alemdocabelo, notamos que as participantes, em sua maioria, demonstram, direta ou indiretamente, certo estranhamento em relação a suas cabeças raspadas, algumas vezes, uma vontade expressa de voltar ao estado anterior ao da queda de seus cabelos. Este estranhamento foi encontrado em suas legendas por meio de seus relatos e uso de *hashtags*:

Quadro 42 – Alopecia e estranhamento

<i>Instagram 2</i>	<i>É tão engraçado andar pelas sessões de shampoo e tintas e não escolher nada pra você! Posso afirmar que nunca pensei estar careca. Acho que ninguém pensa né?</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>#cresçacabelinho</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>Metamorfose...</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>incrível como pensei taaanto se sairia ou não assim. Ainda levei o lenço na bolsa, só por precaução.</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Eu perdi mt cabelo, principalmente no topo da cabeça onde fiquei com falha, mas não era algo que me incomodava, pois usava o @jethair e ngm reparava.</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Da série "coisas que acontecem com uma pessoa quando ela acaba de ficar careca" rs: - Leva susto ao ver seu próprio reflexo na tela do celular (tipo, quem é essa pessoa?); - Leva susto ao ver seu reflexo em qualquer espelho de qualquer lugar; - Leva susto ao ver seu reflexo em qualquer coisa 😬 😬 😬; - Leva mto susto mesmo 😬 😬 🤔 😬 😬. - Se pega tomando banho sem molhar a cabeça (pra n molhar o cabelo) 🤔 🤔; - Sai do banho com a toalha enrolada no "cabelo" 🤔 🤔; - Fica doida procurando um pente pra colocar na bolsa antes de sair de casa 🤔 🤔 🤔; - Toma susto toda vez que coloca a mão na cabeça 🤔 🤔 😬 (eu disse que tomava mto susto 😬)... Essa tem sido a experiência mais inusitada e engraçada da minha vida! 😬</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>E poder ver, depois de quase 6 meses da queda total dos meus cabelos, eles crescendo, me sinto renovada.</i>

A queda de cabelo, como um dos efeitos colaterais da quimioterapia, se mostra bastante impactante para as pacientes, uma vez que o cabelo constitui importante símbolo do sexo feminino, possuidor de um significado social e simbólico (PALMEIRA, 2015). A perda do cabelo evidencia a paciente enquanto uma pessoa doente, a “careca” dá visibilidade à doença e torna a paciente diferente, não enquadrada nos padrões, o que dificulta a aceitação da alopecia

pela própria paciente e o estranhamento da sociedade diante delas (GONÇALES PEREIRA et al., 2006).

Entretanto, as participantes não deixaram transparecer, por meio de suas publicações, o impacto desta perda. A feminilidade foi apresentada por meio de outros recursos imagéticos: estavam produzidas, maquiadas e por meio de seus textos, em especial de *hashtags* como #Alemdocabelo, indicando que sua beleza e valor vão além do perdido cabelo.

Em nossa sociedade, o cabelo é um dos símbolos de feminilidade. Assim, sua perda afeta vivências relativas ao feminino. Notamos que, contrapondo a perda de um símbolo de beleza e feminilidade, os *posts* das participantes remetiam recorrentemente à temática da beleza, seja em suas fotos, em que aparecem produzidas, maquiadas, ou por meio de suas legendas, abordando diretamente o assunto em textos ou *hashtags*. À primeira vista, quimioterapia e beleza parecem ser inconciliáveis, haja vista os efeitos devastadores da primeira, no entanto, as participantes se opõem a isso e usam, de maneira recorrente, *hashtags* que remetam a possibilidade da união entre as duas: #quimioebeleza #quimioterapiaebeleza. A temática da beleza foi, então, identificada nas postagens aqui analisadas acerca da alopecia.

Quadro 43 – Alopecia e beleza

<i>Instagram 1</i>	Foto maquiada, fazendo uso de acessórios em destaque, como o grande brinco em formato de argola.
<i>Instagram 2</i>	<i>“Os lenços tem sido meus companheiros, mas as vezes ficar sem eles é muito bom! Olhar no espelho, o olhar das pessoas, te fazem pensar que nos preocupamos tanto com o que as pessoas estão vendo por fora! E de repente você percebe que isso é tão pequeno diante da sua luta de continuar viva, que isso não importa mais! E que a beleza é só um detalhe bem pequeno. Sei que hoje estou fora dos padrões de beleza, que estar careca não é comum mais hoje pra mim é necessário”.</i>
<i>Instagram 3</i>	Foto - aparece na foto produzida e maquiada, vestindo um traje de festa, dentro dos padrões de beleza usual.
<i>Instagram 4</i>	<i>“Todas somos princesas aos olhos de Deus 🏰 #quimioebeleza”</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>#quimioterapiaebeleza</i>
<i>Instagram 6</i>	<i>“agora força na peruca!!!”</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>#quimioebeleza #alemdocabelo</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>“Apesar de ter caído mt, num aspecto geral eu mantive boa parte do meu cabelo e apesar de no início do tratamento eu ter julgado o</i>

	<i>recurso como algo supérfluo e até desnecessário perto da dimensão de um câncer, hoje eu tenho noção que a autoestima é um fator importante sim durante o tratamento. Colaborou para minha autoestima e qualidade de vida durante o tratamento, já q tive outros fatores q me abalaram bastante. Era como se fosse "1 problema a menos". #quimioterapiaebeleza”</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>#quimioterapiaebeleza</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>“E poder ver, depois de quase 6 meses da queda total dos meus cabelos, eles crescendo, me sinto renovada.”</i>

Os comentários dos outros internautas seguem reafirmando os estereótipos de guerreiras e mulheres fortes, assim como a troca de experiências, como em publicações anteriores. No entanto, os comentários nesse tipo de publicação também frequentemente ressaltam a beleza das participantes.

Quadro 44 – Alopecia e comentários

Temática	Comentários recebidos
Reforçadores de estereótipos	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Guerreira, linda ! – Recebido por Instagram 1</i> - <i>Vem assim que me sinto hoje. Vamos lutando e seguindo com fé! Deus te abençoe – Recebido por Instagram2</i> - <i>Continue fortee ♥ linda! – Recebido por Instagram3</i> - <i>Linda!!!! Vc ja e uma vendedora!!! – Recebido por Instagram 4</i> - <i>Q guerreira! 😊👏👏 – Recebido por Instagram10</i>
Troca de experiências	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Vem assim que me sinto hoje. Vamos lutando e seguindo com fé! Deus te abençoe – Recebido por Instagram 2</i> - <i>Linda doe o meu ano passado se der irei doar novamente – Recebido por Instagram 3</i> - <i>Verdade ... quando eu estava com câncer perdi tudo. Mas aumentei minha fê. Deus é maravilhoso. Todas as coisas cooperam ♥ – Recebido por Instagram 4</i> - <i>fiz a mesma coisa há 2 semanas , minha irmã passou a máquina pra mim, estou carequinha tbem mas isso não mexe comigo nem me incomoda eu quero é ficar boa! Bj pra ti , 🍷♥ – Recebido por Instagram 6</i>

	<p>- <i>Tb prefiro não usar nada!!! Se é nossa realidade que assim seja ! Tenho orgulho de minha careca linda!!! Vamos guerreira essa luta é nossa! Que Deus nos dê força e fé!</i> – Recebido por Instagram 7</p> <p>- <i>estou no tratamento e quase desistindo da touca, sofro d mais, fiz três vermelhas até agora, tenho mais uma e em seguida vou para a branca semanal, o topo da minha cabeça já caiu mto, não sei o que fazer, o q vc usou jethair?? O que seria isso?? E o pré medicamento para dormir? Vc tem ideia qual era?! – Recebido por Instagram 8</i></p> <p>- <i>Vivo tomando esses sustos também !!! A hora do banho e tomar cuidado pra não molhar os cabelos é diária ! 😊😊😊😊 E ao olhar no espelho também !!! Mas vamos que vamos lutando contra esse mal!!</i> – Recebido por Instagram 9</p> <p>- <i>Estamos juntas na caminhada! Vamos vencer! Bjs</i> – Recebido por Instagram 10</p>
<p style="text-align: center;">Beleza</p>	<p>- <i>Sua beleza é maior que tudo! Vem de dentro ! 😊 Que o amor prevaleça sempre ♥</i> – Recebido por Instagram 1</p> <p>- <i>Linda de qualquer jeito. Sempre linda</i> – Recebido por Instagram 2</p> <p>- <i>Lindaa de qualquer jeito....loira morena ruiva careca....sua beleza vai alem do externo bjoooo</i> – Recebido por Instagram 3</p> <p>- <i>Vc é linda de qualquer jeito e ja venceu... Deus te abençoe</i> – Recebido por Instagram 4</p> <p>- <i>Continua linda! muita fé que tudo dará certo!</i> – Recebido por Instagram 5</p> <p>- <i>Linda de QQ forma! 😊😊</i> – Recebido por Instagram 7</p> <p>- <i>Linda!!!!</i> – Recebido por Instagram 8</p> <p>- <i>Linda de qualquer jeito ate careca.</i> – Recebido por Instagram 9</p> <p>- <i>Que Linda , Deus ta ctg</i> – Recebido por Instagram 10</p>

Oliveira e Ribeiro (2011) apontaram em sua pesquisa que, entre as mulheres diagnosticadas com câncer de mama, a mudança corporal foi causadora de maior impacto negativo. Mudança esta ocasionada tanto pela mastectomia, que será abordada adiante, como pelos efeitos da quimioterapia, que ocasionam a queda de cabelo. Duarte e Andrade (2003) apontam que a perda dos cabelos, apesar de temporário, produz forte impacto emocional, até

mais que a mastectomia, sendo isso devido ao impacto social, provocando vergonha frente aos olhares externos, assim como rejeição e preconceito. No que tange à queda de cabelo, o escopo de nossa pesquisa não nos permite ter acesso ao impacto real sofrido pelas participantes, porém, fica evidente o silêncio frente a este aspecto.

Na pesquisa de Pinto e Martins (2006), em que toda sua amostra relatou reações negativas ao tratamento, notou-se que suas reações envolviam, entre outros fatores, a tristeza pela perda do cabelo, o que não foi compartilhado pelas participantes aqui em questão.

Não restam dúvidas que a perda do cabelo, enquanto fator desencadeante de alteração corporal significativa, que transpõe os atributos socialmente padronizados, importa em reação adversa que abala psicologicamente a paciente oncológica. As participantes objeto do presente estudo, contudo, em suas postagens, assumem posturas felizes, positivas, mesmo com o advento da alopecia. Em nossas considerações finais retornaremos ao assunto e discutiremos as razões inerentes a este aparente paradoxo.

4.4.1.2 Mastectomia

Na seção anterior abordamos a mastectomia enquanto um procedimento cirúrgico, isto é, parte integrante do tratamento. Naturalmente, tal cirurgia provoca alterações corporais extremamente significativas. Deste modo, aqui trazemos a questão novamente à tona, contudo, não mais enquanto uma etapa do tratamento, mas como um efeito deste. Portanto, nesta seção abordaremos não a cirurgia da mastectomia, mas relatos sobre ser uma mulher mastectomizada.

Abordamos nesta seção publicações que trazem relatos acerca da vivência de ser uma mulher mastectomizada. Entretanto, é curioso que somente duas participantes tenham compartilhado algo a respeito, uma vez que todas as participantes mastectomizadas publicaram algo sobre suas cirurgias. Este fato nos remete aos achados de Duarte e Andrade (2003) que constataram que mulheres mastectomizadas apresentam dificuldades relativas à exposição de seus corpos, não sendo, então, seus corpos mastectomizados um tema comum para publicações no *Instagram*.

Nos questionamos, então, o quanto ser mastectomizada ainda se apresenta como algo estigmatizado em nossa sociedade, podendo evocar certa vergonha entre as mulheres que se submeteram a tal procedimento cirúrgico, conduzindo-as a reservarem esta vivência à esfera privada, o que vai de encontro às suas posturas usuais de compartilharem sobre os mais diversos assuntos na *Web*.

A mastectomia, enquanto parte integrante do tratamento, foi abordada por todas as participantes que se submeteram a tal procedimento, como dito em seção anterior. Entretanto,

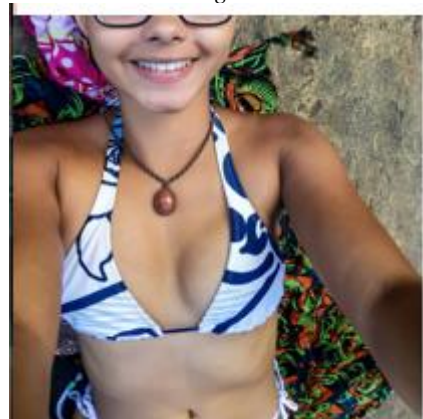
somente duas mulheres (*Instagram 3* e *9*) dedicaram publicações posteriores para compartilharem seus relatos sobre serem mastectomizadas.

Figura 61 –Mastectomizada
Instagram 3



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 62 – Mastectomizada
Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

As participantes escolherem fotos suas, sozinhas, para abordarem o tema em questão. Em ambos os casos, o seio mastectomizado aparece em destaque. Com efeito, a *Instagram 3* o traz completamente despido, ainda escurecido dado os efeitos da radioterapia. Já a *Instagram 9* aparece de biquíni, evidenciando a assimetria com o outro seio não retirado.

Ambas as participantes se mostram sorrindo nas fotos, transparecendo um semblante feliz e satisfeito com a nova constituição de seus corpos. O rosto de *Instagram 9* não aparece em sua totalidade, mas seu sorriso sim.

Instagram 3 colocou, junto ao seio mastectomizado, uma flor, símbolo de feminilidade.

As legendas das referidas postagens trazem textos longos se comparados ao usualmente publicados na plataforma, fazendo uma reflexão sobre o tema, descrevendo suas vivências sobre serem mastectomizadas. Notamos que, diferente de outras publicações em que o problema do câncer chega a ser até mesmo minimizado, a mastectomia é apresentada com um pesar a mais, como um assunto mais delicado, como *Instagram 9* escreve claramente: "Vou falar de um assunto delicado: a mastectomia." *Instagram 3* também demonstra ser um tópico mais complicado, segundo ela, "De todo o tratamento que eu fiz, a mastectomia radical foi a pior parte (ainda é)".

Após uma revisão integrativa da literatura sobre os sentimentos de mulheres após o diagnóstico de câncer de mama, Oliveira e Ribeiro (2011) constataram que a mudança corporal é a causa do maior impacto nas mulheres. Isto se deve tanto pelos efeitos colaterais da quimioterapia e radioterapia, como, em grande parte, pela mastectomia, uma vez que a mama, segundo os autores, é símbolo de feminilidade. Assim sendo, o seio não diz respeito apenas a

algo biológico, da anatomia da mulher, mas possui valores simbólicos atribuídos a eles, como de feminilidade e sensualidade. Ao ser mastectomizada, a mulher sofre impactos em sua feminilidade, posto que há a perda de um atributo feminino. Assim, a mastectomia afeta tanto atributos biológicos, como culturais (ALMEIDA, 2009).

Pode-se dizer, então, que a mastectomia não se refere somente à retirada do seio, mas de outros atributos, o que ocasiona certo estranhamento na autoimagem e feminilidade da mulher, provocando insegurança, como se a amputação do seio provocasse também a mutilação de sua condição feminina (RODRIGUES et al., 2002). Em nossas análises constatamos que as participantes *Instagram 3* e *9* assumem o seio como sendo portador de valor simbólico, transcendendo sua anatomia, de tal forma que sua feminilidade também foi trazida à tona em seus relatos.

As participantes assumem, ainda, à sua audiência, certo mal-estar e inconformidade, um estranhamento referente a seus corpos. O estranhamento diante desta nova situação, a qual, segundo elas próprias, precisam se adaptar e aceitar, está em consonância com os achados de Ferreira, Franco e Queiroz (2002) que constataram várias características em comum entre as 24 mulheres mastectomizadas que entrevistaram, entre elas a estranheza da amputação do seio. Pinto e Martins (2006) também constataram que a perda do seio pode ser desorganizadora do esquema corporal das mulheres mastectomizadas, o que as leva a sentirem descontentes com seus corpos, assim como a terem insegurança e dificuldade em estabelecer relacionamentos, o que também foi relatado pelas participantes.

Assim, nessas postagens nos deparamos com assuntos densos e observamos semelhanças em seus relatos. Ambas abordam: a dor de ser uma mulher mastectomizada; o valor simbólico dos seios para além da morfologia de seus corpos - o que leva a uma mal-estar por tê-los retirados; assumem certa inconformidade que sentem por serem mulheres mastectomizadas; abordam questões relativas à sexualidade; além da aceitação de si enquanto mulheres mastectomizadas e, por fim, compartilham, ainda, algo sobre procedimentos futuros em seus seios. A fim de facilitar a apresentação de todos estes conteúdos encontrados, desenvolvemos a seguinte tabela com a compilação de nossos achados:

Quadro 45 – Mastectomizada e temas contemplados

Tema	<i>Instagram 3</i>	<i>Instagram 9</i>
Dor	<i>"Tem horas que dói um pouco. Tem horas que dói demais. Tem horas que dói</i>	<i>Lembro que, na primeira vez que me olhei no espelho após a cirurgia, chorei</i>

	<p><i>pra sempre. Tem horas que dói em paz." Assim, eu descrevo o que eu sinto ao me olhar no espelho ou tocar o local em que ficava o meu seio direito...</i></p>	<p><i>muito. 2 dias depois da cirurgia, estava com drenos, a cicatriz tava bonitinha ainda (pq ela abriu toda depois rs) e a diferença entre os seios era gritante; diferenças de altura, forma, textura e volume. Eu fiquei muito desesperada com isso, confesso...</i></p>
Seios	<p><i>De todos os cânceres, acredito que o de mama é o que mais abala uma mulher, em relação à autoestima. porque os seios são as características mais marcantes de uma mulher. Ou pelo menos é assim que eu os vejo. Os seios têm a ver com feminilidade, sexualidade, sensualidade, maternidade.</i></p>	<p><i>A região dos seios é uma parte íntima do nosso corpo, tem suas funções fisiológicas e estéticas, a gente fica "bolada" mesmo rs.</i></p>
Inconformidade	<p><i>Mas, é claro, que insegurança, baixa autoestima de vez em quando batem à minha porta...</i></p> <p><i>Tem dia que o meu humor está péssimo e eu me sinto incompleta novamente... (não , não sou tão forte, e nem preciso ser, a ponto de ficar sem seio o resto da vida)</i></p>	<p><i>Tem dias que odeio eles.. sinto falta da simetria...</i></p>
Sexualidade	<p><i>No entanto, também é difícil iniciar um relacionamento pós-tratamento, muito mais difícil do que antes, eis que agora tem o acréscimo de achar um rapazinho que saiba viver com a minha condição de paciente oncológica (ainda muito estigmatizada) e encarar as</i></p>	<p><i>...coloco um decote numa tentativa Fail de seduzir de um lado só kkk....</i></p> <p><i>Aí sim, dessa 2º cirurgia, pretendo voltar 100% turbinada, pra arrasar com o coração dos novinho kkk (brinks) 😊.</i></p>

	<i>marcas do meu corpo de uma maneira natural.</i>	
Aceitação	<i>Eu mesma estou em constante processo de autoaceitação. É bastante difícil, delicado. (Terapia, que faço desde o início do tratamento, tem me ajudado.)... Somos mais, muito mais, que nossos seios.</i>	<i>Meus peitos cosplay de Nestor Cerveró (☺ com todo respeito) fazem parte da minha história de sobrevivência. É o pacote Raíza pós recall 2016 kkkk 🙄 ...Paciência, né gente! Paciência, paciência. O que não tem remédio, remediado está! E tome mais uma dose de paciência!</i>
Futuro	<i>Farei a reconstrução assim que a minha pele voltar à cor normal. Ela ficou com esse bronze maravilhoso por causa da radioterapia (.)</i>	<i>será necessário trocar a prótese (a rádio "endurece" ela), mas só daqui um ano, pq o tecido radiado tem que se recuperar. Aí sim, dessa 2ª cirurgia, pretendo voltar 100% turbinada, pra arrasar com o coração dos novinho kkk (brinks) ☺</i>

A publicação de *Instagram* 3 teve uma repercussão notável, obtendo um mil, quatrocentos e oito comentários (1.408), um aumento de 15.644,44% se comparado a sua publicação anterior, em que recebeu apenas nove comentários. A repercussão de comentários da publicação de *Instagram* 9, com vinte e um comentários, também aumentou se comparada à publicação anterior, com seis.

Consideramos, então, que o tema se mostra, ainda, como algo delicado, havendo certa resistência de ser compartilhado, haja vista que o assunto foi omitido pela maior parte das participantes. Em contrapartida, os internautas acolhem e reforçam, por meio de sua interação e validação virtual, que tal vivência seja compartilhada, o que nos indica que o espaço virtual pode ser um espaço de apoio disposto a acolher diversas vivências. Contudo, também nos cabe o questionamento se este acolhimento se dá por empatia e apoio ou, tão-só, por uma conduta típica da sociedade do hiperespetáculo, com ávidos espectadores dispostos a consumir a vida alheia.

Os comentários analisados nestas postagens, seguiram, em sua maioria, três vieses: assim como em outras publicações, reforçam os estereótipos de mulheres fortes e guerreiras, a serem admiradas; outros comentários trazem troca de experiências entre os internautas e, por fim, constatamos a presença de comentários que ressaltavam a beleza das usuárias.

Quadro 46 – Mastectomizada e temática de comentários

Temática	Comentários recebidos
Estereótipo guerreiras	<p>- <i>Símbolo de mulher guerreira</i></p> <p>- <i>“Que foto linda! Que texto lindo! Minha admiração por vocês guerreiras só aumenta a cada dia, são um verdadeiro exemplo de vida, exemplo de superação! Que Deus continue te abençoando, e que Ele só reserve coisas boas pra sua vida! 🙏❤️”</i></p>
Troca de experiências	<p>- <i>Eu sei bem como é , eu passei por isso 😊 perdi meu mamilo meu peito ficou horrível qualquer blusa q ponho todos notam a diferença, mas é oq eu tenho fazer oq , o jeito é aceitar e ser feliz como eu sou porque a vida continua e quando eu vim a esse mundo eu nao vim pra brincar eu vim pra aprender e evoluir . E são essas fazes da vida que nos proporciona experiências 🙌🙌</i></p> <p>- <i>retirei os dois, com mamilos e tudo . Pra simetria fica bem mais fácil . Após as quimios e expansor, coloquei próteses de 480ml. Ficou muuuuuuito parecido com os meus anteriores , porque vc não coloca expansor e depois coloca prótese?</i></p>
Beleza	<p>- <i>“Você é linda moça!!!! Que Deus te abençoe muito! com Você é muito guerreira e dará a volta por cima!!!!”</i></p> <p>- <i>“Maravilhosa, Guerreira, Sexy, Incrível, Linda, exemplo de mulher! 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌”</i></p> <p>- <i>“Força minha querida você é uma mulher completa!”</i></p>

Apesar do baixo número de publicações sobre o tema entre as participantes, as postagens realizadas provocaram grande repercussão. Constatamos tal popularidade tanto por meio do número considerável de comentários, como citado anteriormente, como pelo expressivo número de “curtidas”, bem exemplificado na postagem de *Instagram* 3, que recebeu 50.897 curtidas em sua publicação, contando com um aumento de 13.323,82% em número de curtidas se comparada a publicação anterior, com 382.

Muito embora seja interessante notar que o compartilhamento, por parte das duas participantes acima citadas, estabeleça elementos importante acerca dos efeitos da mastectomia sobre a imagem do próprio corpo, o que se mostra mais gritante, no presente caso, e talvez ainda mais esclarecedor, é o silêncio de oito das dez participantes sobre o tema.

4.4.1.3 Outros efeitos sentidos no corpo

Como já relatado, o corpo sofre muitas transformações devido aos efeitos do tratamento contra o câncer. Oliveira e Ribeiro (2011) apontam que as mudanças corporais de maior impacto entre as mulheres é a perda da mama e dos cabelos. E nossas observações indicam que a mastectomia e a alopecia são os eventos que receberam mais destaque nas publicações das pacientes, sendo estes temas apresentados em postagens específicas.

Já os demais efeitos, apesar de numerosos, são relatados pelas participantes de maneira mais branda, sem grandes reflexões sobre os efeitos em si, além de se utilizarem de uma mesma postagem para abordar vários efeitos diferentes, listando-os.

Dedicamos, então, essa seção, às postagens que relatam os mais diversos efeitos sentidos em seus corpos em consequência do tratamento. Das dez participantes, apenas *Instagram 5* e *6* não abordaram outros efeitos do tratamento em seus corpos.

São bastante diversas as imagens que acompanham as publicações referentes aos efeitos sofridos nos corpos das participantes devido ao tratamento. Três participantes, *Instagrams 1*, *8* e *9*, escolheram fotos suas, em formato de *selfies*, para acompanhar suas publicações. Todas apresentam o rosto em destaque e um aspecto de cansaço. Duas não sorriem – algo raro entre suas publicações.

Figura 63 – Efeitos no corpo
Instagram 1



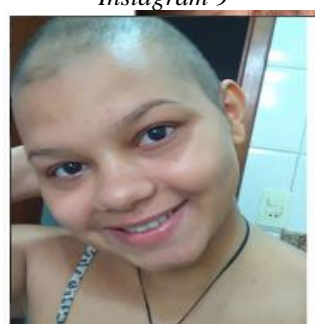
Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 64 – Efeitos no corpo
Instagram 8



Fonte: *Instagram* (2017)

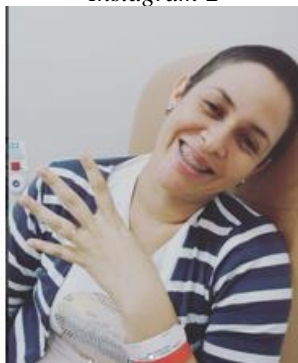
Figura 65 – Efeitos no corpo
Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Outras duas participantes, *Instagrams 2* e *4*, também escolheram fotos suas, no entanto, compartilharam fotos em que aparecem durante a quimioterapia e sorrindo, apesar de feições que denunciam certo cansaço.

Figura 66 – Efeitos no corpo
Instagram 2



Fonte: *Instagram* (2017)

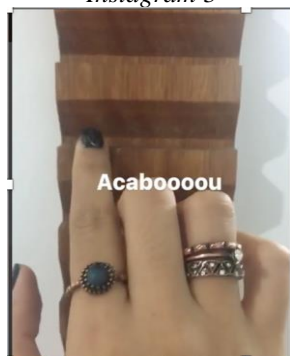
Figura 67 – Efeitos no corpo
Instagram4



Fonte: *Instagram* (2017)

Outras três participantes (*Instagrams* 3,7 e 10) não se representaram por fotos. *Instagram 3* publicou um vídeo em que seus dedos sobem uma escada e escreveu "acabooou" no vídeo, referindo-se ao fim de sua fisioterapia que visava a recuperação do movimento do braço. Por sua vez, *Instagram 7* escolheu como imagem uma foto da caixa do remédio que faz uso para aumentar sua imunidade e, por fim, *Instagram 10* trouxe seu braço em evidência, com vários adesivos devido às tentativas frustradas de encontrar uma veia para aplicação de uma medicação.

Figura 68 – Efeitos no corpo
Instagram 3



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 69 – Efeitos no corpo
Instagram 7



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 70 – Efeitos no corpo
Instagram 10



Fonte: *Instagram* (2017)

As legendas destas publicações relatam diversas mudanças corporais em decorrência do tratamento, como nos aponta *Instagram 1*: "São muitas mudanças no organismo". O impacto destas mudanças fica evidente pelo relato de *Instagram 8*: "'Eu quero meu corpo de volta' Não sei nem dizer quantas vezes eu escrevi essa frase pro meu marido pelo WhatsApp durante o dia! Mas certamente foram inúmeras".

Estas publicações transparecem que lidar com os efeitos do tratamento se faz uma tarefa difícil, como relata *Instagram 7*: "Vida de paciente oncológico não é mole não viu!". *Instagram*

2 também assumiu sentir certa dificuldade em lidar com os efeitos do tratamento, confessando que "*Hoje não foi fácil ir e fazer a quimioterapia*".

Os efeitos sentidos no corpo mais relatados foram: dor no corpo e nas articulações (relatados por *Instagrams* 1, 4, 7, 8), seguido do cansaço e fadiga, relatados por *Instagrams* 2, 8, 9. Entretanto, vários outros efeitos colaterais ao tratamento foram apresentados, como: inchaço, fragilidade nas unhas, alterações no paladar, queda de cabelos, cílios e sobrancelhas, aumento de peso, perda de movimento do braço, enjôos, alergia, memória fraca, dificuldade para respirar, sensação de pontadas, sensibilidade, fraqueza muscular, desânimo, olheiras, espinhas, oleosidade na pele, língua azul, falta de sono e deterioração venosa.

Elaboramos a seguinte tabela a fim de melhor ilustrar, por meio de seus relatos, os efeitos sofridos em seus corpos.

Quadro 47 – Demais efeitos corporais relatados

Participantes	Efeitos no corpo	Relato
<i>Instagram 1</i>	Inchaço, aumento de peso unhas roxas e caídas dor nas articulações	<i>recebi corticóides nas veias, em quantidades enormes, o que fez com que inchasse. ... 3kg a mais...além do inchaço, minhas unhas estão roxas e algumas caíram, e sinto muita dor nas articulações que é um dos efeitos da Quimio branca.</i>
<i>Instagram 2</i>	cansaço, fadiga, corpo em sofrendo	<i>O cansaço, a fadiga, as reações estão bem intensas nesses dias. Meu corpo está sofrendo e lutando!</i>
<i>Instagram 3</i>	perda de movimento do braço	<i>fiz fisioterapia para recuperar o movimento do braço após fazer uma mastectomia</i>
<i>Instagram 4</i>	enjôos dor no corpo alergia perda dos cabelos unhas roxas memória fraca	<i>A última sessão foi puxada! Muito enjôo, dores em todo corpo, mais enjôo, alergia, perda TOTAL dos cabelos, mais enjôo, unhas roxas e memória fraca. Ah, já falei dos enjôos? 😊😊</i>
<i>Instagram 7</i>	dor no corpo	<i>Ai, Neulastim... Dias de cama por sua causa! Tudo pra imunidade ficar lá em cima! ... provoca muitas dores no corpo, mas me ajuda a ficar bem, pois significa que está ajudando meu corpo a produzir leucócitos.</i>
<i>Instagram 8</i>	dor no corpo dificuldade para respirar pontadas	<i>Dores no corpo, sensações estranhas para respirar, pontadas, sensibilidades, fraqueza muscular, paladar alterado, cansaço... muito</i>

	sensibilidade fraqueza muscular paladar alterado cansaço dor desânimo	<i>cansaço. Por vezes me batia vontade de fazer várias coisas. Na minha mente. Mas era eu começar a me empolgar a fazer, vinha uma dor aqui, uma acolá, um das animo, um cansaço.</i>
<i>Instagram 9</i>	perda do cabelo, cílios e sobrancelhas inchaço olheiras espinhas língua azul alteração no paladar cansaço falta de sono	<i>O cabelo foi o primeiro a ir embora... A sobrancelha parou de crescer e caiu um pouco... Os cílios foram embora. Deve ter meia dúzia em cada olho, mas muito fininhos, não dá volume, não adianta lotar de rímel. Tentei usar o postiço, mas dá mtto trabalho e abandonei... As espinhas apareceram..... Não sei lidar com espinhas, por enquanto to usando só um sabonete secativo. Meu rosto tá bastante inchado/ deformado por causa da retenção de líquidos, provocada principalmente pelos corticóides da quimio. Eu tomo suco detox pra desinchar, mas parece que não funciona no rosto kkk. Isso me incomoda um pouco. Finjo que tô fazendo cosplay do Fofão 😊.... As olheiras sempre aí. Durmo pouco, média de 6h por dia. Apesar do cansaço, não sinto sono, efeito do tratamento.... Minha língua está azul e tbm tive alterações no paladar. Essas são algumas das alterações no rosto, que tenho aprendido a lidar.</i>
<i>Instagram 10</i>	deterioração de vasos sanguíneos	<i>Tá aí o resultado após tratamento de quimioterapia. Ficamos com certa dificuldade em conseguir acesso venoso. 😞😞</i>

Albuquerque et al. (2010) apontam que a convivência com a dor e as desfigurações corporais, são fatores que influenciam a ocorrência de depressão entre mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Entretanto, apesar de compartilharem seus desgastes corporais, assim como a insatisfação com seus corpos, observamos que havia certa cautela das participantes em evitar reclamar de seus corpos, relatando, apenas, os efeitos nocivos que sobrevieram, o que resta evidente na publicação de *Instagram 4*: "Não estou me lamentando. Nunca foi minha intenção".

Pinto e Martins (2006) apontam que 40% das mulheres que participaram de sua pesquisa estavam insatisfeitas com seus corpos após o tratamento, devido a outros efeitos que não a perda da mama, como mudança de peso, dores, etc. Esta insatisfação com o atual corpo e o

estranhamento em relação a ele também foram apresentados nas publicações analisadas, como relatado por *Instagrams* 1, 8 e 9:

Quadro 48 – Demais efeitos corporais e estranhamento

Participante	Relato de estranhamento
<i>Instagram 1</i>	" <i>Eu me olhava no espelho e me sentia a dona redonda...</i> ".
<i>Instagram 8</i>	" <i>Uma das coisas que mais me incomodava durante a quimioterapia era ter a sensação de que eu estava presa dentro de um corpo que não era meu... Mas me incomodava, me incomodava sentir muitas sensações diferentes no meu próprio corpo. Lembro de ter chorado de desespero algumas vezes e gritado, sim gritado (alto, berrando rs), que eu não aguentava mais, que eu queria meu corpo de volta!</i> "
<i>Instagram 9:</i>	" <i>Me sinto nua, parece que fui desmontada kkkk.</i> "

Apesar dos relatos de estranhamento do próprio corpo e de compartilharem os efeitos nocivos que sofriam, todas as participantes, com exceção de *Instagram 10*, apresentaram em suas publicações uma postura de confiança, de esperança de melhorias, confiantes que se tratam de efeitos temporários, como pode-se constatar nos trechos apresentados na tabela a seguir:

Quadro 49 – Demais efeitos corporais e postura confiante

Participante	Postura confiante
<i>Instagram 1</i>	<i>com o tempo espero que as coisas voltem ao normal. #cancerdemamatemcura #venciocancer#vencendoocancer #linda #vaidartudocerto #forçanaperuca#carecalinda</i>
<i>Instagram 2</i>	<i>Desistir nunca foi ou será pra mim uma opção. Então vamos pra cima por que está acabando só faltam 4 #tchaucancer #estaacabando</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>Já consigo ir bem mais longe, bem mais longe, bem maaaaais</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Você só descobre a força que tem diante das tribulações .Quando ser forte é sua única opção você cresce com cada pequena conquista, com cada etapa vencida.Issso te faz um ser humano melhor! #tchaucancer #combateaocancer#todosjuntoscontraocancer#maonamama #vivereuquero</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>A agulha é bem fininha, a aplicação é tranquila, e, o mais importante: me protege! Um salve à medicina!! #staystrong</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Mas, passados os momentos de desabafo (necessários) era o tempo de se reconectar ao momento, aceitar e confiar que tudo passa. Me lembro de todas as amigas do peito vencedoras dizerem que tudo passa! E tudo passa.... Passou, tem passado, agora é acostumar com as novas sensações! #fightlikeagirl#quimioterapiaebeleza#tchaucancer #vencerocancer #fuckcancer #cancertemcura</i>
<i>Instagram 9:</i>	<i>Tenho consciência de que é tudo temporário. Depois conto mais. #vencendoocancer</i>

Indo de encontro aos relatos acima resta a publicação de Instagram 10: "*Não sei se com o tempo volta, li alguns relatos de pessoas que tinham passado por tratamento (algumas já a 9 anos) e ainda assim tem essa mesma dificuldade #VidaReal*".

Os comentários das publicações aqui analisadas seguem reforçando o estereótipo de guerreiras, apresentam, também, trocas de experiências entre pacientes oncológicas e alguns comentários remeteram, ainda, à temporalidade dos efeitos colaterais, algo apresentado pelas próprias participantes em suas publicações.

Quadro 50 – Demais efeitos corporais e comentários

Temática	Comentários recebidos
Estereótipo de guerreiras	<p>- Amém,vc é guerreira 😊😊😊 Recebido por Instagram 1</p> <p>- Mais que vencedora 🏆 - Recebido por Instagram 2</p> <p>- Eiiiiita que mulher guerreira... Exemplo a todos nós!!!! 🙌 Recebido por Instagram 4</p> <p>- é passageiro, Deus no comando da sua vida, você ja venceu guerreira, bom dia com alegria 🌟🙏🙏🙏 Recebido por Instagram 9</p> <p>- O senhor te recompensará guerreira - Recebido por Instagram 10</p>
Troca de experiências	<p>- Também fiquei assim... as dores diminuíram bastante com exercícios - Recebido por Instagram 1</p> <p>- Logo passa sim, passou por mim! vc vai conseguir. fiz 16 sessão. vou fazer radioterapia. o senhor está conosco - Recebido por Instagram 2</p> <p>- Ei bom dia!!! Meu protocolo tb tem a doxorubicina. Eu uso um infusor por três dias e os dois primeiros uso cisplatina. Nossa, como eu sinto enjôos, é muito mesmo. Minha imunidade tb cai.... Bjs e força. Que o Senhor te abençoe sem medidas!!!! 🧡🧡🧡🧡🧡 - Recebido por Instagram 4</p> <p>- Faz muito bem mais é tão doloridinha eu tomava na barriga....Deus ti ilumine 😊🙏 - Recebido por Instagram 7</p> <p>- Maravilhosa Mi!!! Seus relatos são sempre um conforto, a antiga e reconfortante sensação de que não estamos sozinhas. - Recebido por Instagram 8</p>

	<p>- Tbm passei por isso, passa rápido, qdo ver já foi tds estes efeitos 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌 - Recebido por Instagram 9</p> <p>- Comigo tb aconteceu o mesmo! Pra facilitar um pouco, faça exercícios com aquela bolinha de borracha... - Recebido por Instagram 10</p>
<p>Temporalidade dos efeitos</p>	<p>- Tudo isso vai passar logo meu amorzinho! 😊 - Recebido por Instagram 1</p> <p>- Tá acabando! Deus a abençoe. Estamos juntas nessa. Bjss 🙌🙌🙌🙌 - Recebido por Instagram 2</p> <p>- Foi o meu dia tb!! Agora é ter paciência com os próximos dias, né? Logo logo isso acaba! Parabéns pela sua força e seu sorriso!! Beeeijo amiga do peito 😊 - Recebido por Instagram 4</p> <p>- O melhor de tudo e saber que e temporário. Estamos juntas!!! - Recebido por Instagram 9</p>

4.4.2 Cuidados com o corpo

O desgaste físico decorrente do agressivo tratamento contra o câncer provoca transformações corporais consideráveis, como as abordadas aqui anteriormente, de tal forma que muitas pacientes recorrem a outras alternativas de cuidados, para além do protocolo de tratamento, em busca de um maior bem-estar.

As práticas de cuidado que possuem para com seus corpos transcendem o protocolo médico, fazendo parte do itinerário terapêutico de cada uma. Dois tipos distintos de cuidados dedicados aos seus corpos foram identificados nas narrativas aqui analisadas. Um tipo em que a saúde física é o foco principal, se configurando como um cuidado com a saúde do corpo, utilizando-se de estratégias, como alimentação e prática de exercícios físicos, que visam a saúde de seus corpos. O outro tipo de cuidado constatado, por meio das postagens das participantes, diz respeito a cuidados estéticos com seus corpos, ao seu embelezamento.

Na sociedade contemporânea, o binômio saúde-beleza vem se consolidando e cuidar do corpo, mesmo para as pessoas saudáveis, se tornou algo indispensável. Esses cuidados se referem tanto à saúde do corpo em si como de sua estética, levando em conta que "a saúde também possui um padrão estético estabelecido, nos é apresentado como o caminho legítimo e seguro para a felicidade individual" (VILHENA et al., 2005, p.112).

Assim, influenciados pelo paradigma atual do binômio saúde-beleza e a fim de facilitar a apresentação de nossas análises referentes aos cuidados corporais encontrados no itinerário terapêutico das participantes, dividimos essa seção em duas subcategorias: saúde do corpo e beleza do corpo.

4.4.2.1 Saúde do corpo

Entre as dez participantes desta pesquisa, seis compartilharam publicações dedicadas a práticas de cuidados com a saúde de seus corpos. Este cuidado se evidenciou por meio de postagens acerca de alimentação saudável, prática de exercícios e uso de métodos alternativos para auxiliar no alívio dos sintomas do tratamento.

Cinco participantes compartilharam postagens acerca de seus cuidados com a alimentação. As imagens publicadas puseram em destaque fotos de alimentos considerados saudáveis, como frutas, verduras e sucos verdes. Com exceção de *Instagram* 10, todas as outras usuárias que publicaram sobre alimentação não apareceram nas fotos. Já a imagem publicada de *Instagram* 10 se torna curiosa e mesmo paradoxal. A usuária aparece rindo, segurando uma bandeja de alimentos considerados saudáveis, mas portava, abaixo do queixo, uma máscara que a protege devido à fragilidade de sua saúde.

Figura 71 – Cuidados com o corpo
Instagram 10



Fonte: *Instagram* (2017)

É perceptível que as publicações que abordam os cuidados com alimentação seguem certa semelhança tanto na imagem, como em suas legendas.

Figura 72 – Cuidados com o corpo
Instagram 6



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 73 – Cuidados com o corpo
Instagram 7



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 74 – Cuidados com o corpo *Instagram 9*



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 75 – Cuidados com o corpo *Instagram 9*



Fonte: *Instagram* (2017)

Outros tipos de práticas de cuidado com a saúde do corpo se fizeram presentes por meio de publicações acerca da importância da atividade física ou da utilização de tratamentos alternativos, como acupuntura.

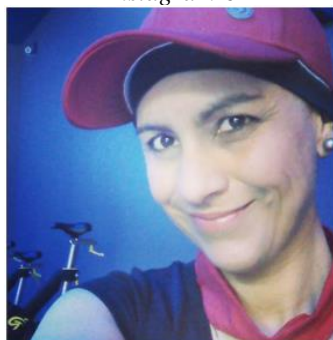
Instagram 3 e *6* falaram sobre atividade física e apresentaram suas publicações acompanhadas de fotos suas nos locais em que praticam pilates e musculação, respectivamente. Já *Instagram 7* escolheu uma imagem em que as agulhas usadas para seu tratamento de acupuntura aparecem em destaque, não revelando seu rosto em totalidade

Figura 76 – Cuidados com o corpo
Instagram 3



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 77 – Cuidados com o corpo
Instagram 6



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 78 – Cuidados com o corpo
Instagram 7



Fonte: *Instagram* (2017)

As participantes apresentam claramente em suas legendas o tipo de cuidado com o corpo que praticam e os benefícios e/ou funções destes, como podemos notar na tabela a seguir.

Quadro 51 – Cuidados com o corpo e seus benefícios

Participantes	Tipo de cuidado	Benefícios/funções
<i>Instagram 1</i>	Consumir tâmaras	<p><i>"ela é ótima pra anemia pois possui um elevado teor mineral, que é benéfico para muitas condições de saúde diferentes, mas os seus níveis impressionantes de Ferro torná-los um suplemento dietético perfeito para pessoas que sofrem de Anemia. O alto nível de Ferro equilibra a inerente falta de Ferro em pacientes anêmicos, aumenta a energia e força, enquanto diminui a sensação de fadiga e lentidão....Além desses existem outros benefícios da tâmara de forma resumida:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• Reduz pressão arterial</i> <i>• Melhora a saúde dos ossos</i> <i>• Alivia a prisão de ventre</i> <i>• Trata anemia</i> <i>• Trata acne</i> <i>• Energética</i> <i>• Previne resfriados</i> <i>• Alivia inflamações"</i>
<i>Instagram 3</i>	fazer pilates	<i>"trabalha respiração, equilíbrio, força, concentração, flexibilidade, enfim, corpo e mente em harmonia."</i>
<i>Instagram 6</i>	beber suco verde	<i>"Saúde no copo com suco verde"</i>

<i>Instagram 6</i>	Malhar	"queimar as células ruins."
<i>Instagram 7</i>	Acupuntura	"Foi essencial para amenizar os efeitos colaterais da quimioterapia (principalmente náuseas e diarreias), auxiliou no aumento da imunidade e, associada à terapia com psicóloga, ajudou demais a equilibrar as emoções!"
<i>Instagram 7</i>	beber suco verde	"Minha nutricionista me ensinou que ele ajuda o meu fígado (que está [ou estava, vamos ver no PET-CT! 🤖] com dois tumores, como vocês lembram) a se recuperar. Além disso, possui propriedades antioxidantes, que deixam nosso corpo mais alcalino, onde as celular doentes não conseguem sobreviver."
<i>Instagram 9</i>	comer jabuticaba	"A Jabuticaba é uma fruta maravilhosa; de baixa caloria e baixo teor de carboidratos, tem grande quantidade de vitamina C e outras, além de minerais como potássio, ferro e outros. É rica em fibras, tem propriedades antioxidantes, anticancerígenas e combate os radicais livres."
<i>Instagram 10</i>	ter uma dieta saudável	"Ter uma atitude positiva e amorosa em relação a si e aos outros, uma dieta saudável e equilibrada é a combinação para uma vida produtiva, saudável e feliz."

Por meio da análise dos dados textuais destas postagens, revelou-se que estas reproduzem o discurso biomédico dominante acerca da importância do autocuidado e da vigilância de seus corpos, compartilhando, assim, prescrições reguladoras de condutas (como alimentação e da prática de exercícios) em busca de uma saúde melhor.

Estas postagens não se limitam, portanto, a serem relatos de suas rotinas de cuidados. Suas legendas, ao reproduzirem o discurso biomédico, indicam que as participantes consideram que tais publicações possuem utilidade para seus seguidores, servindo como dicas e alertas para a sua audiência.

O intuito de ser uma publicação "útil" se evidenciou de maneira literal em algumas postagens analisadas, como nas de *Instagram 6* e *7*, nas quais escrevem para seus seguidores a receita de seus sucos. Também na de *Instagram 1* que, após listar os diversos benefícios de consumir tâmaras, finaliza seu texto com um "fica a dica!". Já *Instagram 7* escreveu entre suas

hashtags "#dicaLD"(LD são as iniciais de seu *Instagram*). *Instagram* 6 também traz sua dica de maneira explícita em sua legenda: "*Quimioterapia e malhação combinam e se completam no tratamento!!! Fica a dica!!!*".

A disseminação dessas prescrições para uma melhor saúde também foi expressa por meio de conselhos, alguns deles utilizados de formas repetidas entre as participantes, como nas publicações de *Instagram* 9 e 10:

Instagram 10: "*Que seu remédio seja o seu alimento, e que seu alimento seja o seu remédio*"

Instagram 9: *#queseuremediosejaseualimento #queseualimentosejaseuremedio*

Estas dicas e conselhos relativos aos cuidados com o corpo, em alguns casos, se apresentaram de maneira bastante universal e com cunho taxativo, servindo quase como um "alerta" aos seguidores. Isto se evidenciou, por exemplo, com a postagem de *Instagram* 3 que finalizou sua publicação sobre os benefícios do pilates em sua vida com a seguinte frase: "*P.s. O sedentarismo que não te engorda, te mata (ou faz as duas coisas)*". Este tom de alerta e de prescrição universal também transpareceu na postagem de *Instagram* 7, que após revelar todos os benefícios do suco verde que consome diariamente, diz que "*Este deve ser um hábito de todos, independentemente de ter ou não câncer, pois também ajuda na PREVENÇÃO!*"

O uso de uma linguagem técnica, claramente amparada no discurso biomédico, também foi encontrado, seja na descrição de benefícios de um alimento, como feito por *Instagram* 9, ou como na postagem de *Instagram* 1: "*De acordo com uma pesquisa médica feita nos EUA, A Tâmara é útil na prevenção do câncer abdominal. ...*" e de *Instagram* 7 que, após falar dos benefícios de sua acupuntura, indica: "*Converse com seu médico sobre essa maravilha e, se autorizado, sempre procure um profissional sério, que use material estéril e descartável! 😊*".

Estas publicações reproduzem o discurso biomédico dominante e a vigilância dos corpos em nossa sociedade. Como nos indica Bruno (2013), tal fenômeno se naturaliza em forma de cuidado, tornando-se a chamada vigilância distribuída que, muitas vezes, acontece como efeito secundário de alguns dispositivos que inicialmente tem outra função, como a comunicação. Esta vigilância convoca a todos a estarem sempre em alerta, exercendo uma "vigilância preventiva", incitando a pessoa a se cuidar, se prevenir, bem ilustrado nas *hashtags* inseridas ao final da publicação de *Instagram* 10, como: #CuideSe #AlimenteSeBem#MudeSeusHábitos.

Por outro lado, segundo a autora, há uma culpabilização da pessoa que não exerce essa vigilância de si, o que encontramos na postagem de *Instagram* 3 que, após revelar que antes do câncer se encontrava em sedentarismo, se culpabiliza ao dizer acreditar ter influenciado em seu adoecimento:

Esqueci que eu tinha um corpo e uma mente pra cuidar. Sempre deixava pra depois. Falta de exercício físico, estresse, noites mal dormidas, péssima alimentação fertilizaram bem o terreno para o surgimento do meu câncer. (Claro que eu não sei se essa foi a causa, mas desconfio que tenha imensa contribuição). Com o câncer veio o despertar e comecei a procurar algo que eu gostasse pra movimentar este corpinho sensual.

Estas publicações, apesar de serem diretamente endereçadas aos seguidores, suscitaram um menor número de comentários dos internautas que em outros tipos de publicações aqui já abordadas.

Encontramos nestas publicações muitos comentários que consistiam em troca de experiência entre as participantes, como, por exemplo, *Instagram 6* publicou a receita de seu suco verde e recebeu um comentário "*Hiper saudável. Eu uso tudo isso + espinafre..bom domingo..*". Já *Instagram 7* após abordar sua acupuntura, recebeu como comentário de uma seguidora "*Eu morria de medo, mas fiz uma época e amei! Saía quase dormindo, é muito bom!*"

Outros comentários reforçam a manutenção dessa vigilância dos corpos por meio de hábitos saudáveis, como o recebido por *Instagram 10* "*Show de bola! Dedicção que vale e dá sensação de dever cumprido!*".

Constatou-se, ainda, a presença de comentários que reforçam a ideia de que essas postagens são informativas, haja vista o *feedback* de seguidores como o recebido por *Instagram 7* "*Adorei as informações, obrigada!*" e o recebido por *Instagram 1* "*Não sabia... tive anemia fortíssima durante a quimioterapia, mesmo sendo acompanhada por nutricionista os níveis baixaram demais. Mas acabou, Graças a Deus...Tudo se renova 🙏🏻*".

4.4.2.2 Beleza do corpo

Apesar das transformações corporais inerentes ao tratamento e do inevitável desgaste físico, constatamos que todas as participantes dedicam certo esforço a fim de esmaecer as desfigurações corporais ocasionadas pelo tratamento, buscando, assim, a manutenção de um corpo belo. A unanimidade de postagens acerca da beleza do corpo entre as participantes evidencia a temática como relevante para as usuárias. Assim sendo, a beleza se fez denominador comum entre as pacientes com câncer de mama que narram suas histórias no *Instagram*.

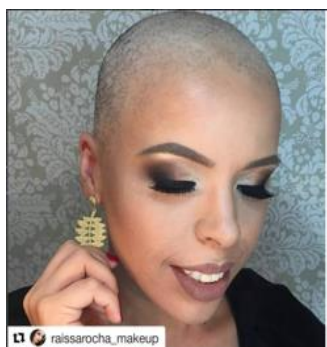
Essas publicações nos apontam que há um imperativo estético a ser seguido, mesmo em situação de adoecimento. Uma vez que "a feiúra é atualmente uma das formas mais presentes de exclusão social feminina" (NOVAES e VILHENA, 2003, p.9), a preocupação com a beleza de seus corpos recebe destaque e se faz presente durante seus adoecimentos.

Assim, a questão da beleza, enquanto reflexão ou uma prática de cuidado, foi contemplada em publicações de todas as participantes de nossa pesquisa. Todas as usuárias aqui em questão dedicaram ao menos uma publicação, às vezes mais de uma, para assuntos relacionados à beleza de seus corpos. Talvez a impossibilidade de se encaixarem nos padrões de beleza estabelecidos leve todas a abordarem o assunto.

Trouxemos aqui, então, postagens em que a questões referentes à beleza fossem contempladas por suas imagens e textos. As imagens que compõem as publicações em que a beleza de seus corpos, ou o embelezamento destes, é evidenciado, variou entre as participantes. Há fotos com lenços, com carecas à mostra, sozinhas, acompanhadas, fotos amadoras e até foto produzida por fotógrafo profissional. Entretanto, todas participantes compartilharam fotos em que aparecem se apresentando como seres estéticos, com corpos que merecem ser reconhecidos enquanto belos ou, com mais frequência, corpos que merecem ser embelezados.

Algumas participantes publicaram fotos em que haviam sido maquiadas por profissionais e compartilham a experiência como algo positivo.

Figura 79 – Beleza e *Instagram* 1



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 80 – Beleza e *Instagram* 8



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 81 – Beleza e *Instagram* 10



Fonte: *Instagram* (2017)

Outras participantes trouxeram a questão da perda da sobrancelha como tema. *Instagram* 5 publicou uma foto sua sorridente após ter feito micropigmentação em sua sobrancelha e *Instagram* 7 compartilhou sua estratégia para disfarçar sua falta de sobrancelha em decorrência do tratamento. Ambas trazem cuidados estéticos para disfarçar um efeito colateral da quimioterapia, a alopecia.

Figura 82 – Beleza e
Instagram 5



Fonte: *Instagram* (2017)

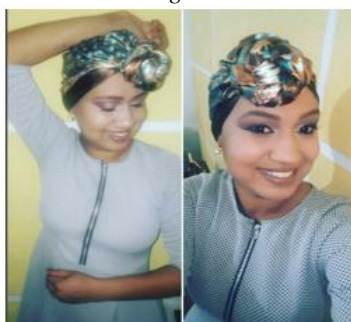
Figura 83 – Beleza e
Instagram 7



Fonte: *Instagram* (2017)

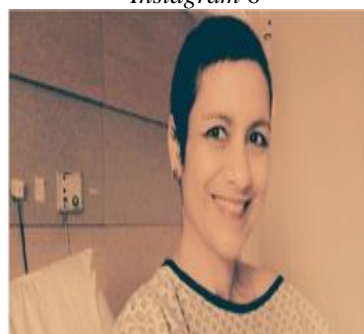
Outras quatro participantes, *Instagrams 2, 4, 6 e 9*, publicaram fotos suas sozinhas, com rosto em destaque e utilizaram de recursos de embelezamento como lenços e maquiagens, abordando, em suas legendas, o assunto da beleza e de cuidados, apesar do tratamento.

Figura 84 – Beleza e
Instagram 4



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 85 – Beleza e
Instagram 6



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 86 – Beleza e
Instagram 9



Fonte: *Instagram* (2017)

Figura 87 – Beleza e
Instagram 2



Fonte: *Instagram* (2017)

A postagem de *Instagram 3* remete ao filme ganhador do Oscar, *Beleza Americana*, de 1999. O nome deste filme em inglês é *american beauty*, fazendo referência ao nome de um tipo de rosa cultivada nos EUA que não possui nem perfume, nem espinhos, sendo valorizada

unicamente por sua estética. O nome se torna uma metáfora para várias questões de nossa sociedade atual (VILLAS BOAS, 2017).

Figura 88 – Beleza e Instagram 3



Fonte: Instagram (2017)

Figura 89 – Beleza Americana



Fonte: Google Imagens (2017)

Oito das dez participantes compartilharam publicações em que assumiam ter feito uso de algum recurso de embelezamento, como uso de maquiagem ou de acessórios, como lenços, e expressaram o efeito positivo que isto evoca nelas. O uso de maquiagem como recurso de embelezamento foi o mais compartilhado entre as usuárias, conforme ilustrado no quadro a seguir.

Quadro 52 – Recurso de embelezamento e efeito relatado

Participante	Recurso de embelezamento	Efeito relatado
Instagram 1	Maquiagem feita por profissional	<i>Apaixonada por essa make.</i>
Instagram 4	Maquiagem	<i>Dia de make, dia de dar um up no astral e se admirar 😊</i>
Instagram 5	Micropigmentação nas sobancelhas	<i>Olha as Sombrancelhas novas!!! Adorei.. 😊</i>
Instagram 6	Nova prótese mamária	<i>a alegria dos "novos peitões".</i>
Instagram 7	Maquiar as sobancelhas	<i>Um viva a maquiagem! 🌸🌸🌸</i>
Instagram 8	Maquiagem feita por profissional	<i>que chique! 🌹</i>
Instagram 9	Lenço novo	<i>Completamente apaixonada por esse lenço 😊😊</i>
Instagram 10	Maquiagem feita por profissional	<i>me deixou muito feliz.</i>

Outras usuárias abordaram em suas publicações efeitos advindos do tratamento que ocasionaram transformações corporais impactando na beleza de seus corpos. Assim, elas compartilham suas estratégias de adaptação frente às modificações corporais, como: aceitação de um novo conceito de beleza, pintar a sobrancelha, usar lenços e acessórios, conforme ilustrado a seguir.

Quadro 53 – Estratégias de adaptação

Participante	Efeito tratamento	Recurso para adaptação
<i>Instagram 2</i>	perda do cabelo	Refletir sobre o conceito de beleza: "Nesse momento você tem uma escolha chorar e sofrer pela falta, pq cabelo faz falta sim ou se adaptar nessa nova fase, porque beleza vai muito mais além do cabelo!"
<i>Instagram 5</i>	perda da sobrancelha	Fazer micropigmentação nas sobrancelhas: "Olha as Sombrancelhas novas!!! Adorei.. 😊"
<i>Instagram 7</i>	perda da sobrancelha	Pintar as sobrancelhas: "E aí, depois de muito treino e com a maquiagem correta, desenho minha sobrancelha e dou uma disfarçada nos cílios com delineador! 😊😊😊"
<i>Instagram 9</i>	perda dos cabelos	Usar acessórios: "Quando eu tinha cabelo quase não usava acessórios... Agora a falta dele me obriga 😊 Mesmo assim, tô adorando essa fase "camaleãozinho" rs, a cada lenço novo uma cara nova 😊😊😊"

As participantes demonstram ter consciência de que muitas alterações corporais que estão sofrendo são temporárias. Assim, metade das usuárias esclarecem aos seguidores, de uma maneira direta ou discreta, que esta situação se trata apenas de uma fase, de algo que irá passar, enfatizando a temporalidade das alterações corporais, como podemos notar a seguir:

Quadro 54 – Temporalidade

Participantes	Relato acerca da temporalidade
<i>Instagram 2</i>	<i>ou se adaptar nessa nova fase,</i>

<i>Instagram 4</i>	<i>Todo deserto tem seu fim !</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>Daqui a pouco eles estão aí de volta! 🙄🙄🙄🙄</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>ô adorando essa fase "camaleãozinho" rs</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>Essa fase irá passar, pois Ele tudo sabe e tudo pode. 🙄🙄🙄</i>

Suas escritas são claramente direcionadas aos internautas, se evidenciando por meio de suas dicas e conselhos, como: dica de maquiadora, de como se portar na situação, da marca do lápis utilizado para se maquiar, como o quadro a seguir ilustra:

Quadro 55 – Beleza e dicas

Participantes	Dicas
<i>Instagram 1</i>	Trabalho da maquiadora profissional: "Super indico pra quem mora em Goiânia!"
<i>Instagram 2</i>	Como se portar: "Você sempre terá uma escolha ser vítima ou um vencedor"
<i>Instagram 4</i>	Como se portar: "Ame- se!"
<i>Instagram 7</i>	Lápis para maquiar sobrancelhas: "Esse lápis é o Goof Proof Brow Pencil da @benefitbrasil comprado na @sephorabrasil . 🙄"
<i>Instagram 10</i>	Como se portar: "queria dizer a você que está passando pelo tratamento, assim como eu passei, que não se deixe desanimar, mantenha-se sempre linda. Coloque seu lenço mais bonito, passe aquele batom bem forte e vá viver sua vida, seja feliz hoje, viva o agora, entregue-se nas mãos de Deus, confie em seu Poder e tenha Fé. Essa fase irá passar, pois Ele tudo sabe e tudo pode. 🙄🙄🙄... #PrevinaSe #AmeSe #CuideSe"

Mais da metade das usuárias utilizaram *hashtags* que remetiam diretamente a questões concernente à beleza para comporem os textos de suas publicações e melhor expressarem os conteúdos de suas postagens. Algumas se repetiram, como: #alemdocabelo #quimioterapiaebeleza #lencododia

Quadro 56 – Beleza e Hashtags

Participantes	Hashtags
<i>Instagram 2</i>	#alemdocabelo

<i>Instagram 5</i>	<u>#quimioterapiadebeleza</u>
<i>Instagram 7</i>	<u>#lencododia #quimioterapiaebeleza #quimioebeleza #instafashion #beleza #makeup #make#maquiagem #sobrancelha #nohair#mulherescarecas #carecabonita</u>
<i>Instagram 8</i>	<u>#quimioterapiaebeleza</u>
<i>Instagram 9</i>	<u>#lencododia #turbante #lookdodia#mulherescarecas #style#mulheresdelencço #alemdocabelo</u>
<i>Instagram 10</i>	<u>#AutoEstima #refugiorosa #lencododia</u>

Os comentários recebidos nestas publicações se referem à beleza das participantes. Nove das dez mulheres aqui em questão, apesar de terem compartilhado publicações diferentes, com imagens diferentes, mas com o denominador comum da beleza, receberam comentários bastante similares, como mostrado a seguir:

Quadro 57 – Beleza e comentários

Recebido por	Comentário recebido
<i>Instagram 1</i>	<i>Linda!</i>
<i>Instagram 2</i>	<i>Muito linda, estamos juntas, já vencemos em nome de Jesus! ♡</i>
<i>Instagram 3</i>	<i>Linda</i>
<i>Instagram 4</i>	<i>Lindaaa! 😊😊👏</i>
<i>Instagram 5</i>	<i>Lindaaaaa 🐱👏👏👏</i>
<i>Instagram 7</i>	<i>Linda !!</i>
<i>Instagram 8</i>	<i>Vai ficar ainda mais linda</i>
<i>Instagram 9</i>	<i>Liinda ;)</i>
<i>Instagram 10</i>	<i>Linda...!!! Arrasou!!! 😊👏👏</i>

As postagens aqui analisadas nos conduziram a pensar sobre a obrigatoriedade de ser bela sob quaisquer circunstâncias, evidenciado na legenda de *Instagram 6* que, após ser internada no hospital devido a uma infecção, posta uma foto sua e escreve "*internada e maquiada!! Nada de relaxar, não to morrendo...kkkk...*". Assim, os cuidados com a beleza se apresentam como algo a ser levado a sério, como se a sua falta fosse justificada apenas em caso extremo, de morte.

A falta da beleza também foi levada ao extremo por *Instagram* 7 que, após escrever sobre a perda de suas sobrancelhas e seu truque de maquiagem para disfarçar, afirma "*A gente perde o cabelo, mas não perde a dignidade, né? Hahahaha...*".

Assim, seus discursos apontam para a obrigatoriedade da beleza, sendo a mulher coagida a se embelezar para se tornar digna, podendo esta se eximir de suas atribuições estéticas somente em caso de morte. De tal modo que todas as participantes da pesquisa buscaram, em suas postagens, atender as normas de beleza. Sendo a beleza, então, apresentada como um dever cultural e moral (NOVAES e VILHENA, 2003).

Segundo Sibilía (2015), o corpo é constantemente submetido às mais diversas estratégias a fim de cultivar uma boa aparência. Com efeito, denotamos, entre as participantes, que estas se utilizaram dos mais diversos recursos, dentre os quais, principalmente, o uso da maquiagem e acessórios para o embelezamento. Assim, observamos a repetição de padrões normativos de gênero entre as participantes, que procuram ocultar traços da doença de modo a se encaixarem, tanto quanto possível, no padrão de beleza vigente.

Portanto, pode-se dizer que a experiência do câncer de mama é formatada por normas de beleza e consumo, conduzindo mulheres a assumirem a obrigação em serem belas, “normais” e ocultarem os sinais da doença em seus corpos. Há, portanto, uma coerção ao otimismo e ao embelezamento, conforme já apontado por Pitts (2004). Estes recursos e estratégias para a modelagem de uma boa aparência, é, segundo Novaes e Vilhena (2003), permeada por uma carga ideológica que enaltece a lógica de consumo.

Assim, por um lado, estas narrativas autobiográficas podem burlar os padrões vigentes e gerar empoderamento entre as mulheres ao, por exemplo, negociarem um novo tipo de beleza, expondo suas carecas; por outro lado, estas mesmas narrativas reafirmam normas acerca de estereótipos femininos, consumismo e individualismo (BOER; SLATMAN, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nos propusemos a investigar de que forma o adoecimento de câncer de mama vem sendo narrado no âmbito da rede social virtual *Instagram*. Esta pesquisa teve, portanto, como objetivo identificar os elementos e os contornos que compõem as narrativas de adoecimento de câncer de mama no *Instagram*, de modo a contribuir para os estudos de psicologia social e da saúde. Com isto, a partir da análise do panorama sócio-histórico, por meio de uma postura crítica, intentamos discutir de que modo as mulheres adoecidas estão se representando na Web, especificamente na aludida rede social.

A metodologia adotada nos possibilitou imergir nos detalhes das narrativas produzidas pelas participantes acerca do adoecer de câncer de mama no *Instagram*, por meio da análise de textos e imagens, além de suas autodescrições contidas nas Bios e a recepção dos outros internautas a estas publicações, manifestadas por meio de comentários nas publicações das participantes. Ao utilizarmos a análise de conteúdo, foi possível a identificação de padrões narrativos recorrentes, o que possibilitou o agrupamento das publicações em duas grandes áreas temáticas. Escolhemos, assim, realizar uma pesquisa de cunho primordialmente exploratório, buscando a análise dos repertórios utilizados por mulheres diagnosticadas com câncer de mama em suas narrativas no *Instagram*. A partir disto, pudemos inferir, por meio de análise crítica, a forte influência que os paradigmas traçados pela Era Web ou Era Digital exercem sobre as narrativas produzidas pelas participantes.

Os questionamentos iniciais que permearam nossa pesquisa buscaram problematizar a inserção de tais narrativas na plataforma *Instagram*. Deste modo, propusemos: o que as mulheres diagnosticadas com câncer de mama estavam publicando na *web*, mais especificamente no *Instagram*? Por qual motivo o perfil público do *Instagram* de uma mulher adoecida, que enfrenta rotinas especiais de cuidado, sintomas severos e drásticas mudanças no corpo, exibe fotografias felizes e evidenciando sucesso pessoal?

Inicialmente, no intuito de elucidar tais questionamentos traçados, partimos para o campo de pesquisa. Investigamos, para tanto, as contas, no *Instagram*, de dez mulheres diagnosticadas com câncer de mama, as quais estavam narrando, ou haviam narrado, por meio dessa rede social, suas histórias acerca do adoecer. Neste âmbito, diante da análise das Bios das participantes, isto é, suas autodescrições, e de suas publicações (imagens, legendas e comentários), pudemos identificar diversos padrões narrativos, permitindo dividi-los em duas grandes áreas temáticas: 1) Trajetória de tratamento, revelando o percurso clínico da paciente, contemplando publicações acerca da revelação do diagnóstico, tratamentos usuais

(quimioterapia, radioterapia, mastectomia) e remissão da doença; 2) Trajetória do corpo, agrupando publicações em que o corpo da paciente oncológica recebe destaque, seja por meio das transformações corporais advindas do tratamento ou pelos cuidados dedicados à saúde e beleza.

Pudemos inferir, a partir do material de análise, que reside, entre as participantes, um forte imperativo de felicidade no ambiente virtual do *Instagram*. Tal imperativo, fruto do atual contexto sócio-histórico, profundamente influenciado pela lógica do consumo e da mercadoria, nos transforma em seres estéticos, cujos traços marcantes são o narcisismo exacerbado e o esforço performático direcionado à aparência de sucesso e felicidade, características que levaram Lipovetsky e Serroy (2015) a denominar o atual cenário de sociedade do hiperespetáculo.

Com efeito, mediante extensiva análise das publicações das participantes, observamos que, na grande maioria dos casos, os efeitos nefastos causados pelo tratamento do câncer de mama são evitados, ou mesmo ocultados, das narrativas das participantes. Como relatado no capítulo anterior, não rareiam os estudos que atestam a patente negatividade que o diagnóstico e os efeitos adversos do tratamento infligem sobre as pacientes acometidas por câncer de mama. Muito embora os referidos estudos tenham demonstrado que os efeitos colaterais e os sintomas abalam significativamente as pacientes, observamos que, na grande maioria das postagens, as participantes demonstram semblantes sorridentes, portando-se esperançosas e aparentemente felizes nas fotos publicadas, sem abordar – salvo raríssimas exceções – os severos sintomas que lhes acometem. As participantes se representam, portanto, no *Instagram*, através de uma postura otimista e feliz, mesmo diante do quadro clínico severo, o que é constantemente reforçado pelos demais internautas, por meio dos comentários analisados.

Tais representações de si nos indicam um fenômeno, advindo da sociedade de consumo e do que se denominou de capitalismo artista que, como abordado no segundo capítulo, se transveste na tendência de mercado em vender um produto: a felicidade. Neste aspecto, o ideal de felicidade atrelado ao ideal de vida “vitoriosa”, atinge, aqui, um grande paradoxo: uma exigência de sermos felizes mesmo diante de grandes adversidades, como, por exemplo, o acometimento de uma grave enfermidade, como o câncer de mama.

Assim sendo, as narrativas acerca do adoecer do câncer de mama são inegavelmente influenciadas pelo contexto em que estão inseridas e, por conseguinte, pelo imperativo de ser (ou parecer) feliz. As histórias do adoecer das dez participantes apresentaram semelhanças e dissonâncias entre si, porém, pudemos identificar um reduto em que a tristeza não pode

despontar, possivelmente porque esta não é bem quista em nossa sociedade e, possivelmente, não geraria “curtidas” ou comentários.

No papel de narradores, o desejo da plateia – no presente caso, os internautas – deve ser sempre a pedra de toque da narrativa, o que denota um padrão de narração alterdirigido, destinado primordialmente ao olhar do outro. Identificamos, assim, que as publicações produzidas pelas participantes, dentro do contexto exposto, eram constantemente validadas pelos usuários, que, por meio dos comentários, reafirmavam o estereótipo de “guerreiras”. Inferimos que a expectativa em relação a uma postura forte e otimista das participantes pode conduzi-las a ocultar muitos aspectos negativos da doença, levando-as a silenciarem suas dores.

Outrossim, pudemos observar que as participantes, em suas publicações, mantiveram a representação feminina seguindo o padrão heteronormativo, fazendo uso de cores e símbolos supostamente do universo feminino, como laços rosas, corações, flores, entre outros, e se apresentando embelezadas e maquiadas, quase na totalidade das imagens publicadas. De tal modo, transparece, assim, um aparente dever moral de se apresentarem belas ao seu público, comportando-se, portanto, como os seres estéticos e performáticos, frutos do capitalismo artista e de uma sociedade predominantemente binária em termos de gênero.

Identificamos, igualmente, a reprodução do discurso biomédico atual atinente ao conceito de saúde e aos cuidados com o corpo e vigilância deste. Muitas participantes expuseram dicas e recomendações de práticas de atividades físicas e consumo de produtos destinados à manutenção de uma boa saúde corporal, o que evidenciou a reprodução do poder do discurso biomédico em suas publicações.

Procuramos, ao longo desta dissertação, incitar um juízo crítico, de modo que a pesquisa ganhasse um viés provocativo. A partir dos resultados colhidos, pudemos identificar que as diretrizes de um modelo social baseado na ode ao consumo e à mercadoria, no qual emerge uma excessiva demanda à felicidade e ao sucesso pessoal, aparecem visíveis nos repertórios das publicações das mulheres diagnosticadas com câncer de mama que compartilham sua rotina de tratamento no *Instagram*.

Observamos que a influência do ideal de felicidade permeia a interação social na rede. Mesmo que inseridas num contexto adverso, e de revelarem os detalhes da trajetória do tratamento, as narrativas das participantes, paradoxalmente, reproduzem e reforçam os padrões ditados pelo capitalismo artista, em que é imperativo parecer belo e feliz. As participantes, enquanto narradoras da Era Digital, seguem a forte tendência de se portarem como seres estéticos e performáticos, buscando não uma representação fidedigna de si, mas, ao contrário, uma performance, isto é, uma representação fictícia de si próprias, atrelada ao ideário do

imperativo de felicidade e do sucesso pessoal. O “parecer” toma o lugar do “ser”, e a vida virtual, como preconizou Lipovetsky e Serroy (2015), se transforma numa peça, encenada num imenso palco, em que estrela um hiperespetáculo.

À guisa de conclusão, é inegável que as narrativas do adoecer de câncer de mama na Era Digital diferem de outrora. A enfermidade não é mais escondida nem vivida na esfera do privado, ao contrário, é compartilhada minuciosamente com milhares de pessoas diariamente. Ademais, dados os avanços nos tratamentos, o diagnóstico não é mais necessariamente encarado como uma sentença de morte, mas como algo a ser vivido e vencido. Já algumas transformações corporais, como a careca, adquirida em virtude da quimioterapia, nem sempre é ocultada por meio de recursos como lenços e perucas, ao contrário, é exposta e, muitas vezes embelezada.

Vislumbramos, então, que o *Instagram* poderia ser uma ferramenta de apoio social, de exercício de sororidade, um rico ambiente para troca de experiências entre pacientes oncológicas, questionando o poder biomédico, os padrões de beleza e as normas de gênero heteronormativas. Porém, nossas análises nos levam a crer que há apenas um movimento muito tímido neste sentido. As publicações aqui analisadas se mostraram, em sua grande maioria, inseridas na lógica da sociedade do hiperespetáculo, sendo reforçadoras de estereótipos acerca da mulher com câncer de mama, devendo esta ocultar suas dores e se apresentar, primordialmente, feliz, bela e otimista. Tal cenário nos indica que estamos todos, sadios ou enfermos, sob a forte influência da lógica da sociedade em que estamos inseridos, reproduzindo, sem muito criticismo, os padrões aí existentes.

REFERÊNCIAS

- A.C. CAMARGO CENTER. **Os efeitos da radioterapia na pele**. Disponível em: <<http://www.accamargo.org.br/saude-prevencao/artigos/os-efeitos-da-radioterapia-na-pele/165/>> Acessado em: 11 nov. 2017.
- ALBUQUERQUE, G. A.; OLIVEIRA, M.A.; MAIA, E. R. Câncer, mulher e sexualidade: uma trajetória histórica marcada por impactos e desafios. **Revista Saúde.Com**, v.6, n.2, p.160-173, 2010.
- ALMEIDA, P. L. **A feminilidade atravessada pela doença**: A imagem corporal da mulher com câncer de mama, 2009. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ANJOS, A.C.Y.; ZAGO, M. M. F. A experiência da terapêutica quimioterápica oncológica na visão do paciente. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 33-40, 2006.
- ARAÚJO, I. M.; FERNANDES, A.F.C. O significado do diagnóstico do câncer de mama para a mulher. **Esc Anna Nery Revista Enferm**. v. 12, n. 4, p. 664-71, 2008.
- AUMONT, J. A imagem. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARBOSA, L. N. F.; FRANCISCO, A. L. A subjetividade do câncer na cultura: implicações na clínica contemporânea. **Revista da SBPH**, v. 10, n. 1, p. 9-24, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 1979.
- BARROS FILHO, C. d.; KARNAL, L. **Felicidade ou morte**. Campinas, SP: Papyrus 7 mares, 2016.
- BELL, S. Photo images: Jo Spence's narratives of living with illness. **Health: An Interdisciplinary Journal for the Social Study of Health, Illness and Medicine**. London, Thousand Oaks and New Delhi, v. 6, n.1, p. 5- 30, 2002.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1994.
- BOER, M.; SLATMAN, J. Blogging and breast cancer: narrating one's life, body and self on the Internet. **Women's Studies International Forum**. Pergamon, p.17–25, 2014.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. (Coleção Cibercultura). Porto Alegre: Sulina, 2013.

BURRIS, J.L., Armeson, K. and Sterba, K.R. (2015) A closer look at unmet needs at the end of primary treatment for breast cancer: a longitudinal pilot study, **Behavioural Medicine**, 41, 2, 69–76.

BURY, M. Chronic illness as biographical disruption. **Sociology of Health and Illness** v. 4, n.2, p. 167-182, 1982.

BURY, M. Illness narratives: fact or fiction? **Sociology of Health & Illness**. v.23, n. 3, p. 263-285, 2001.

Camargo, M. C.; Max, A. G. & Sasaki, T. (2000). **Reconstrução mamária**. Em: M. C. Camargo & A. G. Marx (Orgs). Reabilitação física no câncer de mama. São Paulo: Roca, p. 147-167.

CANTINELLI, F. E. et al. A oncopsiquiatria no câncer de mama – considerações a respeito de questões do feminino. **Revista de Psiquiatria Clínica**. São Paulo, v. 33, n.3 p. 124-133, 2006.

CORBELLINI, V. L. Câncer de mama: encontro solitário com o temor do desconhecido. **Revista gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v.22, n.1, p.42-68, 2001.

COUTO JUNIOR, D. R.; OSWALD, M. M. Cibercultura, juventude e escritas de si: colocando em questão a heteronormatividade. In: M. L. OSWALD, D. R; COUTO JUNIOR; K. WORCMAN, **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

CUNHA, S. M. **Percursos, enfrentamentos e apoios na convivência com o câncer de mama**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Antígona, 2012.

DIJK, T. A. Prefácio: o giro discursivo. In: IÑIGUEZ, L. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.9-14, 2004.

DUARTE, T. P.; ANDRADE, A. N. de. Enfrentando a mastectomia: análise dos relatos de

mulheres mastectomizadas sobre questões ligadas à sexualidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 155-163, 2003.

ENGEL, J. et al. Quality of life following breast-conserving therapy or mastectomy: Results of a 5-year prospective study. **Breast Journal**, v. 10, n.3, p. 223-231, 2004.

FERREIRA, M. L. S. M.; FRANCO, C. B.; QUEIROZ, F. C. Construindo o significado da mastectomia: experiência de mulheres no pós-operatório. **Revista Ciência Médica**, v.11(1), p. 47- 54, 2002.

FERREIRA, M. L. S.; MAMEDE, M. V. Representação do corpo na relação consigo mesma após mastectomia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, p. 299-304, 2003.

FERREIRA, S. **A nostalgia da imagem: o Instagram como tendência contemporânea**. Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura. CELACC/ECA- USP, São Paulo, 2013.

FERRO, L. Ao Encontro da Sociologia Visual. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, n.15, p. 373-398, 2005.

FLEWITT, R. (2013). Book review Paula Reavey (ed.), *Visual Methods in Psychology: Using and Interpreting Images in Qualitative Research*, Routledge: New York, 2011; 370 pp. **Visual Communication**, 2013, Vol.12(2), pp.243-249 [Periódico revisado por pares] SAGE Publications

FONTANELLA B.J.B., RICAS, J., TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.24, p.17-27. 2008.

FORTUNATO, L. A.; SANTOS, C. M.; MORALES, A. P.; RICARDO, E. V. Pacientes portadoras de câncer de mama, submetidas à radioterapia com acelerador linear e qualidade de vida. **Perspectivas online: biologia & saúde**. Campos dos Goyatazes, v.19 (5), p.53-62, 2015.

FRANK, A.W. **The wounded storyteller: Body, illness and ethics**. University of Chicago Press, 2013.

GIMENES, M.G.G. A teoria do enfrentamento e suas implicações para sucessos e insucessos em psicologia. In: Gimenes MG, organizadora. **A mulher e o câncer**. São Paulo: Psy II, 1997, p.111-147.

GIMENES, M.G.G. As diferentes fases de enfrentamento durante o primeiro ano após a mastectomia. In: Gimenes MG, organizadora. **A mulher e o câncer**. São Paulo: Psy II, 1997, p.173-195.

GOFFMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Ed: Coletivo Sabotagem, 2004.

GOMES, R.; SKABA, M.; VIEIRA, R. Reinventando a vida: proposta para uma abordagem sócio-antropológica do câncer de mama feminina. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.197-204, 2002.

GRASSI, L. Psychopathology and psychiatric disorders among breast cancer patients. **Minerva Psiquiátrica**, v. 46, n.2, p.105-117, 2005.

HOFFMAN, F.S; MÜLLER, M.C; RUBIN, R. A mulher com câncer de mama: apoio social e espiritualidade. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v.14, n.2, p. 143-150, 2006.

HOLLAND, J. C.; WEISS, T. R. History of psycho-oncology. In: HOLLAND, J. C. et al. (Ed.). **Psycho-oncology**. New York: Oxford, 2010, p.3-12.

HU, Y.; MANIKONDA, L.; KAMBHAMPATI, S. What We Instagram: A First Analysis of Instagram Photo Content and User Types. **Icwsn**, 2014.

HYDEN, L.C.: Illness and narrative. **Sociology of Health & Illness**. v. 19. p. 48-69, 1997.

INCA. (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva). **Tipos de Câncer**. Disponível em: <<https://goo.gl/5NbUEm>> Acesso em: 22 jun.2017.

INCA. (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva). **Incidência de Câncer no Brasil - estimativa 2016**. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/sintese-de-resultados-comentarios.asp>> Acesso em: 22 jun.2017.

INSTAGRAM. **Diretrizes da comunidade**. Disponível em: <https://help.instagram.com/477434105621119?helpref=faq_content> Acesso em: 05 fev.2017.

INSTAGRAM. **Política de privacidade**. Disponível em: <<https://help.instagram.com/155833707900388>> Acesso em: 11 nov. 2017.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa, Ed. 70, 2007.

JULIA, Lawton. Lay experiences of health and illness: past research and future agendas. **Sociology of health & illness**, v. 25, n. 3, p. 23-40, 2003.

KEEN, A. **Vertigem digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KELLNER, D. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC; 2011.

LAZARUS, R.S.; LAUNIER, R. Stress-Related Transactions between Person and Environment. In: PERVIN, L.; LEWIS, M. **Perspectives in Interactional Psychology**. Boston, MA. pp.287-327, 1978.

LIMA, A. F; JUNIOR, N. Apresentação sobre a(s) metodologia(s) de pesquisa em Psicologia Social Crítica. In: A. F. LIMA; N. JUNIOR, **Metodologia de Pesquisa em Psicologia Social Crítica**. Porto Alegre: Sulina, p. 7-12, 2014.

LIMA, E. G; SANTOS, E. M. Sintomas da escrita contemporânea: o sucesso mercadológico das autobiografias. In: M. L. Bastos, **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo**: Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.

LLOSA, M. V. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MACHADO JUNIOR, C.; FERREIRA, M.L. Fotografia, história e estudos sociais: propostas de interdisciplinaridade teórica aplicada à revista Careta. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. v.4, n.8, dezembro de 2012.

MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.13, n.1, p.133-174, 2005.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 73-98, 1996.

MCCUNE, Z. **Consumer Production in Social Media Networks: A Case Study of the "Instagram" iPhone App**, 2011. Dissertação em Modern Society & Global Transformation. University of Cambridge, Cambridge, 2011.

MCBRIDE, C. M. et al. Psychological impact of diagnosis and risk reduction among cancer survivors. **Psycho-Oncology**, v.9, n.5, p. 418-427. 2000.

MÉLLO, R; SILVA, A.; LIMA, M; PAULO, A. Construcionismo, Práticas Discursivas e possibilidades de pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia e Sociedade** v.19, p. 26- 32, 2007.

MÉLLO, R. Epistemologia, Pesquisa e Psicologia Social ou o que não tem nome nem nunca terá ou o arrebatador que vem de qualquer lugar e avança sem ponderar. In: M. R. SOUZA, P. OLIVEIRA; P. PIANI, **Psicologia: políticas, formação, profissão e pesquisa**. Belém: Paka-Tatu, p. 15-29, 2012.

MENEZES, N. N. T.; SCHULZ, V. L., & PERES, R. S. Impacto psicológico do diagnóstico do câncer de mama: Um estudo a partir dos relatos de pacientes em um grupo de apoio. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.17, n.2, p.233-240, 2012.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento :pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec,1992.

MONTIEL, D. E. ¿ De quién es este blog? Identidad, textos (auto)biográficos y trición a la máscaras en las bitácoras. In: OSWALD, M. L. M. B.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. **Narrativas digitais, memórias e guarda**. 1a. ed. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 232.

MURRAY, M. Levels of narrative analysis in health psychology, **Journal of Health Psychology**, v.5, n.3, p. 337-47, 2000.

NOGUEIRA, C. Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.24, n.2, p. 235-242, 2008.

NOVAES, J.; VILHENA, J. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. São Paulo, **Interações**, v.8, n.15, 2003.

OLIVEIRA, B. L. Blogs: constituição de si e memória do presente - nova forma de labor literário. In: OSWALD, M.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. **Narrativas digitais, memórias e guarda** Curitiba: CRV, p.101-122, 2014.

OLIVEIRA, G.F.; RIBEIRO, S. T. Sentimento da mulher após diagnóstico de câncer de mama: uma revisão integrativa da literatura. **VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**. v.3, ed. 02, p. 68-81, 2011.

ONCOGUIA, I. **5 coisas que você deve saber antes da radioterapia do câncer de vulva**. Disponível em: < <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/5-coisas-que-voce-deve-saber-antes-da-radioterapia-do-cancer-de-vulva/7651/420/>> Acesso em: 11 nov.2017

ONCOGUIA, I. **Mastectomia para câncer de mama**. Disponível em: < <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/mastectomia-para-cancer-de-mama/6564/265/>> Acesso em: 11 nov.2017

OSWALD, M. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K Introdução. In: OSWALD, M. L. M. B.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014

OUTUBRO ROSA. **História do Outubro Rosa**. Disponível em: <<http://outubrorosa.org.br/historia/>> Acesso em: 22 jun. 2017

PALMEIRA, L. V. S. Corpo feminino e (re) significações da beleza: um estudo sobre mulheres com câncer de mama em um grupo de apoio - Fortaleza/CE. Apresentação de Trabalho na **V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropólogos do Norte e e Nordeste**. 2015.

PATRÃO, I; LEAL, I. Abordagem do impacto psicossocial no adoecer da mama. **Psicologia, Saúde e Doenças**. v. 5, n. 1, p. 53-73, 2004.

PATRÃO, I. A. M. **O Ciclo Psico-Oncológico no Cancro da Mama**: Estudo do Impacto Psicossocial do Diagnóstico e dos Tratamentos. Dissertação de Doutorado em Psicologia Aplicada, na Especialidade de Psicologia da Saúde. Universidade Nova De Lisboa Instituto Superior Psicologia Aplicada, 2007.

PELAEZ DORO, M.; PASQUIN, R. O câncer e sua representação simbólica. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 120-133, 2004 .

GONÇALES PEREIRA, S. et al. Vivências de cuidados da mulher mastectomizada: uma pesquisa bibliográfica. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**. 2006.

PIERRET, J. The illness experience: state of knowledge and perspectives for research. **Sociol. Health Illn.**, v.25, p. 4 - 22, 2003.

PINTO, A.C. et al. A importância da espiritualidade em pacientes com câncer. **Rev. Saúde. Com**, v.11, n.2, p.114-122, 2015

PINTO, A. C.; MARTINS, D. F. Qualidade de vida subsequente à mastectomia: subsídios para intervenção psicológica. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 3-27, 2006.

PITTS, V. Illness and internet empowerment: writing and reading breast cancer in cyberspace. **Health: an interdisciplinary journal for the social study of health, illness and medicine**, v.8, n.1, p.33-59, 2004.

PORTAL IG. **Apple divulga a lista dos melhores aplicativos de 2011 para iphone.**

Disponível em <<http://tecnologia.ig.com.br/apple-divulga-lista-dos-melhores-aplicativos-de-2011-para-iphone/n1597403517704.html>> Acesso 14 abr. 2017.

POWERS, N.; GULLIFER, J.; SHAW, R. When the treatment stops: a qualitative study of life post breast cancer treatment, **Journal of Health Psychology**, 21, 7, p.1371–82, 2016.

QUEIROZ, E.; GIMENES, M.G.G. As diferentes fases de enfrentamento durante o primeiro ano após a mastectomia. In: Gimenes MG, organizadora. **A mulher e o câncer**. São Paulo: Psy II; 1997. p. 173-195.

RAMOS, B. F.; LUSTOSA, M. A. Câncer de mama feminino e psicologia. **Revista da SBPH**. Rio de Janeiro, v.12 n.1, 2009.

RASERA, E. F. A Psicologia Discursiva nos estudos em Psicologia Social e Saúde. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro, v..3, n.3, p.815-834, 2013

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, 2007.

RODRIGUES, D.F.; Silva, R.M.; Rodrigues, M. S. P. (2002). Relações de interdependência assumidas pelas mulheres mastectomizadas. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 6, (3), 437-449.

ROSEDALE, M. Survivor loneliness of women following breast cancer. **Oncology Nursing Forum**, v.36, n.2, p. 175–82. 2009.

ROSSI, L.; SANTOS, M. A. Repercussões psicológicas do adoecimento e tratamento em mulheres acometidas pelo câncer de mama. **Psicologia Ciência e Profissão**, v..23, n.4, p.32-41, 2003

SABBI, R. A. **Salvando a sua mama**: informações para as mulheres. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

SALCI, M.A.; MARCON, S.S. A convivência com o fantasma do câncer. **Revista Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 18-25, 2010.

SANT'ANNA, D.B. A Mulher e o Câncer na História. In: GIMENEZ, M.G.G, **A Mulher e o Câncer**. Campinas: Psy Ltda, 1997, p. 43-70.

SANTANA, J.J.R., ZANIN, C.R., MANIGLIA, J.V. Pacientes com câncer: enfrentamento, rede social e apoio social. **Paidéia**, São José do Rio Preto-SP, v. 18. N.40, p.371-384, 2008.

SCHULZE, C. M. N. As representações sociais de pacientes portadores de câncer. In: SPINK, M. J. **O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, p. 266-279.

SEVERIANO, M. d. **Narcisismo e publicidade**: uma análise psicossocial dos ideais. São Paulo: Annablume, 2001.

SEVERIANO, M. F.; ETRAMIANA, J. **Consumo, narcisismo e identidade contemporaneas**: uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: EDUERJ - Edit. da Univ. do Est. do Rio – UERJ, 2006.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, P. **O show do eu** - a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P. Autenticidade e Performance: a construção de si como personagem visível. In: OSWALD, M. L.; COUTO JUNIOR, D. R; WORCMAN, K. **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

SILVA, L. C. Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.13, n.2, p.231-237, 2008.

SILVEIRA, B. R. Blogando doenças crônicas: compartilhando vidas e dores. In: OSWALD, M. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014

SIMÕES, R. F. Memórias digitais: escritas sobre a vida escolar em redes sociais. In: OSWALD, M. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014

SIQUEIRA, K. M.; BARBOSA, M. A.; BOEMER, M. R. O vivenciar a situação de ser com câncer: alguns desvelamentos. **Rev Latino-americana Enfermagem**, v. 15, n.4, 2007

SOUZA, C. P. **A videobiografia como dispositivo de pesquisa-ação- formação**: uma prática educativa com adolescentes abrigados. 2014. 271 f. Tese (doutorado em educação) - Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

SPINK, P. Clientes, cidadãos, pacientes: reflexões sobre as múltiplas lógicas de cuidado na atenção à saúde. **Saúde Sociedade** v.24 supl 1, p. 115-123, 2015.

TRUSSON, D.; PILNICK, A. Between stigma and pink positivity: women's perceptions of social interactions during and after breast cancer treatment. **Sociology of Health & Illness**, v. 39, n.3, p.458-473, 2016.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v.5 n.1. 2005.

VILLAS BOAS, F. Imagens e palavras: reflexões sobre literatura e cinema. **Beleza Americana e o vazio do ser**. Disponível em: <http://obviousmag.org/imagens_e_palavras/2015/10/beleza-americana.html>. Acessado em 11 nov. 2017.

WORCMAN, K. Narrativas digitais: eu, nós e quem mais? A relação entre histórias de vida e museus digitais. In: OSWALD, M. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; WORCMAN, K. **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014

YI-FRAZIER, J.P., COCHRANE, K., MITROVICH, C. et al. Using Instagram as a modified application of PhotoVoice for storytelling and sharing in adolescents with type 1 diabetes. **Qual. Health Res.** v. 25, p.1372-1382, 2015.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: O ADOECER DE CÂNCER DE MAMA E INSTAGRAM: NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA NA ERA DO COMPARTILHAMENTO VIRTUAL

Responsável: Maria Camila Gabriele Moura

Prezada colaboradora,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “O ADOECER DE CÂNCER DE MAMA E INSTAGRAM: NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA NA ERA DO COMPARTILHAMENTO VIRTUAL”, sobre relatos pessoais contados por mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Este estudo faz parte de minha pesquisa de Mestrado em Psicologia, na Universidade Federal do Ceará e procura investigar como as novas tecnologias de produção e troca de imagens (como o Instagram) vem transformando as narrativas do adoecimento e enfrentamento dessa doença.

A pesquisa baseia-se na análise de imagens e textos obtidos de contas no Instagram de mulheres diagnosticadas e em tratamento contra o câncer de mama. Caso aceite participar, sua colaboração consistirá em:

- 1) Aceitar e assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- 2) Permitir que sejam selecionados para análise, com fins estritamente acadêmicos, imagens, narrativas e autodescrições de sua conta no Instagram;
- 3) Permitir que imagens e narrativas de seu Instagram sejam utilizadas em trabalhos científicos, conforme sua conveniência e conforto;
- 4) Receber o resultado da pesquisa pela pesquisadora responsável;
- 5) Se for de seu interesse, avaliar, comentar e criticar os resultados do estudo oralmente ou por escrito, para a pesquisadora responsável.

Lembramos que os dados gerados por este estudo serão analisados respeitando todas as normas de recomendações relacionadas à pesquisa com seres humanos, de acordo com os princípios éticos contidos na Resolução N °466/2012 com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde. Garantimos o sigilo de seu nome e o uso de suas respostas e imagens para fins estritamente acadêmicos.

Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam

esclarecidos. Fique à vontade para responder ao questionário da forma como compreender as perguntas. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Usuárias da rede social virtual Instagram, que publicam imagens e textos referentes ao diagnóstico, tratamento e experiências ligadas ao câncer de mama. Participarão da pesquisa somente as voluntárias que, convidadas a colaborar, concordem com as condições contidas neste Termo.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Na condição de mulher, com diagnóstico de câncer de mama, usuária do Instagram e que compartilha imagens e relatos de sua experiência com a doença, você deve: 1- Permitir que a equipe de pesquisadores selecione e analise para fins estritamente acadêmicos imagens, narrativas e autodescrições de sua conta; 2- Autorizar que imagens e textos de seu Instagram e suas respostas ao questionário sejam utilizadas em trabalhos científicos, conforme sua conveniência e conforto.

Espera-se que os dados coletados possam esclarecer sobre as mudanças atuais nas formas de enfrentar e narrar a doença resultantes da comunicação mediada por computadores e da troca de fotografias digitais. Lembramos que você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda deixar de colaborar em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Além disso, ainda tem o direito de ficar com uma das vias do termo de consentimento, o qual pode ser impresso. Sempre que quiser você poderá pedir à pesquisadora responsável mais informações sobre a pesquisa por e-mail (mouramariacamila@gmail.com) e por celular (85-997892717).

3. RISCOS E DESCONFORTOS: A participação nesta pesquisa não traz complicações, exceto talvez, algum constrangimento que você possa sentir quando se fornecem informações pessoais. Caso se sinta, em algum momento, desconfortável, pode solicitar a interrupção ou até mesmo, o encerramento de sua participação na pesquisa. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco a sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Seu nome, endereço e outros dados de identificação não serão mencionados em nenhum trabalho científico derivado da pesquisa. Serão usados nomes fictícios para as participantes, terceiros e locais citados no Instagram, para preservação do anonimato dessas pessoas. Ao aceitar esse Termo, você aceita que imagens e textos do Instagram sejam usados em trabalhos estritamente acadêmicos tais como congressos,

seminários e artigos em periódicos científicos. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. **BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que sua colaboração nos forneça dados importantes acerca de como o uso dos sites de redes sociais afeta a experiência de adoecimento na era digital, repercutindo nas formas como contamos nossas histórias.

6. **PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nenhum valor será pago por sua participação. Entretanto, terá acesso a cópia do relatório final da pesquisa contendo os resultados do estudo. Também poderá avaliar, comentar e criticar o estudo enviando mensagem para o e-mail da pesquisadora responsável (dados abaixo).

Endereço da responsável pela pesquisa (res.): Rua Doutor Gilberto Studart, 1403. Apt.1102 – Cocó. Fortaleza/CE

Nome: Maria Camila Gabriele Moura

Instituição: Universidade Federal do Ceará – Depto. de Psicologia

Endereço: Av. da Universidade 2762 – Benfica – Fortaleza - CE

Telefones p/contato: (85) 98745-3313

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Após lido e compreendido, eu aceito e tenho ciência dos termos presentes no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e nos "Termos e Condições Gerais" desta pesquisa.

SIM

NÃO

APENDICE B - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO.

Declaro que é de minha livre e espontânea vontade que estou participando como voluntária da pesquisa O ADOECER DE CÂNCER DE MAMA E INSTAGRAM: NARRATIVAS DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM CÂNCER DE MAMA NA ERA DO COMPARTILHAMENTO VIRTUAL, conduzido por Maria Camila Gabriele Moura, pesquisadora responsável pela aplicação deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e

por todas as demais etapas deste estudo. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo e que, após sua leitura, estou ciente que posso fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e que a pesquisadora está à disposição para responder por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, receber uma via deste Termo pela pesquisadora responsável por e-mail.

Declaro, ainda, que li os termos e condições gerais.

Declaro ter ciência dos termos e condições gerais e firmo expressamente o meu consentimento em participar como sujeito da pesquisa.

SIM

NÃO

APENDICE C - FORMULÁRIO DIGITAL COM DADOS PESSOAIS DAS PARTICIPANTES

Por favor, preencher os dados abaixo.

*Obrigatório

Nome: * Sua resposta

Data de Nascimento: * Data dd/mm/aaaa

Mês e Ano do Diagnóstico: * Sua resposta

Cidade Natal: * Sua resposta

E-mail: * Sua resposta

APENDICE D - RESPOSTA DAS PARTICIPANTES

Nome	Data nascimento	Mês e ano do diagnóstico	Cidade natal	Declaro ter ciência dos termos e condições gerais e firmo expressamente o meu consentimento em participar como sujeito da pesquisa.
<i>Instagram 1</i>	30/05/1986	Agosto de 2016	Goiânia – GO	Sim
<i>Instagram 2</i>	07/01/1984	Abril de 2017	São Paulo – SP	Sim
<i>Instagram 3</i>	01/07/1991	Maior de 2016	Boa Vista – RR	Sim

<i>Instagram 4</i>	02/03/1987	Julho de 2016	Rio de Janeiro - RJ	Sim
<i>Instagram 5</i>	01/02/1964	Outubro de 2017	Aracaju- SE	Sim
<i>Instagram 6</i>	23/06/1967	Abril de 2015	Belo Horizonte - MG	Sim
<i>Instagram 7</i>	19/06/1986	Abril de 2011/fevereiro 2016	Recife - PE	Sim
<i>Instagram 8</i>	26/03/1990	Março de 2017	São Caetano do Sul - SP	Sim
<i>Instagram 9</i>	16/12/1991	Abril de 2016	Cachoeiro de Itapemirim - ES	Sim
<i>Instagram 10</i>	10/12/1981	Junho de 2014	Belo Jardim - PE	Sim